

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JULYANA KETLEN SILVA MACHADO

“HOJE É DIA DE PASSAGEM!”:
**Uma etnografia sobre a construção de laços entre pessoas e entidades a
partir de uma prática religiosa doméstica**

SÃO LUÍS
2023

JULYANA KETLEN SILVA MACHADO

“HOJE É DIA DE PASSAGEM!”:
Uma etnografia sobre a construção de laços entre pessoas e entidades a partir de uma prática religiosa doméstica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGSOC) da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Martina Ahlert

SÃO LUÍS
2023

**“HOJE É DIA DE PASSAGEM!”:
Uma etnografia sobre a construção de laços entre pessoas e entidades a
partir de uma prática religiosa doméstica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGSOC) da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Martina Ahlert

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Martina Ahlert (Orientadora)
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFMA

Profa. Dra. Miriam Cristina Marcílio Rabelo
Universidade Federal da Bahia – UFBA
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. João Leal
Universidade Nova de Lisboa
(Examinador Externo)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Machado, Julyana Ketlen Silva.

“Hoje é dia de passagem!”: Uma etnografia sobre a construção de laços entre pessoas e entidades a partir de uma prática religiosa doméstica / Julyana Ketlen Silva Machado. - 2023. 141 p.

Orientador(a): Martina Ahlert.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/CCH, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, 2023.

1. COTIDIANO. 2. ENTIDADES. 3. LAÇOS.
4. PESSOAS.

I. Ahlert, Martina. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Escrevo para agradecer aqueles que estiveram comigo durante essa longa caminhada. Escrevo para agradecer a paciência, a escuta, os abraços, os (en)laços, os choros compartilhados, as aprendizagens e ensinamentos. Aos que cruzaram meu caminho por suas diferentes linhas, aos que passaram por mim e decidiram permanecer e também aos que seguiram.

Início agradecendo a Exú, guardião de todos os caminhos que percorro, que me conduziu, abriu portas e me garantiu passagem;

A Oxum, minha mãe, que fortaleceu meu ori, me protegeu com sua armadura e me lavou em suas águas sempre que necessitei durante todos esses anos de mestrado.

À professora Martina Ahlert, por tudo que ela representa com maestria e pela qualidade acadêmica que me guiou. Pelas cuidadosas e preciosas observações feitas em todo o processo de escrita, sobretudo, pela confiança e paciência quando essas me faltavam. Obrigada por todos os momentos de fortalecimento, acolhida e respeito ao meu ori. Agora eu entendo completamente por que é a palavra ORI que inicia a palavra pela qual honradamente posso chamá-la: **ORIENTADORA**.

À professora Miriam Rabelo e ao professor João Leal por aceitarem fazer parte desta passagem, pela leitura atenciosa e comentários do material apresentado na qualificação.

À CAPES (Coordenação para Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) eu agradeço pela concessão de bolsa de estudos, tornando possível atravessar esse período de formação em tempos tão difíceis, de tanto retrocesso e de desmonte da educação pública.

Aos meus companheiros do curso de pós-graduação por compartilharem comigo os momentos de angústia e de alegrias no decorrer dessa luta que às vezes parecia não ter fim, e que sozinha jamais seria possível. É uma vitória nossa!

À família acadêmica, minha filiação intelectual, o Laboratório de Estudo em Antropologia Política e todos que o constitui como fundamentais para minha formação acadêmica. Agradeço por todos os conhecimentos partilhados.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelas enriquecedoras contribuições e, sobretudo, pela compreensão em tempos difíceis. Se cheguei até aqui foi também pelo apoio, confiança e generosidade de todos vocês.

Aos meus familiares e interlocutores, que cotidianamente acreditaram neste trabalho. A Fran, Thiago, Elisa, Nando, Maria Clara e Ana Luz, obrigada pela morada.

Às entidades com quem convivi durante o campo e convivo cotidianamente por me erguerem em momentos de fraqueza e pela confiança, até hoje, inabalável. Essa pesquisa só foi possível porque vocês me permitiram caminhar e passar por ela.

Aos meus pais Iranilda e Machado, sou grata por todos os esforços para que eu chegasse até aqui. Sei do quanto abdicaram para ver tuas filhas crescerem e trilharem seus caminhos. Eu amo vocês mais que tudo.

A minha irmã, Julyany, e aproveito para estender a tantos amigos, agradeço por entenderem as minhas ausências para me dedicar a essa pesquisa e por acreditar tanto na sua ninina.

A Déborah, Emanuelle e Pedro, amigos da graduação e companheiros de vida, meus eternos agradecimentos. Muitas ideias e aprendizados compartilhados estão presentes nas mais diversas linhas deste trabalho. Ele só foi concluído também pela força e incentivo de cada um de vocês.

Por último mas não menos importante, ao meu velho Zequinha (de Légua). Escrevo essas palavras em tom alto para que, de onde quer que estejas, me escute agradecendo por ter me mostrado a beleza e potência da *passagem*. O senhor já havia me anunciado esse momento e por acreditar tanto em suas palavras, não desisti. Essa conquista é nossa.

IBA – SAUDAÇÕES

Mo juba akoda
Mo juba aseda
Atiyo ojo
Otiwo oorun
Ikorita meta ajalaye
Enyin Baba-nla mi, iba
Iba ni mo wa fi ighayije
Ki nto maa lo
E ma je iba naa o wun mi
Bi ekolo ba juba He,
lie a lanu fun
Iba ni mo je o,
E la na ko mi.
Ase.

*Eu saúdo os primórdios da Existência.
Saúdo o Criador.
Saúdo o sol nascente.
Saúdo o sol poente.
Saúdo as três encruzilhadas que unem o mundo visível ao invisível.
Meus antepassados, eu os saúdo.
Meu tempo presente é para fazer saudações.
Antes que eu inicie minha caminhada,
Não deixem de ouvir minhas saudações e me abençoem.
Quando a minhoca saúda a terra,
A terra se abre para que ela entre.
Eu os saúdo.
Abram caminho para mim.
Assim seja¹.*

¹ Pedido de permissão aos mais velhos e aos ancestrais para começar os trabalhos (RIBEIRO, 1998, p. 56).

CONVENÇÕES

Todas as palavras em itálico são categorias êmicas.

Faço o uso de aspas simples e em itálico para termos e falas, curtas ou longas, extraídas de contextos etnográficos (dos meus parentes, amigos e entidades).

Incorporar, baixar, manifestar, receber, passar, descer, subir, vir em cima e suas conjugações verbais referem-se à utilização do corpo do médium pela entidade para materializar-se, seja ela por meio de experiências corporalmente observadas, seja por denotar outras formas de aparição, como o *manifestar*.

As fotografias não apresentam legendas no texto, possuindo apenas referência no índice de imagens para que não atrapalhem a fluidez do texto, mas também por uma preferência estética.

RESUMO

A presente dissertação objetiva compreender como os laços entre pessoas e entidades se constroem, intensificam e se configuram a partir de uma prática religiosa doméstica que é realizada no cotidiano e é impulsionada por ele. O cotidiano aparece enquanto um espaço em que a religião se manifesta de forma mais efusiva, e meu foco neste trabalho é uma casa que passa a realizar um ritual denominado de *passagem* para o desenvolvimento de entidades e pessoas e ganha força durante a pandemia de Covid-19. Pessoas e espíritos compartilham o dia a dia, cujas experiências permitem compreender, entre outras questões, relações de pertencimento, filiação, respeito, solidariedade, confiança e devoção. Igualmente remetem a relações de conflito e poder presentes nas configurações de parentesco de sangue e de santo. Nesse sentido, a casa representa um lugar de encontro e coabitação capaz de mobilizar elementos significativos sobre a vida humana e sua relação com o sagrado.

Palavras-chave: Pessoas; Entidades; Laços; Cotidiano; Conflito.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand how the bonds between people and entities are built, intensified, and configured from a domestic religious practice that is carried out in everyday life, and is driven by it. Everyday life appears as a space in which religion manifests itself more effusively and my focus here is a house that starts to carry out a passage for the development of entities and people, during the Covid-19 pandemic. People and spirits share everyday life, whose experiences allow us to understand, among other issues, relationships of belonging, affiliation, respect, solidarity, trust, devotion - and, equally, relationships of conflict and power present in the configurations of blood and spiritual kinship. In this sense, home represents a place of meeting and cohabitation capable of offering significant elements about human life and its relationship with the sacred.

Keywords: People; Entities; Bonds; Daily; Conflict.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	“ <i>A casa da Fran</i> ” (Foto da autora)	53
Figura 2	Croqui <i>Casa da Fran</i> (Anna Elisa, interlocutora)	53
Figura 3	Noite de <i>passagem</i> (Foto da autora)	71
Figura 4	Os médiuns e suas <i>panas</i> (Foto da autora)	74
Figuras 5, 6, 7 e 8	O companheirismo do cachorro, Evvee (Foto da autora)	76, 77
Figura 9	A chegada do caboclo Aymoré (Foto da autora)	78
Figura 10	A chegada da caboca Jacira (Foto da autora)	78
Figura 11	A chegada do caboclo Itabitinga (Foto da autora)	79
Figura 12	Seu Aymoré trabalhando (Foto da autora)	80
Figura 13	Saudação à porteira (Foto da autora)	81
Figura 14	Mulambo e sua taça (Foto da autora)	83
Figura 15	Mulambo e suas rosas (Foto da autora)	83
Figura 16	Exu Morcego e sua capa (Foto da autora)	83
Figura 17, 18	A dança das <i>bombogiras</i> (Foto da autora)	86
Figura 19	Cadê sua <i>bombogira</i> que eu não vejo ela aí? (Foto da autora)	86
Figura 20	Cadê o seu exu que eu não vejo ele aí? (Foto da autora)	87
Figuras 21, 22 e 23	A dança das moças (Foto da autora)	87, 88
Figura 24	Povo de Légua (Foto da autora)	90
Figura 25	Mariazinha (Foto da autora)	92
Figura 26	Passagem de desenvolvimento (Foto da autora)	102
Figura 27	Dona Cigana <i>consultando</i> (Foto da autora)	107
Figura 28	Dona Cigana acolhendo (Foto da autora)	107
Figura 29	Batismo (Déborah Arruda, interlocutora)	114
Figura 30	Consagração (Déborah Arruda, interlocutora)	115
Figura 31	Pedro <i>Omokutena</i> (Déborah Arruda, interlocutora)	115
Figura 32	André <i>Omokutena</i> (Déborah Arruda, interlocutora)	115
Figura 33	Yasmin <i>Omokutena</i> (Déborah Arruda, interlocutora)	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
1.1 MODULANDO COMEÇOS E SENTIMENTOS: A CHEGADA NA <i>NAÇÃO OMOKUTENA</i>	8
1.2 EM PRIMEIRA PESSOA: (RE) DEFININDO O ‘OBJETO’ DE PESQUISA	11
1.3 MEU LUGAR: PESQUISADORA, IRMÃ, TIA, COMADRE, MADRINHA, AMIGA	17
1.4 NOTAS SOBRE A PESQUISA	22
1.5 COSTURANDO OS CAPÍTULOS	25
2. O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL E SUAS IMPLICAÇÕES	27
2.1 ANDANÇAS	28
2.2 BATISMO: A “ <i>ORDEM SAGRADA</i> ” DOS <i>OMOKUTENAS</i>	37
2.3 RETOMANDO OS PRIMEIROS PASSOS	52
3. UMA CASA PARA PESSOAS E ENTIDADES	56
3.2 “ <i>ASSIM QUE THIAGO VOLTAR A RECEBER VAMOS AVISAR</i> ”: RELAÇÕES DE RESPEITO E CUIDADO	61
3.3 “ <i>EIRA LEMBÁ E KISSIMBI</i> ”: NOVAS COMPOSIÇÕES E APRENDIZAGENS	66
3.4 A <i>PASSAGEM</i>	71
3.4.1 Organização e realização: uma noite de <i>passagem</i>	72
4. FAMÍLIA E PARENTESCO: AFETAMENTOS, VÍNCULOS E CONFLITOS	94
4.1 “ <i>ERA SÓ UMA VISITINHA, AGORA TÔ TODO VESTIDO DE BRANCO</i> ”: SOBRE A CHEGADA E O APRENDIZADO	95
4.2 “ <i>A FAMÍLIA TÁ CRESCENDO. AQUI É UMA COMUNIDADE</i> ”: APROXIMAÇÕES E AFETOS	104
4.3 “ <i>MINHA CASA NÃO É TERREIRO!</i> ”: CONFLITOS E DISPUTAS	115
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130

1 INTRODUÇÃO

1.1 MODULANDO COMEÇOS E SENTIMENTOS: A CHEGADA NA *NAÇÃO OMOKUTENA*

No segundo semestre de 2017 recebi um convite de uma prima paterna, Karina, para visitar um terreiro de uma religião afro-brasileira. Dois amigos dela faziam parte da casa. O terreiro era a *Nação Omokutena*, localizado no Residencial Pirâmide, bairro do Paço do Lumiar (município do estado do Maranhão, pertencente à região metropolitana de São Luís). Eu não conhecia o terreiro e nem o bairro (Pirâmide), mas o nome automaticamente me despertou a curiosidade. Aceitei o convite. Naquele ano, morávamos próximas (Bairro de Fátima) e a distância até o terreiro, pegando a menor e melhor rota possível, equivaleria a 20 quilômetros. Sem condução própria, levaríamos por volta de duas horas para chegar de transporte público. Mesmo sem saber como seria esse deslocamento, já que nunca havíamos andado por aquela região, a nossa ida era algo acertado.

No mesmo dia que Karina me convidou, comentei com a minha irmã materna mais velha, Fran, que no sábado iria visitar um terreiro. Ela se interessou e eu disse que pediria a Karina para perguntar aos seus amigos se teria algum problema que ela fosse conosco. Como eles afirmaram que não, e Fran possuía veículo próprio na época, combinamos de ir todas juntas, motivo de felicidade para mim e Karina, já que o “problema” do deslocamento estava findado. Na hora que nos encontramos, tive a surpresa de ver Thiago, um dos meus sobrinhos, junto com Fran, indo pela primeira vez em um terreiro.

Era sábado por volta das 19 horas quando chegamos na Omokutena. Ficamos impressionados com o tamanho da área e eu fiquei curiosa para saber do que se tratava algumas construções distribuídas no terreno. Ficamos sentadas por quase uma hora em um batente de cimento que fica de frente para a entrada de uma das áreas construídas, vendo a movimentação daqueles que se preparavam para o ritual. Logo notei que o nome do terreiro estava pintado em uma das paredes: *Comunidade Cristã Umbandista do Brasil - Nação Omokutena*. Deduzindo pelo nome, enfim compreendi que estávamos em um terreiro de umbanda e agora só me restava saber o significado do termo *Omokutena*, mas muito envergonhada, protelei para perguntar. Todos que nos viam, chegavam perto com um sorriso no rosto para cumprimentar e dar boa noite, algumas vezes estendiam suas mãos para pedir/dar a benção seguido de um: “*Sejam bem-vindos*”. Foi exatamente assim que nos sentimos, estávamos à vontade, embora ainda tímidos.

Às 21 horas fomos avisados que poderíamos entrar no *salão*, tiramos nossos calçados - porque vimos que as pessoas assim o faziam na porta - e entramos. Essa área tem um espaço com cadeiras de plástico para os *visitantes* e é separado de onde o ritual é realizado. Por estarmos em um lugar mais alto, Fran brincou dizendo que estava se sentindo em um camarote, já que conseguia ter a visão de todo espaço do salão que ficava à mostra.

Os minutos foram passando e estranhamos o que estava acontecendo. Não pelo ritual em si, mas sim pelas expectativas que nós criamos tendo em vista nossas experiências em outros terreiros. Esperávamos um toque de tambor com entidades cantando e dançando com suas roupas e guias coloridas pelo salão, mas nos deparamos com um ritual denominado, por aqueles do terreiro, como *mesa branca*. Os médiuns estavam sentados todos de branco em círculo e depois de quase uma hora fomos chamados individualmente para fazer parte do ritual e ser atendidos por aqueles que já se encontravam incorporados. Por curiosidade, todos nós aceitamos o convite.

Essa foi minha primeira visita ao terreiro da Nação Omokutena, parte importante do processo que me conduziu à escrita desta dissertação no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Para trazer a lembrança desse dia, recorri àqueles que estavam comigo. Perguntei para Karina, Fran e Thiago o que lembravam, já que eu mesma não consigo recordar do que me foi dito. Thiago lembrou que foi realizada uma *cirurgia astral* na região da sua barriga e que as entidades presentes diziam que ele tinha uma linda caminhada pela frente e que deveria seguir sua estrela. A única coisa que lembro nessa ocasião, é o choro desesperado de Fran, que assim como eu e Karina, também não estava compreendendo o que acontecia. Thiago foi o que mais demorou entre os médiuns. Karina disse que a única recordação que carrega desse momento era a de estar “*em choque*” pela sua primeira experiência com esse ritual, embora não recorde do que foi dito.

Assim que a *mesa branca* foi encerrada pelo pai de santo, nos deram um copo de água para que tomássemos três goles, com exceção de Thiago que deveria tomar quatro. Mais uma vez fiquei curiosa e minha irmã preocupada, questionando: “*Por que ele vai tomar quatro, se nós só tomamos 3? O que está acontecendo, minha irmã?*” – me perguntou com a esperança de que eu soubesse a resposta. Mas eu não fazia ideia do significado, pois aquilo também era novo para mim.

Após tomarmos a água, voltamos a sentar no batente com a cabeça fervilhando de curiosidade. Lucas, um dos amigos de Karina, sentou conosco e pediu que esperássemos um

pouco, pois o encantado² Manezinho de Légua *em cima* do pai de santo, Cláudio Moreno, queria falar conosco. Eu e Fran ficamos entusiasmadas, pois já conhecíamos o encantado de outros terreiros, em cima de outros *cavalos* (como se denomina quem incorpora as entidades). Era o “Maneco”, como carinhosamente chamamos. Karina já o conhecia por nome, de tanto que seus amigos já haviam lhe contado histórias. Quando Manezinho se aproximou de nós, perguntou se gostamos do ritual e disse estar muito grato pela nossa presença.

Após alguns minutos de conversa, Maneco nos convidou para ir com ele para a sua outra casa (residência em que o pai de santo morava com sua família). Algumas pessoas disseram que poderíamos considerar esse convite como um presente, pois não era comum ele chamar visitantes para lá; considerando ainda o fato de ele não nos conhecer, já que era nossa primeira vez naquele terreiro. Lembro que eu sorri e brinquei: “*mas quem disse que a gente não se conhece?*”. Quando chegamos fomos direto para a parte do quintal. Sentados em forma de círculo, ele nos colocou em sua frente, determinando a cadeira em que cada um se sentaria. Ficamos horas conversando sobre assuntos diversos: saúde, amores, família, espiritualidade, dinheiro e até minha carreira profissional, que na época estava desvinculada à carreira acadêmica, mas que para ele era o caminho que eu deveria seguir.

Thiago recebeu de Maneco o apelido de *estrelinha*, sua *estrelinha*. E, embora fosse a primeira vez dele no terreiro, o encantado afirmou que já o conhecia de *outros tempos*. Os olhos de Thiago brilhavam acompanhados de um sorriso tímido, enquanto Fran não fazia a mínima questão de esconder a sua emoção por ver seu filho ser tratado com tamanho carinho por um encantado que ela tanto admirava.

Não vimos o tempo passar, nos dando conta da hora somente quando a luz do sol já refletia em nossas vistas cansadas, ainda que atentas. O sol esquentou e decidimos que era o momento da despedida, então Manezinho disse que as portas de suas casas sempre estariam abertas quando quiséssemos voltar. Acreditando nisso, dissemos que nos veríamos mais vezes. Fomos embora com uma única certeza: não víamos a hora de voltar. Eu, por curiosidade em saber do que se tratava a *Omokutena* - sem que o tivesse atrelado ainda a qualquer proposta de trabalho científico nesta direção - e os demais, pelo encantamento com essa recepção. Após

² Acredita-se que os encantados sejam espíritos de pessoas que já viveram e transcenderam o momento da morte, encantaram-se. Durante a pesquisa de campo ouvi uma encantada afirmar que já foi terrena, mas havia se encantado, se transformado e que agora podíamos aproveitar de sua presença através do corpo em que estava. Segundo Mundicarmo Ferretti (2000), “apesar de serem totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se ‘visíveis’ quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade” (p. 15). Como exemplo, temos o encantado Manezinho de Légua, considerado um dos principais filhos de seu Légua (entidade da linha da mata da Encantaria Maranhense) e manifestando-se no pai de santo Cláudio Moreno, possui grande poder de decisão e chefia no terreiro.

esse dia, a nossa presença no terreiro e na casa de alguns filhos de santo passou a fazer parte de uma rotina quase que semanal e nos levou a um caminho que certamente não planejamos.

1.2 EM PRIMEIRA PESSOA: (RE) DEFININDO O ‘OBJETO’ DE PESQUISA

Sérgio Ferretti (1992; 2009) foi um dos primeiros autores a questionar o pouco interesse que antropólogos dedicados aos estudos das religiões afro-brasileiras tinham em contar sobre sua chegada e a forma como tiveram acesso ao terreiro pesquisado, e é por esse motivo que iniciei narrando a minha primeira ida ao espaço que me faria chegar até aqui, embora ainda seja necessário contextualizar acerca da minha trajetória que tornou possível chegar ao tema que será apresentado.

Adentrei ao universo das religiões afro-brasileiras ainda na graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão. A primeira vez que eu estive em um terreiro de umbanda foi aos 18 anos no 3º período da graduação, em 2012, inicialmente para obtenção de nota em duas disciplinas da grade curricular do curso. Posteriormente, durante dois anos, fui conhecendo alguns terreiros de tambor de mina para o desenvolvimento de pesquisas de Iniciação Científica que realizei na condição de bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Tecnologia do Maranhão (FAPEMA). Conheci terreiros que cultuam diferentes religiões afro-brasileiras, o que considero fator importante nessa minha caminhada que é tão anterior quanto posterior a uma escrita final, pois os efeitos de cada andança nunca cessam.

Encerrei a graduação em 2016 defendendo um trabalho de monografia que refletia sobre a relação de um líder de terreiro de umbanda e “suas” entidades, à medida que elas participavam da definição do fluxo de sua trajetória. Em 2019, assim que o edital do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi publicado, decidi participar da seleção com um projeto de pesquisa etnográfica que objetivava analisar como aconteciam os encontros entre elementos de diferentes

religiões afro-brasileiras (como a umbanda omolocô³, o candomblé de Angola⁴, a pajelança⁵ e a jurema⁶) na *Nação Omokutena*.

Eu já havia estabelecido uma ótima comunicação com os humanos e não humanos desse espaço religioso (a *Nação*, no Residencial Pirâmide), inclusive me tornado madrinha duas vezes: Fran e Thiago haviam se tornado filhos da casa oficialmente em 2018, quando decidiram se batizar e me fizeram o convite para apadrinhá-los. Esse título foi importante para que eu pudesse ser reconhecida enquanto alguém do terreiro e fosse vista como uma pessoa confiável. Com o tempo fui conhecendo e presenciando multiplicidades, sejam elas vistas nos rituais das diferentes religiões cultuadas na *Omokutena* ou na presença de entidades (caboclos, encantados, exus, bombogiras, pretos-velhos, boiadeiros, baianos, erês, ciganos, marinheiros, orixás etc.). Mesmo sabendo que é uma tarefa quase impossível apreender a multiplicidade da prática afro religiosa, uma vez que seu universo ritualístico é “amplo e diversificado” (ORTIZ, 1991, p. 93), queria compreender antropologicamente seus significados e o sentido social adquiridos por meio e a partir dos rituais religiosos.

Após ter tido aprovação no processo seletivo para o mestrado, iniciei as aulas na primeira semana de março de 2020. Nesse momento, mudanças a nível global estavam acontecendo. Tivemos nossas vidas atravessadas pela pandemia causada pelo novo coronavírus Sars-Cov-2, popularmente conhecido como Covid-19. Com os surtos da doença se multiplicando e se espalhando descontroladamente, encontramos universidades suspendendo suas aulas presenciais alterando todo o calendário acadêmico. Sofremos com os números de vidas perdidas que batiam recorde a cada novo nascer do sol, escutávamos os jornais anunciando a taxa de desemprego ganhar proporções incalculáveis, nos deparamos com espaços religiosos fechando suas portas. Estávamos e ainda estamos presenciando tantas outras camadas

³ A Umbanda Omolocô é identificada por apresentar uma grande influência cultos do candomblé. Na *Nação*, há a presença das características do candomblé Angola.

⁴ “O candomblé de ‘nação’ Angola, de origem banto, adotou o panteão dos orixás iorubás [...] Nessa ‘nação’, tem fundamental importância o culto dos caboclos, que são espíritos de índios, considerados pelos antigos africanos como sendo os verdadeiros ancestrais brasileiros, portanto, os que são dignos de culto no novo território em que foram confinados pela escravidão” (PRANDI, 1996, p. 66).

⁵ Ritual de herança indígena, embora na *Nação Omokutena* também esteja relacionada ao Tambor de Mina, sua realização objetiva “à cura de feitiço” ou para “dar passagem” a entidades espirituais como Rei Sebastião, princesas, caboclos e outras, algumas vezes encantadas em animais (pássaros, peixes, répteis e mamíferos)” (FERRETTI, 2014).

⁶ Jurema é um culto de incorporação, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado nos cultos dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes do culto, como juremeiros e catimbozeiros. [...] o culto da jurema caracteriza-se, ainda, pela ingestão de uma bebida sagrada, feita com a casca da árvore e que tem por finalidade propiciar visões e sonhos, e pelo uso intensivo do fumo, utilizado na defumação feita com a fumaça dos cachimbos (ASSUNÇÃO, 2006, p. 19).

de vulnerabilidade que apareciam e continuam sendo expostas até o momento desta escrita, afinal o capitalismo também é patológico.

Não há como explicar a vida atual sem relacioná-la à Covid-19. O meu projeto inicial aprovado no seletivo de mestrado teve de ser alterado devido às impossibilidades de se fazer pesquisa: o terreiro estava de portas fechadas e o isolamento territorial (*lockdown*) não tinha seu término previsto. Certa de que não havia como pensar na realização da pesquisa de campo vivendo com a incerteza da vida e devidamente sendo orientada, o primeiro ano da pós-graduação foi dedicado à finalização das disciplinas em um ensino conduzido à distância e com diversas limitações. Sem poder adiar mais e não tendo tido resposta positiva sobre uma outra possibilidade de pesquisa, em junho de 2021 passei a valorizar enquanto um campo possível de ser estudado antropológicamente o que vinha acontecendo na “*casa da minha irmã*” e que estava completamente relacionado ao projeto inicialmente aprovado.

Fran mora com seus três filhos: Fernando, Thiago e Maria Clara; sua nora Elisa, a neta Ana Luz e mais dois cachorros que também constituem a família em uma residência localizada em um condomínio de casas no bairro Forquilha na cidade de São Luís (MA). Thiago e Elisa, sua companheira, começaram fazendo *passagem* (um ritual com a presença das entidades) no terraço de casa como forma de *desenvolvimento* (na religião), recebendo humanos que lhes procuravam por motivos diversos e uma infinidade de entidades atuantes na umbanda, que passaram a compor e alterar o cotidiano da família. A *passagem* configura-se enquanto uma prática religiosa doméstica em decorrência da necessidade do *desenvolvimento* do médium e entidades, mas que é capaz de gerar resultados além do seu objetivo principal.

Antes da pandemia de Covid-19 eu poderia considerar essa prática como paralela às do terreiro. Eles frequentavam a Nação Omokutena na Pirâmide e faziam a *passagem* em casa, mas a partir de 2020, essa atividade se tornou a principal. Durante esse período, novas formas de se relacionar com a própria família e com o sagrado foram sendo mobilizadas. Trata-se, ademais, de um contexto no qual todos aqueles que habitam a residência tiveram suas vidas e rotinas atravessadas.

O espaço que sempre foi “*a casa da minha irmã*” ou “*a casa da Fran*” passou a ter novos donos e habitantes. O momento indispensável para compreender como foram sendo mobilizadas e estabelecidas as relações entre humanos e espíritos é a *passagem*, ritual que foi aconselhado por um *irmão de santo*, - com a devida autorização do *pai de santo* - a Thiago. Inicialmente sugerida como uma prática de aprendizado, aproximação com as entidades e *desenvolvimento*, a *passagem* se tornou ainda um espaço de acolhimento, ensinamento, cuidado, refúgio, (des)encontros e fortalecimento de vínculos.

Na umbanda que conheço em São Luís, entende-se que a pessoa deve se *desenvolver* processualmente, o que significa também aprender a doar-se como instrumento da entidade que o incorporará. Isso pode ocorrer de forma consciente, semiconsciente ou inconsciente. Para aqueles que não incorporam, o desenvolvimento se dá na condução de sua própria vida com práticas diárias de autocuidado e cuidado do outro. Para ambos os contextos, desenvolver é ligar-se ao sagrado, aprender sobre si e sobre as forças dos guias, bem como apreender um certo conhecimento religioso. A *passagem* que em 2019 era apenas para o Thiago e uma única entidade que ele *recebia*, se tornou um momento para que outras pessoas e entidades também pudessem aparecer e se *desenvolver*.

Esta dissertação teve como ponto inicial três inquietações dirigidas ao cenário acima descrito que aqui abordo como contexto de pesquisa: 1) De que modo a convivência com os espíritos afetava a organização e as relações cotidianas das famílias que frequentam as *passagens*; 2) O que levou todos esses humanos e não humanos a frequentarem e permanecerem em um ritual guiado por dois jovens cujas idades são 20 e 19 anos em um espaço domiciliar; 3) E em que momento esse jovem casal e “suas” entidades passaram, para além de ser considerados pai e mãe formando assim uma *família do axé*, a ser responsáveis por trazer a existência de outros seres em suas vidas (estando em um lugar que não é o terreiro e não sendo pai e mãe de santo, pois, para se alcançar esses títulos é necessário passar por iniciações específicas ainda não realizadas por eles).

As *passagens*, comemorações de aniversários, conquistas pessoais e profissionais, conversas com as entidades, saídas coletivas, demonstrações de afeto presenciais e virtuais, permissões, conselhos, puxões de orelha e conflitos passaram a ser observadas sob uma perspectiva antropológica. Momentos que sempre apresentaram aspectos significativos e com poder de combinações, ajustes e mudanças no cotidiano, me mostraram uma certa preciosidade para que eu pudesse compreender a dinâmica e as implicações advindas dos laços criados a partir da *passagem*. Situações que já não me eram desconhecidas passaram a ser sentidas e observadas a partir de outras perspectivas que não só a de alguém da família consanguínea.

Iniciei a pesquisa de campo para a dissertação em junho de 2021. Apesar das *passagens* terem sido programadas para seguirem um cronograma semanal, elas tiveram diversas alterações, passaram a ser planejadas e replanejadas constantemente, à medida que o dinheiro não era suficiente para comprar os materiais utilizados no ritual; as pessoas adoeciam e precisavam voltar ao isolamento social; os consulentes e médiuns apareciam com situações que precisavam ser resolvidas de modo imediato; os conflitos surgiam afetando diretamente o *equilíbrio* dos médiuns, dentre outras situações que serão discutidas no decorrer dos capítulos.

A questão do *equilíbrio* é um fator de grande potência para a realização do ritual, pois compreendi que um de seus objetivos é o restabelecimento de forças e energias nos adeptos, frequentadores, visitantes e na própria casa. Ouvi uma vez de uma entidade que “*ninho que está pegando fogo, passarinho não se aproxima*” fazendo alusão ao processo de (não) incorporação em um médium que se encontra desequilibrado e em uma casa que vive constantemente em conflitos. É necessário cuidar do ori, da cabeça, do corpo, pois ambos devem ser alimentados e descansados (RABELO, 2011). Quando não se encontram dessa forma, acarretam consequências na vida do médium e nas suas relações. Para os médiuns de incorporação é necessário “estar bem” para que os guias consigam trabalhar e ajudar a quem está presente.

Em novembro, com o calendário das passagens suspenso, me mudei para a “*casa da minha irmã*” a fim de fazer outros registros para a pesquisa. Buscava notar elementos que pudessem ter sido por mim naturalizados. Como afirma Velho (2006, p. 5) – fazendo referência às contribuições de Ingold (2005) – a Antropologia “diz respeito a aprender a aprender”. Isso significa que nesse campo do conhecimento o que se faz “não é tanto o estudo *de* pessoas, e sim um modo de estudar *com* as pessoas”. Mais do que abarcar “conhecimento *sobre* o mundo e sobre os seres humanos e as suas sociedades”, a Antropologia “educa a nossa *percepção* do mundo, e abre os nossos olhos para outras possibilidades de ser”. E é “na medida em que essas possibilidades afetam a nossa própria experiência” que, podemos “ser levados a novas descobertas”. Sendo assim, o *fazer antropológico* pode ser compreendido, então, como uma “prolongada aula de mestre em que o noviço gradualmente aprende a ver as coisas, e, obviamente, aprende também a ouvi-las e senti-las do modo como o fazem os seus mentores”.

Com o passar dos dias, passei a observar que minha irmã, ao acordar, faz todas as suas atividades domésticas diárias escutando *pontos*, *doutrinas* e músicas relacionadas às religiões afro-brasileiras. Ainda faz com que todos os outros escutem, por conta da intensidade sonora em que são reproduzidas na sua caixa de som. Quando está feliz, ela cantarola alto, dança sorrindo e agradece a presença das entidades em sua vida. Quando está triste, ela canta enquanto chora, sentindo o afago e força daqueles que orgulhosamente ela fala e sente que a protegem. Observei que Fran, Thiago e Elisa, quando em estado de tristeza, dúvidas e buscando algum direcionamento, *uma luz* ou *um sinal*, sempre acendiam suas velas pedindo auxílio das entidades, seja para que tivessem sabedoria em suas escolhas, seja para acalantar suas dores. Essas práticas que carregam um movimento terapêutico produzido pelas religiões afro-brasileiras já vêm sendo abordadas por alguns autores demonstrando seu potencial de cura a partir de uma configuração do cuidado em saúde (GOMBERG, 2011; GOMES, 2010; RABELO, 2018).

Durante as noites, atentei que a música que Elisa adormenta Ana Luz é uma doutrina de uma cabocla que a ajudou durante sua gravidez, considerada de risco, e que junto às outras entidades, leva o mérito pelo nascimento de sua filha. Vivendo com eles percebi que em todos os encontros fora da *passagem*, do café da manhã ao jantar, os nomes mais falados são os dos encantados, caboclos, erês, exus e bombogiras. Sabia que sempre que podiam, as pessoas agradeciam às entidades pela proteção, mas não tinha reparado que toda e qualquer conquista que os médiuns possuem, para além de associarem à agência das entidades, resultam em presentes que as agradam: uma “boa” bebida, um “bom cigarro”, uma roupa nova, algum adereço, um bolo de chocolate etc.

Vivendo com eles, percebi que tudo ganha um significado religioso. Os sonhos, intuições, vitórias, perdas, decepções, a mentira que é descoberta, a justiça que se faz valer, nada é de graça, tudo é considerado um sinal. As forças dos orixás, o cheiro de fumo dos pretos velhos, o brado dos caboclos, as gargalhadas dos exus e bombogiras, a energia dos erês e a alegria dos encantados ganham proporções que alteram o caminhar de cada um.

Tantas outras situações me fizeram perceber que aquilo que me era familiar, não necessariamente era por mim conhecido. Ficou claro para mim - e ao mesmo tempo para meus familiares também - que pertencer a um mesmo grupo social não significava conhecer toda sua dimensão. Logo percebi que para compreender como as relações estavam sendo construídas, seria preciso acompanhar o dia a dia dos médiuns, isso porque compreendi que os fundamentos dessas relações estão de tal modo intrincados no curso dos acontecimentos cotidianos que são parte de seu mundo ordinário, constatando que era a religião - em seu sentido mais amplo - que dava sentido às tramas pessoais e familiares (AHLERT; LIMA, 2019), me fazendo enxergar o cotidiano como um lugar privilegiado para uma análise antropológica, na medida em que se torna um revelador por excelência de determinados processos do funcionamento e transformação da casa dos meus parentes, bem como, dos conflitos que a atravessam.

Thiago certa vez me disse que a espiritualidade está e é o cotidiano, explicando como o pensa a partir do sentido literal da palavra, ou seja, aquilo “que ocorre todos os dias, diário, que não é extraordinário, mas a reunião dos atos habituais e permanentes que uma pessoa desenvolve no decorrer do seu dia; dia a dia” (DICIO- Dicionário Online de Português, 2018)⁷. Essa definição me permite pensar em um cotidiano vivenciado por pessoas e entidades levando em consideração os “cenários ordinários do dia a dia” (AHLERT, 2021, p. 226) compartilhados coletivamente. Trata-se então de vivenciar uma “religião cotidiana” (ALBERT, 2003).

⁷ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cotidiano/>

Portanto, as relações dos humanos com as entidades não me parecem ser uma experiência isolável do conjunto de sua vida. Antes parecem estar em uma rotineira integração que, por vezes, configura outras relações. É assim que nesta dissertação, a partir das *passagens* realizadas na residência dos meus parentes, buscarei demonstrar que esse ritual permite compreender, entre outras questões, relações de pertencimento, filiação, respeito, solidariedade, confiança, devoção e, igualmente, relações de conflito e poder. O texto que segue é, portanto, resultado de um período de (con)vivências que, antes mesmo de se tornar um campo de pesquisa, já era vivenciado com parentes e amigos. Nessa acepção, é também um resultado de trocas, aprendizagens e de uma história que vai se (re)construindo como um processo cheio de tensões, receios, amizades e angústias que são fruto da convivência com aqueles que me permitiram estar próxima.

Até o momento desta escrita, quinze pessoas frequentam a casa assiduamente e destas, oito estão se desenvolvendo enquanto médiuns de incorporação, já que esse processo é contínuo. Durante os meses de junho a dezembro de 2021 utilizei para os registros da pesquisa, diário de campo, gravador do celular e notebook para gravar algumas narrativas; aplicativo de câmera do celular para o registro de fotos e arquivos de conversas por aplicativos de mensagens.

1.3 MEU LUGAR: PESQUISADORA, IRMÃ, TIA, COMADRE, MADRINHA, AMIGA

As pesquisas antropológicas mais clássicas eram feitas “de longe”, com o diferente, com o “outro”, com aquele que sendo considerado exótico contrastaria com o “eu” narrador. Por isso, quando decidi fazer etnografia com minha família, algumas questões sobre como veriam a legitimidade científica do meu trabalho me perturbaram por um tempo. Fiquei me perguntando se eu daria conta de escrever esse texto sendo parte do campo, se ele seria considerado científico e legítimo, se teria aprovação e principalmente se eu teria que me distanciar dos meus familiares para entendê-los e assim seguir com o processo de escrita sem ser questionada sobre a “objetividade” com a qual realizei minha etnografia. Mas não adiantava lutar contra o fato da impossibilidade de sair perto de todos eles para não errar metodologicamente, pois como afirma Damásio (2022, p. 5), “não há uma saída, um distanciamento para compreender, mas sim uma aproximação radical do próprio território, povo, parentes e vida, para produzir conhecimento”.

Segundo Wellington da Silva Conceição (2016), a desconfiança em torno do método adotado é alvo de críticas às pesquisas que rompem com a distância e questionam sobre a relação pesquisador-objeto. O conhecimento resultante de uma relação próxima e familiar é

ainda considerado contaminado e impreciso, ou seja, visto como marcado por características que podem invalidá-lo diante da academia. A neutralidade, imparcialidade e a tensão entre objetividade e subjetividade que sempre foram relevantes na pesquisa etnográfica - e tão discutidas no fazer ciência - me preocuparam quando resolvi fazer pesquisa com “os meus”. Entretanto, possibilidades de abordagens de pesquisa são algo bastante discutidas na Antropologia (BENITES, 2015; CLIFFORD, 2002; GONÇALVES, 2000; GOLDMAN, 2003; MAGNANI, 2009; PEIRANO, 1995) o que me permite reconhecer que as narrativas que compõem esse texto são também da Julyana irmã, tia, amiga, madrinha. Interesse-me, portanto, pelo debate sobre a reflexividade conceitual na pesquisa antropológica “realizada em casa”, estar próximo e analisar de perto e estando dentro, partindo dos arranjos dos próprios atores sociais, as dinâmicas que marcam a vida social.

Sempre ficou claro, para aqueles que compõem o meu campo, a minha posição de pesquisadora - desde o dia em que anunciei a proposta da pesquisa e sua realização, pedindo autorização para tanto. Mas, o fato das minhas outras posições terem sido construídas e consolidadas anteriormente, fez com que diversos registros tenham sido feitos em situações que, para eles, não eram considerados propriamente o meu campo: em um aniversário, na mesa de um restaurante, em uma conversa de *WhatsApp* quando me narravam seus sonhos a fim de buscar e compartilhar interpretações para tais, em uma tarde na minha casa; ou seja, momentos em que não estavam executando afazeres diretamente ligados às práticas religiosas. Também a minha posição era feita de passagens - termo explorado do início ao fim desta dissertação.

Não posso negar que trabalhar com uma familiaridade (e ao mesmo tempo alteridade) tão próxima é desafiador para se buscar caminhos metodológicos na construção de uma narrativa científica. O estranhar enquanto um processo de que pode causar empatia/antipatia, a aproximação e o afastamento analítico constituíram o processo da pesquisa. Em quase todo o período do campo eu tive um certo medo de pesquisar meus parentes e de falar sobre eles, pois ao que indica, isso também era falar de mim (mas em certa medida, a qual etnografia não é também sobre o pesquisador?). Aos poucos fui percebendo que eu me fundia e me confundia com a própria narrativa que eu me propunha contar e os diários de campo me ajudaram a manter certo controle sobre os registros. O processo de escrita também foi marcado pela proximidade e pela impossibilidade de dar o campo por encerrado ou me afastar dele. Como não deixar a escrita ser afetada diante de tantos acontecimentos que chegam até você mesmo depois do término do campo? Mesmo após toda a crítica representacional e dos debates sobre autoridade etnográfica na antropologia dos anos de 1980, ainda são constantes os apagamentos que fazemos de nós mesmos nos textos que escrevemos.

Em relação ao campo, concordo com Carlos Rodrigues Brandão (2007) que pesquisa antropológica é uma vivência que produz conhecimento por meio de relações em uma dimensão social e afetiva estabelecidas. Portanto, esse texto não se abstém do afeto (ou do desafeto). Diversos sentimentos emergiram durante a construção do campo. Eu me sentia afetada com a sobreposição dos papéis que eu assumia em campo e, por mais que eu buscasse me distanciar, meus interlocutores-parentes me chamavam atenção para que eu não negasse a minha participação em todos os eventos que eu tentava resgatar apenas sob suas óticas (dizendo, por exemplo, que eu já sabia a resposta de várias perguntas que eu mesma os dirigia). Apesar das dificuldades, eu sabia que essa proximidade poderia me possibilitar uma riqueza nos resultados que, em sua maioria, são obtidos em função da qualidade das relações humanas estabelecidas no campo (SOUTY, 2007, p. 85).

Era justamente durante as *passagens* que eu mais prendia a minha atenção e mais interagia também. Eu podia estar lá para o desenvolvimento da pesquisa, mas para a minha família, amigos e entidades presentes, eu também estava para ajudar no *desenvolvimento* de outros na mesma medida, inclusive o meu. Thiago, Elisa e Fran me perguntavam e procuravam constantemente para falar sobre a realização desses eventos rituais, seja para expor alguma dificuldade, descontentamento ou mesmo para saberem o que é melhor a ser realizado. Inicialmente, eu não queria me autoperceber como alguém que tinha esse poder de controlar ou ditar o que deveria ser feito. Mas, muito disso era esperado, pois, como madrinha, eu ocupava um local de autoridade entre pessoas e entidades.

Percebi que eu nunca era apenas uma pesquisadora, era a irmã, comadre, tia, madrinha e amiga. Eu assim me (re)inseria na família e nas dinâmicas de vida alteradas pela pandemia. processo da pesquisa compôs, portanto, com uma dinâmica de parentesco, pois nos termos de Carsten (2014) a relação de parentesco também está relacionada com o tempo, esse sendo feito e refeito, construindo e sendo constituinte de tantas outras coisas. E estar na casa e em casa, no ambiente familiar, me levou a um envolvimento com a cosmologia religiosa afro-brasileira a partir de um outro contexto: desenvolvi uma percepção para ver a presença das coisas (humanas e não humanas) em suas linhas de fluxo formando a vida cotidiana de diferentes pessoas.

Isso é central, pois como o autor verá, o cenário da maior parte do que conto aqui é o ambiente doméstico. Dois lugares da casa de Fran, onde as passagens aconteciam ganharam força: a cozinha e o terraço. Os assuntos e as conversas emergiram nesses espaços e, também para além deles, da hora que acordávamos à hora de dormir. Em dias de ritual, esses espaços são potentes para pensar as relações sociais. Aprendi que estar na cozinha e no terraço me proporcionava conhecer as relações de proximidade e de distanciamento, além dos conflitos

entre os variados sujeitos em campo. Esses dois espaços se tornaram, para mim, espaços privilegiados de observação das transições e fluxos significativos entre a casa a rua, entre o público e o privado, entre pessoas e entidades.

Quando acordávamos, sentávamo-nos à mesa que fica no terraço para tomarmos café juntos. Eu, que nunca tive o costume de tomar café da manhã, entendi que não podia deixar de estar nesse momento. Nele eu notava que estavam sendo compartilhados os sonhos da noite anterior, para que as interpretações pudessem ser escutadas e analisadas. Sonhos eram sempre recados, sinais e avisos. Nenhum era desconsiderado, ainda que fosse difícil interpretá-lo. Eu deixava minha imaginação correr nas leituras que eram feitas a partir do que considerei uma espécie de costura coletiva, em que cada trecho era explicado e costurado por alguém. Ficava me perguntando de onde “arranjavam” tanta criatividade e por vezes sorria do que concluía. Costumavam falar que precisavam de ajuda para entender o sonho: “*Vou contar meu sonho e depois vocês me falam o que conseguirem interpretar*” (Diário de Campo, novembro de 2021). Com o tempo entendi que, assim como os sonhos, nenhuma interpretação é irrelevante, pois tudo se torna um meio de comunicação.

Também era durante o café que boa parte do planejamento da *passagem* da semana acontecia, quando Elisa e Thiago informavam Fran o que era necessário ser comprado: velas, cigarros, charutos, bebidas, ervas, bombons, comida e outros materiais essenciais para a realização do ritual. A data, quem estaria presente, o que iriam comer, quem *desceria* eram pautas diárias. Na cozinha, enquanto me balançava em uma cadeira que minha irmã colocava perto da porta do quintal para que eu pudesse vê-la cozinhar e conversar, eu também ouvia suas histórias, majoritariamente atreladas às entidades. Ela também compartilhava comigo sobre as dificuldades da vida, principalmente as que giravam em torno da relação com Thiago, Elisa e as entidades. À noite quando nos deitávamos (eu dormia no mesmo quarto do casal), eu escutava o “outro lado”, descontentes pelas coisas que ouviam da mãe/sogra. Durante as *passagens*, ouvia os anseios das entidades a respeito dessas relações.

Eu estava no meio de conflitos abertos e expectativas geradas para saber de “qual lado” eu ficaria. “*Tu achas que eles estão certos?*”, “*A senhora acha que a gente que tá errado por ter feito isso, minha tia?*” eram frases que me causavam incômodo e que me acompanham até hoje. Por vezes, percebi que a nossa relação de parentesco também afetava as demais relações.

Tentei não interferir nas questões locais para que eu pudesse manter uma certa “neutralidade”, mas isso nem sempre aconteceu, já que constantemente a minha opinião era solicitada e priorizada. Apesar dos atravessamentos, mesmo nas ocasiões mais cotidianas, treinei em moldar meu olhar antropológico para que os desafios e obstáculos epistemológicos

não ganhassem força. Fazer etnografia deixava explícitas as minhas possibilidades de participação enquanto pesquisadora e diversas foram as vezes que para cessar alguma dúvida minha sobre o ritual, seus arranjos e configurações, eu fui primeiramente tratada como consulente.

Foi chamada minha atenção pelas entidades algumas vezes para que eu entendesse que se eu estava ali, eu também de algum modo estava me desenvolvendo espiritualmente, ainda que eu permanecesse e preferisse ficar calada em determinados momentos. Antes e depois de morar na casa, eu sempre fui recebida com muito carinho e mesmo que eu avisasse que não conseguiria chegar a tempo de acompanhar o início de um ritual, por exemplo, eles me esperavam para dar seguimento, pois sabiam da importância que cada segundo tinha para a pesquisa. Quando a *passagem* encerrava, alguns médiuns, sobretudo Thiago e Elisa, me perguntavam se o ritual havia sido proveitoso em questão de dados etnográficos e havia me feito bem. Em certo momento no trabalho de campo, percebi que me convidavam a ser afetada, ou seja, a habitar esse lugar e ser habitada por ele.

A *passagem*, que sempre foi muito familiar a mim, tinha a capacidade de surpreender e me atingir pelas suas “intensidades específicas” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 158), que permitem formas de comunicação diversas com o campo. Assim, durante as *passagens* eu afinei o diálogo com o campo. Permitted ser impactada e afetada pelos *pontos*, histórias, sons, aromas, energias, luzes (ou a falta delas), carinhos, discussões. Observei os gestos, falas, movimentos e comportamentos durante esse ritual e em ocasiões que fogem dele. Fui atravessada e afetada, “não de afeto no sentido da emoção que escapa da razão, mas de afeto no sentido do resultado de um processo de afetar, aquém da representação”, assim como sugere Favret-Saada (2005, p. 157), para que eu pudesse estabelecer relações que fossem para além de uma simples troca verbal, contribuindo para que, após se sentirem seguras e confortáveis, as pessoas passassem a compartilhar suas experiências. Assim estive sujeita às mesmas forças e “intensidades feiticeiras” (BARBOSA NETO, 2012, P. 241) que envolviam os meus parentes e amigos.

Certa de que toda e qualquer pesquisa nos exige um comprometimento ético para além de omitir dados ou nomes daqueles que são chamados de ‘informantes’ (FONSECA, 2010), decidi trazer os nomes reais daqueles que foram essenciais para esta escrita, pois “é compreensível que o antropólogo forneça subsídios para identificar pessoas específicas, devidamente fotografadas, nomeadas e descritas” (FONSECA, 2010, p. 41). Ainda sobre ética e dados etnográficos, a autora afirma que:

Colocar o verdadeiro nome produz um acréscimo nada desprezível à verossimilhança de nossos dados etnográficos. Ainda abre a possibilidade de outros pesquisadores

incorporarem estes dados em estudos subsequentes do mesmo local, usando a monografia precedente como tijolo no edifício duradouro de uma história universal. (FONSECA, 2010, p. 46).

Por esse motivo e com a devida autorização, eu mantive os nomes de todos os interlocutores que construíram junto a mim este trabalho. Senti a necessidade de nominar as pessoas, registrar suas falas e trazer registros fotográficos para que elas também se sentissem autoras e tenham seus saberes, crenças e vivências (re)conhecidos. Compreender as diversas forças que as coagem nessas laudas é necessário, para não objetificar a distinção entre sujeito e objeto. O compartilhamento da autoridade presente nessa escrita faz com que se torne “possível pensar em uma poética cultural que seja uma interação entre vozes, entre elocuições posicionadas” (CLIFFORD, 2016, p. 44).

1.4 NOTAS SOBRE A PESQUISA

A intenção é mostrar que as formas que humanos e não humanos constroem suas relações de afeto com outros humanos e não humanos são frutos de processos que merecem ser apreendidos e apresentados em outros espaços que, e não somente o religioso, pois fazem parte de sua própria composição em cotidiano atravessado por trocas e movimentos.

Durante uma participação online no Seminário do Núcleo de Antropologia Simétrica (NANSI) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que focava em “teorias etnográficas da mistura”, ouvi uma fala do professor Márcio Goldman⁸ afirmando que uma das tarefas da antropologia, quando pensamos em investigar as práticas e os discursos, é o alargamento das relações, pois nem sempre escrever a história dos outros parece ser relevante. Para que isso ocorra, é indispensável “investir em operações de simetrização que tornem as experiências vivenciadas no campo” (BANNAGIA, 2015, p. 13) acessíveis àqueles que desconhecem ou conhecem de modo pejorativo aquilo que tivemos acesso durante a pesquisa. Concordando com essa afirmativa que ressoou em meu pensamento até o momento que redefini meu campo de pesquisa, cheia de medos perguntei a opinião da minha orientadora, professora doutora Martina Ahlert, sobre a possibilidade de estudar o que viviam meus familiares.

Foi através de uma chamada por vídeo (estávamos em uma fase de cuidados com a interação presencial em função da Covid-19) que falei com os protagonistas dessa escrita.

⁸ Comunicação Oral, Márcio Goldman, junho de 2021, no Seminário “Teorias etnográficas da Mistura” realizado pelo do Núcleo de Antropologia Simétrica do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na ocasião, reuniram-se pesquisadores – antropólogos – que por meio dos seus trabalhos propunham novas articulações a respeito das epistemologias e metodologias envolvidas na investigação etnográfica e antropológica.

Thiago atendeu primeiro e pedi que fosse para perto de Elisa e Fran para que eu pudesse explicar o interesse da pesquisa e pedir autorização. A resposta veio através de sorrisos e brilho nos olhos, mas logo depois e ainda empolgado, meu sobrinho me perguntou por que o que acontece na casa deles era de fato interessante para o fazer científico: Como algo tão normal, simples e do cotidiano deles poderia ser interessante para mim e para o espaço da academia? Eu elenquei inúmeros fatores, mas percebi que tudo que eu estava falando não lhes parecia ser algo relevante para uma dissertação de mestrado, para a universidade. Trabalhei então através da discussão feita por Peirano (2014, p.42) sobre as “potencialidades de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem”. Neste sentido, entendi a surpresa do meu sobrinho em vê-lo como interlocutor.

Por vezes, compreendi que o espaço acadêmico para os meus parentes ainda era aquele produtor de certos grilhões epistêmicos que não demonstrava qualquer interesse no tipo de saber que eles carregam com suas vivências com não humanos. Entendi ainda que por conta de terem ficado séculos alheios aos meios de conhecimento dominante, esses saberes ainda podiam estar sendo silenciados. Entretanto, me baseando no que Tim Ingold (2019, p.12) afirma sobre os fazeres antropológicos, “não podemos nos dar ao luxo de ignorar” esses saberes.

Tentando enfatizar a importância da pesquisa me valendo do conhecimento acadêmico, recorri a outras investigações sobre experiências afro religiosas para fazê-los crer que o seu cotidiano poderia gerar discussões científicas também. Naquele dia, eu soube que era desconhecida por eles a vasta literatura que expõe a inserção nas religiões afro-brasileiras por meio da dor, do sofrimento e da “obrigação” (AUGRAS, 1983; RABELO, 1993; 2005, 2014) e principalmente a escassa literatura sobre a condução de práticas religiosas no espaço doméstico. Problematizando posteriormente a minha própria conduta de enquadrá-los a partir do que Ailton Krenak (2019) denomina de “clube da humanidade”, tentei mostrar a importância da pesquisa recorrendo aquilo que eles faziam e construíam cotidianamente e não mais por meio das bibliografias, recorrendo ao que Mariza Peirano (1992) brilhantemente nos alerta para que pensemos em “antropologias no plural”.

Eu convivía há meses com médiuns que se inseriram na umbanda por questões de afinidade, amor, sentimento de pertença e encantamento. Pessoas que enxergaram a casa de meus parentes como um local de acolhimento, apoio, orientação espiritual e de direcionamento para a vida. Médiuns que carregam consigo partes de entidades que *recebem* e entidades que carregam também a vida daqueles que escolheram *tomar de conta*. “Tomar de conta”, para além de possuir seus corpos, significa para as entidades cuidar e proteger de todo e qualquer mal que possa atingir os humanos por quem tanto prezam; assim como significa para os

humanos construir caminhos para viver com a existência das entidades, pois já não imaginam mais as suas vidas sem as suas presenças e energias.

A literatura sobre as religiões afro-brasileiras no Maranhão se concentrou sobre as casas de culto de tambor de mina, considerada a principal religião de preservação da cultura jeje-nagô, pajelança e o terecô. A fixação no modelo jeje-nagô e certa concentração na “tradição” estruturaram durante muitos anos a produção etnológica sobre as culturas de origem africana no Brasil, ficando conhecida através dos trabalhos realizados nas casas de culto “mais tradicionais” da capital maranhense por Nunes Pereira (1970), Costa Eduardo (1948), Pierre Verger (1990), Roger Bastide (1971), Maria Amália Barreto (1997), Euclides Ferreira (2000), Sérgio Ferretti (1996), Mundicarmo Ferretti (1991). Apesar da ênfase no tambor de mina, os estudos dedicados ao terecô foram essenciais para discutir sobre as diferentes formas de (re)existências dessa religião e sobre como suas práticas eram e são vivenciadas pelos seus praticantes (AHLERT, 2013; CRUZ, 2018; FERRETTI 2000, 2001; LIMA, 2019). De igual modo, as pesquisas de Pablo Monteiro (2016), Mundicarmo Ferretti (2004), Raimundo Inácio Araújo (2015) e Gustavo Pacheco (2004) são imprescindíveis para a discussão em torno da pajelança ao abordarem como tal prática religiosa estabelece conexões com outras religiões afro-brasileiras e com o catolicismo, bem como enfatizam a importância de pensar a representação do pajé.

Dentre os estudos que se destinam a falar sobre a umbanda na região de São Luís (FERRETTI, 197; SILVA, 2016), nenhum aponta para as práticas realizadas no âmbito domiciliar. Os autores trataram de identificar características que as diferenciavam de outras religiões afro-brasileiras já conhecidas nos estudos afro religiosos. No contexto nacional, autores como Giumbelli (2010), Magnani (1986), Negrão (1996), Ortiz (1991), Silva (2000) e abordam os antecedentes da umbanda, sua formação e desenvolvimento dentro das mudanças sociais, reelaborações em determinadas conjunturas históricas, sua gênese e estigmas de origem, estes por sua vez, bastante explorados e defrontados nas literaturas que tratam de seu início (BIRMAN, 1985; BROWN, 1985).

No campo empírico escolhido, a tradição Omoloko é a que se faz presente, sendo genericamente uma conjugação do culto africano aos orixás, ao culto dos guias e das *linhas*⁹ de

⁹ A Umbanda na *Nação Omokutena* adota, em sua configuração, o culto a entidades agrupadas nas falanges ou linhas. Linhas de caboclos, pretos velhos, exus, ciganos ou linha do oriente, boiadeiros, marinheiros etc. As falanges são aglomerados de entidades espirituais que se unem por afinidades. Segundo Almeida (2003), “falange é um agrupamento de mais 400 mil espíritos que atuam em um determinado plano espiritual, ou seja, em uma determinada faixa de vibração. As entidades que pertencem às falanges são eguns, espíritos que tiveram várias encarnações, que nasceram, viveram com um corpo na terra e desencarnaram, passando então para um plano

umbanda. Também conhecida como Mista ou Trançada, ela é identificada por apresentar uma grande influência dos cultos do candomblé Angola, em que se tem a combinação dos fundamentos e preceitos oriundos das culturas africanas com as entidades da umbanda. É dessa maneira que a diversidade e heterogeneidade da *Nação Omokutena* e suas ramificações - a casa dos filhos - é concebida e legitimada.

A presente pesquisa está inserida em um campo de estudos das religiões afro-brasileiras que pouco tem ganhado destaque e, portanto, sustento que os estudos contemporâneos a respeito da umbanda no estado do Maranhão podem ser renovados a partir de abordagens destinadas a ressaltar dimensões compartilhadas do convívio com as entidades fora do espaço do terreiro e que, não necessariamente, estão ligados aos rituais religiosos. Compreender o pensamento daqueles que frequentam a *passagem*, sua cosmovisão, nos permite uma possibilidade de ganhos e acréscimos ao campo teórico da Antropologia. A configuração da casa, a diversidade de seres humanos e não humanos e suas relações, os fluxos de pessoas e coisas que desencadeiam formas de aliança, parentesco e amizade são essenciais para compreender como diferentes seres passam a existir como composições específicas.

Para essa escrita, também foi fundamental a contribuição de autores que se dedicaram à pesquisa com outras religiões afro-brasileiras, discutindo como as relações de seres humanos e não humanos contribuem para a construção de mundos que se imbricam e por vezes se confundem (AHLERT, 2013; BANNAGIA, 2015; GOLDMAN, 1984; LIMA, 2019; RABELO, 2014;), bem como aqueles que valorizam mais a presença do candomblé e umbanda não nos rituais complexos dos terreiros, mas sim na vida cotidiana dos adeptos e os processos de subjetivação (MAGNANI, 1986).

O propósito aqui é elucidar as formas de vínculo que foram e são estabelecidas a partir da *passagem*, perceber as novas configurações na vida de cada um a partir delas, bem como compreender um pouco da dinâmica religiosa e o do grau de envolvimento das pessoas com o que antecede e resulta de dela. O viver dessas pessoas é concebido por meio da interação de diferentes agentes humanos e não humanos que constroem e influenciam as relações e são construídos através destas, configurando diferentes modos de saber. Não são mais indivíduos separados, se tornam pessoas múltiplas (RABELO et al, 2002) a partir do estabelecimento de relações rituais reguladas que se atualizam periodicamente nas *passagens* junto aos espíritos.

espiritual. Conforme seu grau de evolução espiritual, esses espíritos são levados para fazer parte de uma falange a fim de atuarem, aprenderem e evoluírem espiritualmente.” (p. 51)

1.5 COSTURANDO OS CAPÍTULOS

A dissertação conta com três capítulos. No primeiro, discuto sobre o “*desenvolvimento espiritual*” e suas implicações que desencadeiam novas configurações nos espaços domiciliares e nas relações sociais, contribuindo para a construção de um cotidiano que é vivenciado com as entidades a partir de práticas e saberes (com)partilhados. Com isso, analiso o modo como se deram as diferentes inserções dos interlocutores na umbanda, retomando as primeiras manifestações das entidades. Abordo questões que perpassam as temáticas da família e da mediunidade enquanto herança religiosa, obrigação ou escolha.

No segundo capítulo, mostro os modos de preparo, organização e condução da *passagem*. É necessário retomar as primeiras vezes que a *passagem* foi realizada para compreender como as relações entre humanos e não humanos foram construídas, como os espaços e pessoas foram mobilizadas. Para que esse ritual aconteça, diversos fatores estão relacionados. Pessoais ou não, eles acabam alterando todo o cotidiano daqueles que participam desse contexto. Embora o foco para compreender as dinâmicas parta do ritual, não é apenas por meio dele que as relações são estabelecidas. É durante as *passagens* que muitos chegam e ficam e outros chegam e vão, ressoando uma movimentação de trajetórias que produzem um fluxo de pessoas e espíritos constante.

O terceiro capítulo será destinado a analisar os laços, filiações, trocas e vínculos construídos a partir da convivência entre humanos e não humanos. O que antecede a chegada e permanência das pessoas que procuraram as entidades é importante ser conhecido para que vejamos como as relações de pertencimento a esse espaço crescem e se configuram a partir dos laços criados e firmados, resultantes de uma identificação pessoal com a casa. Nesse momento, discuto sobre questões de poder, hierarquia, liderança e família.

2. O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL E SUAS IMPLICAÇÕES

Neste primeiro capítulo, me proponho a discorrer sobre como algumas das pessoas que conheço - protagonistas desta pesquisa - chegaram e permaneceram na umbanda, que se faz e é fortalecida pelas e graças às encruzilhadas que representam os cruzamentos de caminhos. Penso que seja necessário refletir sobre esses diferentes caminhos tomados e escolhidos dentre tantas alternativas que apareceram enquanto caminhos na vida de cada um.

As conexões, os (en)cruzamentos, os sinais, as sensações e o encantamento, neste campo, me fazem pensar em como as trajetórias vão sendo configuradas no cotidiano por meio de suas vivências. Portanto, adianto que as reflexões a serem realizadas estão longe de se enquadrar em uma fixidez sobre o tema, pois, assim como meus interlocutores, somos cientes de que os elementos aqui descritos dispensam a necessidade de unidade e consenso, visto que “não há conclusões a serem apresentadas; há apenas uma discussão a ser sustentada” (GEERTZ, 1989, p. 39).

Acredito que entender o *desenvolvimento* espiritual e a chegada nas religiões afro-brasileiras, neste caso a umbanda, a partir de uma síntese do que já foi construído pela literatura, nos faz tomar o arrogante caminho de apagar pluralidades que são compostas por diferentes dinâmicas, contradições e soluções criativas de se encontrar no mundo e de viver melhor. O chegar na umbanda me faz pensar sobre os caminhos que são trilhados e as diversas possibilidades de arranjos que eles possuem, influenciados por múltiplas experiências. Essa diversidade, entretanto, não deixa de apresentar inclinações comuns e alterações provocadas no estilo de vida de cada um a partir da presença mais constante das entidades.

Pensando nos caminhos que foram percorridos até chegarmos na *Omokutena* é necessário compreender as trajetórias religiosas anteriores a partir do que se entende por “trânsito religioso” (ALMEIDA E MONTERO, 2001; SOUZA, 2001; BIRMAN, 1996) para designar o fluxo de pessoas que circulam entre os segmentos religiosos. Para Fernandes (2006), esse cenário faz parte de um fenômeno caracterizado pelo modo como os brasileiros entendem e experimentam determinada religião, sendo necessário observar como as pessoas têm constantemente reinventado suas crenças e o que as motiva a se mudarem comumente ou saírem de uma religião sendo de origem ou não para firmarem-se em outra.

2.1 ANDANÇAS

Quatro pessoas são fundamentais para a existência da minha pesquisa de campo e para a compreensão sobre diferentes contextos do “chegar na umbanda”. Trato esse “chegar” a partir dos caminhos que essas pessoas percorreram até encontrarem o que elas consideram mais perto do seu conceito de sagrado e de crença e “consequentemente, de identificação e adesão” (BERKENROCK, 2007, p. 241). Dado o motivo, aqui a ênfase será sobre elas nesse primeiro instante: Fran (41 anos), Thiago (21 anos), Elisa (20 anos) e Pedro (31 anos).

Fran foi a primeira pessoa a se batizar na *Omokutena* e, dentre as quatro pessoas acima citadas, também é a que mais transitou religiosamente. Criada pela sua família paterna até os treze anos, especificamente pelos seus avós, desde a sua infância teve contato com o catolicismo e de modo esporádico com a umbanda. Sua avó foi a responsável pela vivência na igreja católica e o seu avô pelo primeiro contato com a umbanda. O avô e mais três tias eram médiuns de incorporação (ou seja, recebiam entidades em seus corpos em um terreiro). Embora sua participação fosse quase sempre proibida por ser criança e pela avó não querer envolvê-la na religião, Fran ainda guarda recordações e relembra ao me contar sobre sua infância:

Eu era muito criança e só via o que me era permitido (quase nada, somente alguns banhos e alguns tambores). Eles tinham um quartinho como era chamado. Tinha um altar de azulejo muito bonito, os índios embaixo. Lá também ficava algumas bengalas, chapéus e bastantes guias. Lembro que minha tia tinha uma máquina de costurar e ela fazia tudo da bombogira dela. Roupas bem rodadas, uma mais linda que a outra. Ela também jogava cartas pros amigos e família. Uma vez vovô se vestiu de terno branco, chapéu branco e ficou na mesa da cozinha. Eu vi ele conversando, falando. Era bonito, mas, eu estava escondida debaixo da mesa da copa olhando porque vovó não deixava. (Fran - Diário de campo, novembro de 2021)

Durante o período que morou com sua avó, Fran foi “forçada” a passar por alguns dos processos de iniciação à vida cristã que se enquadram entre os sacramentos da igreja católica: batismo, catequese, primeira comunhão/eucaristia. Desta forma, toda sua infância, tempo, espaço, ética, valores, conceitos que, de alguma forma, eram utilizados para sua orientação na sociedade estavam alicerçados no catolicismo. A pressão exercida pela família, somada a alguns conflitos no seio familiar e o sentimento de não ter sido criada pela nossa mãe (mas por nossa avó), ainda menina resolveu sair de casa. Sem terminar os estudos, aos quatorze anos, ela passou a viver com o homem que se tornou o pai de seus dois filhos. A situação ocasionou o seu afastamento das religiões, por três motivos: o casamento e sua configuração abusiva, que não permitia que ela transitasse pelos espaços sem a permissão e a companhia do marido; o falecimento da avó que era o seu elo mais forte com o catolicismo e por fim, a conversão do

avô e tias ao protestantismo. O único contato com a igreja católica durante os treze anos em que estive casada foi por meio do batizado dos filhos, Jorge e Thiago, e em momentos de rezas pelos mortos da família.

Me casei e fiquei distante de tudo, da igreja, do terreiro e da família. Isso eu já tinha catorze anos, uma menina ainda, mas sentia que tudo que eu estava vivendo, eu já tinha vivido. Me separei e fui atrás das minhas curiosidades. Andei atrás de cartomantes, era quase tudo igual, mas algo me chamava pra esse mundo, uma mistura de medo com encantamento. (Fran - Diário de campo, novembro de 2021)

Após treze anos de casamento, tendo se separado do marido, ela voltou a circular em diferentes espaços, inclusive religiosos. É nesse momento que a nossa relação se fortaleceu e o nosso cotidiano passou a ser compartilhado. Curiosa sobre os possíveis futuros de sua vida, Fran agendou sua primeira consulta nos jogos de cartas em uma casa de umbanda indicada por uma conhecida. Lembro que eu tinha dezesseis anos e estava no último ano do ensino médio (2010) quando fui acompanhá-la. Eu havia crescido em uma escola com base educacional católica, que fugia de toda realidade histórica, fundamentada pelo colonialismo europeu-ocidental que favorecia a estigmatização de toda religião não-cristã. Por essa razão, tive como reação imediata o estranhamento. Foi a primeira vez que vi imagens não sendo de santos católicos, cartas figuradas sendo interpretadas, bem como, foi o primeiro passo para que a curiosidade sobre essas “outras” religiões começassem a me despertar curiosidade.

Naquele ano, eu também não tinha conhecimento sobre a família da Fran possuir alguma ligação afro religiosa e cheguei a pensar que assim como eu, também seria o primeiro contato dela. Ouso dizer que foi meu primeiro contato apenas na prática, já que no meu cotidiano sempre estiveram presentes menções ao contexto afro religioso através das músicas tocadas em minha casa, embora nunca interpretadas ou associadas à religião nem por mim e nem pela minha família. Após cinco anos do primeiro jogo de cartas, Fran me convidou para ir a uma festa em um terreiro do cunhado de um dos nossos tios. Agora sem receio (considerando que eu já cursava ciências sociais e estudava sobre religiões afro-brasileiras), aceitei o convite para ir no lugar que viria a se tornar o campo de pesquisa da minha monografia. O som do tambor, o batuque acelerado, a luz vermelha, o movimento encantado dos corpos rodopiando como se não tocassem o chão, as gargalhadas que pareciam me atravessar e com certeza atravessaram desde o início, a força que emanava do canto, embora me fosse tudo estranho ao ponto de passar a primeira hora da festa de mãos dadas com a minha irmã, devo confessar que, na mesma intensidade, era tudo também aprazível.

Saudei todas as entidades presentes como me foi orientado, exceto uma: o dono da festa, seu Tranca Ruas. Assim que o toque do tambor silenciou, seu Tranca – como costume chamá-lo carinhosamente - cumprimentou agradecendo cada pessoa presente em sua festa e assim que parou em minha frente, sorrindo de um modo especial e completamente diferente de como havia feito durante toda noite e com os olhos que pareciam brasas, segurou minhas mãos e estendendo ao alto acima da cabeça, disse-me poucas palavras das quais certamente nunca esquecerei. Embora já tivesse ido a outros terreiros, eu ainda não tinha participado de nenhuma *gira* para exu e bombogira. Como tudo o que me põe medo desafia-me, ao mesmo tempo que me atrai, resolvi aceitar o convite das entidades para retornar em outro momento.

Continuamos indo ao terreiro, eu para a pesquisa de campo da minha monografia e Fran na tentativa de buscar explicações e resoluções para uma série de desajustes de ordem pessoal. Particpei de alguns rituais sempre que me convidavam e pude ver minha irmã adotando, lenta e progressivamente, práticas religiosas espirituais cotidianas, bem como auxiliando nos rituais como *cambone*¹⁰ sem se dar conta da importância de tal e não concordando com tudo o que via. Mesmo com as discordâncias e manifestando o desejo de sair da casa, ela permaneceu por respeito e amor a duas entidades que *passavam* pelo pai de santo: Manezinho de Légua e Chica Baiana. Apresentando alguns desentendimentos¹¹ pessoais e não concordando com algumas situações vivenciadas, Fran rompeu relações com a casa em questão, mas não deixou de procurar por outras. À medida em que suas demandas pessoais não estavam sendo atendidas, ela se permitiu transitar.

Ainda que frequentando diferentes espaços religiosos, era na umbanda que ela conseguia se encontrar. Buscando resoluções para sua vida sem associar qualquer fator à espiritualidade como causa, Fran procurou os búzios¹² como orientação. Presenciei seu primeiro

¹⁰ Também chamado de *combone*, é o termo referente aos médiuns que auxiliam as entidades sempre que solicitado. Cabe a ele cuidar daquilo que será utilizado pela entidade, bem como orientá-lo durante seus atendimentos com os consulentes quando lhe for permitido. É uma relação que é firmada por laços de respeito e confiança. O *cambonar* faz parte do processo de ensino aprendizagem em que a troca de saberes e experiências compartilhadas é tida como fundamental para a composição do terreiro e da comunicação entre entidade e consulente.

¹¹ Muitos pesquisadores (VELHO, 1975; VICTORIANO, 2005; BROWN, 1977) estudaram a umbanda dando destaque aos conflitos, tanto internos quanto externos às casas de culto, como sendo uma marca praticamente inerente a elas.

¹² O jogo de búzios é um processo divinatório utilizado nas religiões africanas tradicionais e nas religiões da diáspora africana para predição, interpretação do passado, presente e futuro, além de outros elementos. Nesse caso específico, Fran era apenas uma cliente que recorreu ao oráculo para obter respostas e direcionamentos para solucionar diversos problemas (principalmente amoroso e financeiro). Sobre a consulta de búzios, Braga (1980), estabelece que “a consulta ou o diálogo estabelecido entre o consulente e as divindades por intermédio do pai de santo, tem por função implícita eliminar o que, na prática, denominamos de acaso, isto é, aquilo que aconteceu, mas que não estava programado. Neste sentido, o acaso não existe nos limites da concepção de mundo dos que participam dos candomblés da Bahia. O que existe ou o que é admitido existir, são eventos ainda não veiculados pela prática divinatória (BRAGA, 1980, p. 70).

jogo e, de início, suas dúvidas recaíam sobre seu relacionamento com o parceiro, a família, sua situação financeira e por fim, como se não quisesse sair dali sem ter algum direcionamento, sobre sua vida espiritual. Ela compartilhou suas inquietações em relação à casa anterior - o terreiro que fomos juntas pela primeira vez e que foi campo do meu trabalho monográfico – afirmando que havia sido aconselhada a cuidar de sua mediunidade onde foi confirmada que seria *girante*¹³, apesar de não ter passado pelo processo de incorporação.

Seu trânsito dentro da religião é mais forte do que fora dela e vivenciando as possibilidades que se apresentaram enquanto cenários religiosos, após dois anos de andanças, ela escolheu a *Omokutena* e lá reencontrou Manezinho de Légua como chefe do terreiro.

Ao chegar na Nação Omokutena me senti em paz, uma tranquilidade e encantada com tudo que acontecia. A casa cheia, os povos cantando. Fiquei encantada quando pai Cláudio entrou no salão numa calmaria. No encantamento fiquei em paz naquele momento e algo gritou que lá era meu lugar. (Fran - Diário de campo, dezembro de 2021)

Fran passou um ano atraída pelo bem-estar que o terreiro lhe causava, mas ainda possuía receios em selar um compromisso. Apesar disso, frequentava sempre que havia alguma *gira* e *toque*, bem como sessões realizadas na casa de um dos filhos de santo do terreiro. Os percursos religiosos da Fran foram formados por novas descobertas, aprendizados e percalços que resultaram dos contatos tecidos com diferentes espaços religiosos até que firmasse um compromisso efetivo com a *Nação*. O trânsito religioso era mobilizado justamente nessa possibilidade de encontrar-se a partir de mais de uma experiência religiosa, à medida em que se percebia em uma situação em que lhe era permitido buscar onde mais se identificava, seja com o local ou com as pessoas.

Ao contrário de sua mãe, Thiago não teve nenhuma outra vivência religiosa que não a umbanda. Foi batizado aos dois de anos de idade no catolicismo, sendo essa sua única e não lembrada vivência na religiosidade católica. Embora Fran já tivesse uma experiência afro religiosa, ele chegou a acompanhá-la uma única vez, aos catorze anos. Aos dezesseis, tendo construído relações somente com a família e a escola, Thiago descobre esse novo espaço.

Quando chegamos na *Omokutena*, assim como a mãe, ele se encantou pelo “*pai Manezinho*” e pela forma como este o tratava. Sem ter nenhuma justificativa “*mirabolante*” como ele mesmo fala quando questionado sobre sua escolha, meu sobrinho sentiu que “*aquilo era o que queria*”. Embora não soubesse como era o funcionamento em outras casas, sentia que

¹³ Todo médium que incorpora.

algo lhe atraía para a *Nação*. Lembro a forma como ele contava os dias para que pudesse ir aos rituais dentro e fora do espaço do terreiro e também como Fran fazia de tudo para realizar esses momentos.

No primeiro ano (2017) de convivência no terreiro nós morávamos no mesmo condomínio, o que contribuiu para que compartilhássemos experiências conjuntas sobre a religião. Desde criança ele sempre foi muito curioso e aproveitando as minhas andanças afro religiosas, costumava me questionar sobre tudo que acontecia. Foram muitos “*Como? Por quê? Para quê?*” até que ele compreendesse que nem sempre eu teria as respostas e que ele também não teria enquanto não fosse um *Omokutena*¹⁴, afinal, cada casa possui seus rituais e elementos construídos conforme suas doutrinas e culturas, pois não existe um código doutrinário que regule uniformemente a umbanda.

Em 2018, morando em um bairro relativamente distante de onde o terreiro está localizado, Fran por diversas vezes economizou nas despesas domésticas para que pudesse garantir a ida e volta para o terreiro por meio de transporte alternativo, pois devido à localização e o horário de término dos rituais (majoritariamente a madrugada) era o modo mais seguro. Durante esse período, chegamos (eles bem mais que eu e sempre na companhia da minha mãe) a frequentar a casa de dois filhos de santo em rituais domésticos, o que contribuiu também para o *desenvolvimento* espiritual do Thiago. Foi um ano visitando e participando desses rituais até que assumisse atribuições e responsabilidades as quais ele mesmo nem sequer havia planejado, embora ansiasse desde o primeiro contato.

Em todos os momentos que estive presente conseguia perceber como era valorizado pelas entidades a dedicação e esforço por parte dele em aprender. Durante as *passagens* na casa de seu Stênio, liderada pelo encantado Zequinha de Léguas, repetidamente nos foi dito que para conhecer era necessário prestar atenção em tudo, o que sempre me pareceu óbvio até perceber que o objetivo disso era nos alertar que o *invisível* é visível porque é sentido e por isso também precisava ser aprendido. Afinal, aprender a ver (RABELO, 2015) ou a ouvir (CASTANHA, 2018), nas religiões afro-brasileiras, perpassa todos os sentidos. Os ruídos, os cheiros, as expressões, os movimentos não poderiam passar por nós sem ser devidamente apreendido. Aos poucos fomos aprendendo a falar na “hora certa”, a refinar nossa escuta e expandir a nossa visão.

¹⁴ Os adeptos da religião têm sua iniciação feita pela transmissão oral e geracional, de modo que o(a) sacerdote transmite os ensinamentos de conhecimentos e vivências nos espaços sagrados, dentro e fora do terreiro, a partir do vínculo que se estabelece entre o(a) dirigente e os adeptos a partir do batizado.

Na mesma abordagem, mas em uma referência etnográfica diferente, Márcio Goldman (2005, p. 109) afirma que, nos candomblés, o processo de aprendizado decorre das habilidades dos religiosos ao “catar folhas” para que em algum momento de forma minuciosa ao reunir as folhas catadas uma síntese possa ser construída, contribuindo com a máxima de que dentro das religiões afro-brasileiras muitos ensinamentos não são difundidos por explicações conceituais ou escolares. Ao mostrarmos interesse e respeito, frequentemente tínhamos a oportunidade de vivenciar situações para além dos muros do terreiro. Thiago, o mais interessado, empolgado e encantado, era chamado para todos os rituais que seu Zequinha executava e lhes eram acessíveis, ocasionando uma base para a construção religiosa que hoje possui.

Entendo que tudo que nos foi ensinado demonstrava um sinal de confiança e criava em cima de todos nós grandes expectativas, afinal, levando em consideração que para os *omokutenas* a palavra é considerada sagrada e tudo aquilo que é ensinado é também resultante do mérito que se credita às pessoas ouvintes, sejam elas de dentro da religião ou não, seu Zequinha acreditava que através dos seus ensinamentos podíamos fazer parte da *Nação*.

As expectativas sobre mim eram bem claras, apesar de não ter demonstrado meu interesse em me tornar filha de santo. Ao contrário de mim, Thiago já deixava clara sua intenção de se tornar um *omokutena* contribuindo para que diversos ensinamentos lhes fossem passados e apreendidos.

Enquanto estava no primeiro ano do ensino médio e já frequentando o terreiro, Thiago estudava na mesma sala de outra adolescente que viria a se tornar sua companheira. Elisa relembra que se aproximou de Thiago por conta de uma *guia* que ele usava e sempre ficava à mostra. Passando por alguns problemas pessoais, meses antes dessa aproximação, ela e sua mãe haviam visitado um pai de santo amigo da família e esse teria dito que apareceria alguém com quem ela teria um relacionamento próspero, relato que só tomei conhecimento ao longo desta escrita. Vendo em Thiago essa possibilidade diante do que já haviam compartilhado e do sentimento que vinham construindo, eles iniciaram um relacionamento. O importante a reter aqui, é o fato de que os seus caminhos já haviam sido expostos em diferentes ambientes: seja pelo pai de santo amigo da família da Elisa ou ainda por algumas entidades presentes no terreiro e que já faziam parte do cotidiano de Thiago.

Assim como a Fran, Elisa também transitou por diferentes espaços religiosos. Sua mãe, ainda muito nova, já frequentava a umbanda, então, quando criança, chegou a presenciá-la durante momentos de incorporação, ainda que não soubesse ou tivesse uma explicação sobre o que acontecia. Na sua infância, conta que os sonhos sempre lhe foram muito assertivos, perturbadores e que via alguns espíritos pela casa. Compartilhando essas sensações com uma

irmã paterna integrante de uma igreja Assembleia de Deus, Elisa foi levada para o interior do estado, no período de suas férias escolares, para ser “*ajudada*”. Ao chegar na cidade de sua irmã, um pastor não conhecido disse que ela carregava uma “*maldição hereditária*”. A iminência de estar vivendo uma “*maldição*” causou-lhe uma série de apreensões e acreditando nessa afirmação, pois consciente de que sua família materna já havia apresentado diversos eventos com espíritos, Elisa me conta que passa a frequentar a igreja visando uma possível “*salvação*”¹⁵. Ao término de suas férias e sem nenhuma mudança nos seus sonhos e visões, Elisa retorna para a casa da mãe.

Entre os doze e catorze anos e ainda tendo episódios mediúnicos vivenciados por sonhos e visões, Elisa se converteu à uma igreja pentecostal¹⁶ em busca da possível “*salvação*”, mas logo decide sair por não conseguir se identificar. Perto de completar quinze anos, decide morar com suas irmãs paternas, mas em seguida sua mãe adoece e então ela sai da casa das irmãs para ajudá-la. Passando novamente por diversos problemas com sua mãe e um ex-namorado, aos dezesseis anos, ela passa a enxergar em Thiago um “*porto seguro*”. Eles se aproximam no segundo semestre de 2018 e em janeiro de 2019 sem planejamento de ambos os lados, Elisa engravida e, contra a vontade de suas irmãs e de sua mãe, passa a morar com Thiago na casa da minha irmã, Fran. A partir de então, Elisa e Thiago começam a frequentar assiduamente o terreiro e a residência de um filho de santo, o que permitiu com que ambos fossem observados e adquirissem mais conhecimento e envolvimento com a religião por intermédio das idas às *giras* e aos atos como cantar e conversar com as entidades.

O conjunto dessas e de outras práticas complementares permitiu oportunidades de aprendizagem tanto no terreiro quanto fora dele. Todos os momentos que encontraram para esclarecer as suas dúvidas, ter respostas aos seus questionamentos e compartilhar suas curiosidades enquanto participavam das *passagens* com seu Zequinha e outras entidades, foram por ambos aproveitadas. Ao mesmo tempo que pode ser visto enquanto oportunidade, também pode ser pensada como estratégias de aprendizagem acionadas por eles para que, em parte, ao participarem das *passagens* pudessem ter acesso às práticas umbandistas *omokutenas*, aos seus fundamentos e principalmente às entidades, possibilitando um estreitamento de laços.

Analisando a história de Elisa é possível identificar que sua infância foi impactada por diversos elementos. Por ser detentora de uma mediunidade pouco comum, a clarividência, e ter

¹⁵ O pentecostalismo é o precursor do que muitos autores designam como uma batalha espiritual em que a opressão demoníaca identificada sobretudo nas religiões afro-brasileiras pode ser combatida pela salvação, referindo ao processo de evangelização e conversão religiosa.

¹⁶ Afirmou que por já ter passado tantos anos desde o acontecimento, ela não conseguia recordar do nome da igreja, lembrando-se apenas de sua configuração.

sido educada em um ambiente hostil a ela, precisou lidar com diversos conflitos, muitos deles internos. Ao ouvir e relembrar todas as histórias da vida de Elisa pude notar que não se tratava apenas de lembranças que foram retomadas para a construção desta escrita, mas eu estava diante de narrativas que carregam uma forte relação emocional com o mais íntimo passado de quem me contava, afinal ela estava disposta a reviver esses momentos particulares para mostrar como as suas andanças conduziram-na à sua trajetória religiosa.

Entre as três histórias já resgatadas, os contatos iniciais com o universo das religiões afro-brasileiras tiveram dois pontos em comum: o intermédio, mínimo que fosse, pelo âmbito familiar anterior a sua chegada à *Nação* e o não compromisso com qualquer outra instituição religiosa no momento que chegaram ao terreiro. Pedro é o último dos meus interlocutores cuja trajetória apresentarei neste capítulo. Seu percurso difere dos demais nos dois primeiros pontos. Assim como eu, ele entrou no curso de Ciências Sociais no ano de 2011 e, além de sermos da mesma turma, também nos inserimos no mesmo grupo de amizade, o que favoreceu para que pudéssemos estar juntos sempre que alguma disciplina exigisse uma pesquisa de campo em grupo. Fomos em alguns terreiros para realizar pesquisas e seguimos frequentando esses espaços posteriormente na condição de “*visitantes*”, como ele mesmo define. Mas não seria o pesquisador um visitante também? Desde então, refleti a importância de ele ter sido um visitante tantas vezes, bem como entendi a separação que ele fazia entre um e o outro, afinal nem todo visitante vai “vestido” de pesquisador.

Passei dois anos em uma pesquisa de Iniciação Científica que me permitiu ir a diversas casas de religião afro religiosa e sempre que o informava, tinha sua companhia. Curioso em saber mais da casa em que realizei o meu campo no decurso da escrita monográfica, Pedro também começou a frequentar de modo assíduo o terreiro e continuou, mesmo depois da finalização da minha pesquisa de campo. Ele reconheceu o espaço como o local que permitiu “*enxergar um pouco mais a religião como religião e não como algo curioso a se olhar e visitar*” – demonstrando assim um novo cenário: a saída de um “visitante” para o nascer de um “simpatizante”, adjetivo que durante muito tempo foi direcionado a mim em tom de brincadeira e ironia, pelos médiuns e entidades.

Pedro vem de uma família seguidora da doutrina espírita, fator que, segundo ele, de algum modo o aproximou da umbanda. Tanto sua mãe como irmã são médiuns de incorporação, portanto, as manifestações espirituais não lhe eram novidade ou causavam algum espanto, mas as formas como os espíritos se manifestavam, quem eram eles e a condução dos rituais despertavam curiosidade. Tal qual Thiago, no início, Pedro era continuamente carregado de perguntas e dúvidas até entender que era na convivência que conseguiria as respostas. Após

essa aproximação com o terreiro, Pedro foi se distanciando do centro espírita que frequentava e de encontros que giravam em torno do espiritismo, religião na qual esteve imerso desde sua infância e que é responsável por toda construção sobre a mediunidade e espiritualidade.

Sua permanência, mesmo sem passar por nenhum processo iniciático no terreiro, durou pouco mais de um ano até se distanciar por motivos pessoais. Foram dois anos sem se vincular a nenhum espaço religioso até que ele me procurou, relatando algumas situações e eu comentasse sobre a *Nação* e as *passagens* de seu Zequinha.

Pedro, ao contrário dos outros três interlocutores sobre os quais se assenta este capítulo, teve seu primeiro contato com a doutrina *Omokutena* na casa desse filho de santo (Seu Stênio) e não no terreiro. Na primeira vez que teve uma conversa particular com seu Zequinha, algumas situações sobre sua vida pessoal e espiritual que nunca haviam sido faladas em outros lugares, foram mencionadas e “reveladas”. Lembro da surpresa dele ao me contar sobre essas revelações e de sua empolgação para retornar.

No ano de 2019, quando passei a frequentar as passagens me foi dito muitas revelações e informações aos quais o médium não teria como saber. Isso me ofertou certa credibilidade inicial. Muito foi dito sobre "meu povo", sobre o que eu teria que fazer, sobre as dificuldades que viriam etc. Dessa forma, me fez querer ir mais e mais vezes nas passagens do Stênio, o que ocasionalmente me fez continuar a ir nas passagens da casa do Thiago, que até então, era a pessoa que incorporava naquela casa até aquele momento. (Pedro – Diário de campo, julho de 2021)

O ditado popular “a primeira impressão é a que fica” nunca fez tanto sentido para mim quando penso nos quatro percursos relatados até aqui. Todos construíram uma relação mais afetiva, de confiança e participação assídua a partir do que era vivenciado nas *passagens*, inclusive porque a frequência das *passagens* era mais recorrente do que os rituais no próprio terreiro, a exemplo de Pedro que passou quase um ano frequentando a casa de seu Stênio e da minha irmã sem sequer ter pisado na *Nação* não somente pela ausência de rituais, mas também porque a incompatibilidade de horários era constante. Pedro, quando chegou na casa do *omokutena*, encontrou a minha irmã e o meu sobrinho já batizados, e este último já tendo desenvolvido a mediunidade de incorporação. Assim que Stênio foi embora da nossa cidade, o que coincidiu com o período do início da pandemia, Thiago foi orientado a dar *passagem* em sua casa. Pedro foi a primeira pessoa de fora do nosso contexto familiar a frequentá-la e em seguida incorporar.

Trazer de forma breve o percurso de cada um é importante para entendermos sobre como o transitar pode ser compreendido a partir dos motivos que incentivam esta movimentação. Embora seja um tema recorrente dentro do estudo das religiões, o trânsito religioso tem sido

reduzido “ao processo de mercantilização dos bens de salvação” o que acaba “por deixar na sombra mecanismos particulares de ressignificação de crenças religiosas” (ALMEIDA E MONTERO, 2001, p. 92).

O que também se discute é a rigidez dos fluxos do trânsito religioso ocorrerem sempre em direção às igrejas cristãs, no entanto, neste tópico o interesse foi mostrar que existem também casos de contrafluxos, ou seja, casos de pessoas que passaram por outras religiões ou sem identificação religiosa alguma e que agora são umbandistas. Essas andanças não necessariamente configuram uma consciência sobre o que se está fazendo no momento de suas escolhas e decisões, mas refletem sobre como as vivências distintas conduzem a diferentes percursos. Ou seja: não há como homogeneizar essas experiências.

2.2 BATISMO: A “ORDEM SAGRADA” DOS OMOKUTENAS

Na Nação *Omokutena* existem *treze graduações* (podendo ser chamado também de *graus*) enquanto parte do processo mediúnico e que pode ser compreendido enquanto obrigação para o crescimento dos filhos de santo e suas conquistas e etapas de *desenvolvimento*.

Em vias de esclarecimento, a *primeira graduação* é o batismo e consiste no ritual em que o batizando passa por um “processo de introspecção” para que este possa fazer um “retorno ritual-simbólico às suas raízes”. A *segunda graduação* ou *metre devocional* refere-se à construção do *gongá*, enquanto um “santuário de concentração, devoção e oração onde o *omokutena* expressará a sua fé”; a *terceira* ou *grau mestre guardião* é “é a firmeza de tronqueira” onde será revelado “o guardião ou guardiã que tem a função de proteger a vida e a alma do *omokutena*”; a *quarta* ou *mestre campangueiro* é a feitura de caboclo e “consiste em preparar o médium para os trabalhos que serão executados na casa” descobrindo quem será seu mentor e seus segredos. Nesse grau, “o médium fica recolhido em aprendizagem durante cinco dias e a saída é o momento máximo onde o caboclo já pode ser paramentado”; a *quinta* ou *mestre fiel* é conhecida como o *juramento da bandeira* e destina-se a chamar o caboclo “para ser medida a sua força de atuação no terreiro” cuja entidade deve jurar fidelidade diante da bandeira da nação; a *sexta* ou *mestre tornado* destina-se a coroação do caboclo, “onde este será definitivamente tronado em seu primeiro trono como uns dos príncipes da casa tanto o médium como o caboclo. Este deve apresentar-se ao público e demonstrar seu ponto riscado que esta é a prova da sua presença e da sua manifestação”; a *sétima* ou *mestre oculto* é a feitura de exu e consiste “em preparar o *omokutena* nas leis da tronqueira o deixando apto em desenvolver os principais trabalhos relacionados a esta corrente suas liturgias, seus segredos e seus mistérios”;

a *oitava* ou *mestre avarate* consiste na feitura dos *caboclos de couro*, em que é feita a consagração das entidades boiadeiros e baianos, bem como seus “assentamentos, vestimentas indumentárias, pontos riscados e cantados”; a *nona* ou *mestre curador* é a “feitura do Cruzambê” onde há a “consagração das correntes dos ancestrais pretos velhos, compreensão e fundamentos da construção assentamentos e devoção ao santo cruzeiro divino; a *décima* ou *grau místico* é a feitura do oriente e consagração dos “assentamentos, vestimentas indumentárias, pontos riscados e cantados” que também serão revelação na *décima primeira* ou *grau cristalino* referentes à feitura do povos das águas e na *décima segunda* ou *mestre fraterno* referentes à feitura da corrente da pureza. A *décima terceira graduação* ou *mestre guia* é a preparação para o *deká*, em que o médium terá todos os orixás que foram seu eledá assentados e formação para que tenha “conhecimento das ervas sagradas, jogo de Ifá, mão de ebó, escrita sagrada, saber todas as rezas memorizadas, ter mão de assentamento, conhecer toda liturgia e rituais: de nascimento, batismo consagrações e fúnebres”.

A sequência das graduações segue uma ordem de envolvimento e conhecimento sobre as entidades, conhecimentos e segredos específicos. As *graduações* configuram-se, corroborando com o que aponta Santos (1976), como uma obtenção de conhecimentos e “uma experiência progressiva, iniciática, possibilitada pela absorção e pelo desenvolvimento de qualidades e poderes” (1976, p. 2). A partir da explicação dada pelo pai de santo sobre o que cada *graduação* representa, fica claro que o aprendizado e os segredos não são definidos por uma questão temporal, ou seja, não são determinados pela quantidade de anos que se está no terreiro, mas sim pelo cumprimento e participação nas *graduações*¹⁷.

O batismo, durante todo período que visitamos o terreiro, sempre nos foi colocado como uma etapa decisiva no processo de (re) descobrimento do ser e no *desenvolvimento mediúnico*, bem como um passo que legitima e consolida o laço com o terreiro enquanto um filho de santo consistindo em um momento de apresentação do recém iniciado à religião. É o ritual que permite que os ensinamentos sejam transmitidos e que o indivíduo seja reconhecido publicamente como um *omokutena*, passando a fazer parte dos rituais internos da casa com seus devidos direitos e deveres.

Nesse período, não acontece um ritual de feitura com raspagem, recolhimento ou outros processos iniciáticos que duram vários dias, diferente do que acontece em algumas iniciações

¹⁷ Uma pessoa pode estar no terreiro há dez anos e ter passado somente por duas *graduações* e outra pode ter chegado há dois e já ter conquistado mais. Diversos são os motivos encontrados entre os filhos de santo para que nem todos consigam se graduar, mas o preponderante é a questão econômica, pois alguns consideram as *graduações* bastante dispendiosas se levado em consideração a sua condição financeira.

afro religiosas, o batismo, que é o primeiro contato com as doutrinas *Omokutenas* não é destinado à iniciação para “fazer o santo” (SANSI, 2009; RABELO, 2014), mas sim um processo em que o batizando busca sua transformação, ao mesmo tempo em que procura relacionar-se melhor com a espiritualidade e doutrinas da *Nação*, tendo como finalidade o fortalecimento de sua mediunidade, assim como de imantar e assentar determinadas forças em sua cabeça.

Ao contrário do que se discute em certa literatura antropológica sobre religiões afro-brasileiras, a iniciação para os que integram esta pesquisa não se deu, em sua maioria, como um passo obrigatório, exigência do santo (BIRMAN, 2005; MAGGIE, 2001; RABELO, 2008) ou consequência de enfermidades (ARAÚJO, 2013, p. 24).

Miriam Rabelo, ao pesquisar os percursos de algumas pessoas que se aproximaram do candomblé nagô e integraram a religião na região de Salvador, observou que para a maioria dos integrantes a vinculação se deu por obrigação e “pela força da necessidade, pela demanda das entidades” (RABELO, 2014, p. 55). Fran, Thiago, Elisa e Pedro integram-se à *Nação* justamente pelos motivos que Rabelo aborda não ter encontrado com facilidade em seu campo: “pelo prazer das festas, pela curiosidade, estudo ou desejo pessoal de aprofundamento” (p. 55). Embora estejamos falando sobre campos diferentes, faço a comparação apenas para elucidar sobre as diferentes formas que uma pessoa é levada a se iniciar nas religiões afro-brasileiras.

Começarei novamente pela minha irmã por ter sido a primeira a passar pelo processo iniciático “na ordem sagrada” dos *omokutenas*, conforme definição dada pelo guia fundador da doutrina. Fran decidiu se batizar após um ano frequentando assiduamente noites de *passagens*, *tambor* e *gira*. Movidada por paixão e encantamento pelas entidades, por admiração pelos responsáveis da *Nação*, se sentindo “*em casa*” e convicta de que era apenas esse passo que lhe afastava e impedia que a incorporação acontecesse, ela nos comunicou de que começaria a se organizar para o batismo. Fomos pegos todos de surpresa. Meio temerosa, perguntei algumas vezes se ela estava certa dessa decisão, se sabia das consequências e se não estava cedo demais, sendo melhor esperar mais um pouco, visto que em algumas situações ela já havia externado sobre não se sentir preparada para assumir algumas responsabilidades.

Hoje talvez eu não perguntasse com essas palavras, porque sei que fui tomada pelo medo de ela mais uma vez se decepcionar - como se isso não pudesse ocorrer em qualquer outro espaço religioso - e pelo tanto que já tinha ouvido falar em minhas andanças: “*quem tá fora que não queira entrar e quem tá dentro que não queira sair*”. Ao assumir esse pensamento, revelo que fui de imediato levada pela forma preconceituosa e generalizada de enxergar a inserção nas religiões afro-brasileiras unicamente pelo viés do “caminho sem volta”, que tanto

foi me narrado em pesquisas de campo durante o período da graduação. Reconheço que naquele momento, todos os meus anseios eram resultados de pesquisas anteriores que eu precisava acreditar e ter a certeza de que a sua decisão estava levando em consideração tudo que viria pela frente, muito embora tenhamos escutado de que a precipitação não deve fazer parte desse processo.

Processualmente e analisando o contexto que estávamos vivenciando, refleti sobre como as religiões hegemônicas e “brancas” não sofrem esse mesmo julgamento consagrando um peso quando se fala na conversão das pessoas. Também analisei que esse pensamento perpassava a maioria das pessoas com quem tive contato nos terreiros e fora deles sempre que falávamos sobre religiões afro-brasileiras e então me questioneei por que da conversão à cultura de terreiro ser majoritariamente conhecida e relacionada à ideia de coação. Trazer apenas dessa forma é corroborar com o que bem nos ensina Grada Kilomba (2019) ao afirmar que o colonialismo é uma ferida que nunca se fecha e que, segundo todos que confiaram a mim o objetivo de ir no sentido contrário, continuará seguindo triunfante enquanto outros modos de se retornar e retomar à ancestralidade não forem de igual modo evidenciados.

Antes de ser consagrada como *omo omokutena*¹⁸, Fran marcou o jogo de búzios com o Pai Cláudio para saber mais sobre sua ancestralidade, filosofia que mostra a influência da iniciação do pai de santo no candomblé. A forma como Fran relembra esse período demonstra bem o que a levou tomar essa decisão:

Algo gritou que ali era o meu lugar e comecei a frequentar aos sábados e meu filho começou a ter o mesmo encantamento, mas diferente de mim ele nunca teve MEDO [em caixa alta pois ela escreveu a palavra em maiúsculo]. Ele queria, ele contava os dias pra chegar sábado. Eu sempre tive medo. O tempo foi passando e as curiosidades aumentando, eu querendo receber, mas cortava tudo. Ia pelo prazer de estar lá e prazer de ver meu filho se desenvolvendo. Quando joguei meus búzios, senti a maior alegria em saber que meu orixá de cabeça era quem eu sempre gostei na Igreja Católica. Meu segundo, Iemanjá, que sempre tive admiração. Sem entender, o meu terceiro era Oxossi, que nunca tinha ouvido falar. Um dia qualquer, do nada, disse irei me batizar. Curiosidade e pensava que se batizando iria descer todos os povos. Assim foi feito. Comuniquei meu filho, escolhi meus padrinhos, organizei minhas coisas e pedi pra me batizar sozinha, sozinha. Escolhi o amor da minha vida, Julyana, e um encantado, seu Zequinha, no qual me apaixonei quando vi. Me batizei e foi a coisa mais linda que tinha vivido nesse mundo da encantaria (Fran – Diário de Campo, em setembro de 2021).

Eu fiquei por dias lendo essas palavras, enxergando a potência desse relato e as formas pelas quais poderia discuti-lo. Quando pedi que me contasse sobre sua decisão, tinha como propósito analisar sobre como esse ritual é e foi sentido por ela – assim como para os demais.

¹⁸ *Omo* dentro do vocabulário candomblecista significa filho.

De forma recorrente e curiosa, o “medo” que poderia ser um motivo de afastamento, inicialmente não a fez deixar de frequentar o terreiro, embora conceba como um fator de distanciamento entre ela e o *seu povo*, e para o desenvolvimento de sua mediunidade.

O medo que Fran sentiu há quatro anos e que, por muitas vezes ainda se faz presente, é resultado das suas andanças e do que muito já tinha visto acontecer com outras pessoas em casas distintas. Medo de perder o controle de suas ações, do “*castigo*” de entidades e de deixar de viver livremente foram e são sentimentos que continuamente atuam com grande poder sobre ela e tantos outros, afetando suas escolhas. Na mesma intensidade, a curiosidade foi decisiva para que ela pudesse enxergar o mundo de maneiras diferentes impulsionando sua decisão.

Ao falar sobre o jogo de búzios, momento crucial para que ela tivesse conhecimento sobre quem regeria sua cabeça e quais *trabalhos*¹⁹ teriam que ser realizados antes do batismo, Fran traz uma realidade afro religiosa bem comum no meu campo sobre a forma de associar os orixás aos santos cristãos e que muito reflete nas múltiplas maneiras de se relacionar com o sagrado e (re)inventar a vida cotidiana.

Seu regente é Ogum, orixá de origem africana pertencente ao panteão iorubá, e a relação mais comum encontrada na sociedade brasileira é a que o associa ao santo católico São Jorge. Naquele dia ou mesmo até hoje, ela sabe mais sobre São Jorge do que sobre Ogum e mesmo que pai Cláudio explicasse brevemente sobre o orixá, não importava, pois não havia problema algum para ela que eles fossem o mesmo – pensamento que foi sendo alterado com o tempo a partir das vivências.

Por mais que pouco ou nada soubesse sobre os orixás, Fran atentamente escutava as explicações ao longo de todo o jogo sobre a “função” e “história” de cada um, ainda que fosse para me perguntar ao sair da sala se eu havia decorado o que ele dissera para que pudéssemos comparar com o ela havia absorvido. Mesmo que eu tenha me esforçado de algum modo todos esses anos para trazer a ela algumas discussões acerca do sincretismo, enfatizando a disputa em torno das relações historicamente desiguais e violentas regidas pela lógica colonial, falando sobre “o risco mesmo de qualquer encontro seja justamente virar Um” (CRUZ, 2021, p. 28), também busquei aprender o quanto essas associações mostram a sensibilidade em se reinventar quando possível e necessário.

Considero importante o modo como ela os coloca hoje em um mesmo nível de importância, mas agora já tendo conhecimento sobre a origem dessas associações orixás-santos. Reconhecer a potencialidade dessas crenças, sem tentar criticar, controlar ou subestimá-las foi

¹⁹ Neste caso, são consideradas ações ou práticas rituais realizadas para supostamente atingir objetivos protetivos, de limpeza e de desenvolvimento espiritual.

o primeiro e mais difícil passo nessa minha versão parente-pesquisadora, bem como, para a pesquisadora-parente foi o primeiro e mais fácil passo para perceber o quanto é tênue a linha que separa a prática científica de uma postura limitada e excludente. Para Fran, no altar do *gongá* de sua casa, nas ruas, nos pontos cantados, nas rodas de samba e nas orações, Ogum e São Jorge andam juntos, lado a lado e não mais fundidos.

Já ciente dos orixás que lhe regiam e da significação do batismo, não demorou muito para que Fran confirmasse e anunciasse a data do seu batizado, 18 de novembro de 2018. O batizado ocorreu à noite, depois dela ter passado o dia todo deitada no *roncó*, tendo contato apenas com pessoas específicas²⁰ do terreiro. O que lá aconteceu só pertence aos que já passaram por esse processo, pois é segredo. O público participa somente quando o batizando é retirado do quarto e levado ao salão pelo padrinho, madrinha (títulos destinados ao seu Zequinha e a mim²¹) e responsáveis do terreiro pela condução do ritual para que todos possam acompanhar esse renascimento. Naquela noite, somente eu e nossa mãe éramos “pessoas de fora” assistindo ao *nascimento* da nova *omokutena*.

No que se refere à noção de nascimento, José Carlos Dos Anjos (1995) ao discutir sobre a construção do corpo no Batuque no Rio Grande do Sul, esclarece que o ritual de iniciação tem um sentido de nascimento fatural, definindo enquanto uma prática simbólica que envolve o ciclo da vida: gestação, nascimento e morte. O momento da morte é o período de reclusão no terreiro, o momento de liminaridade em que a pessoa está morrendo à vida anterior para renascer uma gestação religiosa.

Cada batizado representa o nascimento de um filho e minha irmã (re)nascia para o *mundo encantado*, como ela mesmo o define. Na verdade, era esse o único pensamento que priorizei ter naquele momento e acredito ter conseguido mantê-lo firme durante boa parte do ritual, falando somente na hora do juramento do batizando, em que aquele que está prestes a se tornar e ser reconhecido como um *omokutena* firma o seguinte compromisso:

Você promete ter Deus como seu superior e toda sua criação? Promete seguir as tradições da nossa casa e guardá-las? Promete respeitar a hierarquia de Deus e todos os orixás? Promete respeitar a hierarquia de nossa casa respeitando os mais velhos? Promete guardar os segredos a ti revelados? Os padrinhos estão de acordo? O terreiro está de acordo? (Batizado na Nação Omokutena, Diário de Campo, em dezembro de 2021)²²

²⁰ Essas pessoas são escolhidas conforme a hierarquia da casa.

²¹ Autores como Diana Brown (1977), Renato Ortiz (1978) e Pete Fry (1982) abordaram sobre a relação de apadrinhamento como uma das principais relações que a umbanda configura no nível simbólico.

²² Juramento dito primeiramente por aquele responsável de realizar o batismo e repetido em voz alta pelo batizando para que todos os presentes possam ouvir.

O juramento permite ver que depois do batismo são exigidos cumprimentos de deveres designados e se espera atitudes condizentes com este novo passo, fazendo com que a promessa de uma relação mais profunda com a religião e a doutrina *omokutena* seja estabelecida, diferentemente daquela anterior ao batismo (consultas, visitas e participação em festas).

Aquilo que levou Fran a se batizar gerando grandes expectativas há quatro anos, ainda não foi por ela vivenciado da forma esperava. Como eu disse anteriormente, Fran procurava, com o batismo, aproximar-se da incorporação. Passados alguns meses, ela percebeu que a trajetória de um filho de santo é menos linear e mais processual. Não era o batismo que a afastava desse processo e hoje, ciente das responsabilidades necessárias e envolvidas, muitas vezes se encontra resistente ao *desenvolvimento*. Essa resistência não é notada em suas falas, mas sim em suas ações²³, embora seja constantemente repreendida por aqueles com quem convive, já que precisa, como *omokutena*, incorporar valores e comportamentos para além dos períodos em que são cumpridos dentro do terreiro.

Após doze dias do batismo da minha irmã, no dia 1º de dezembro de 2018, Thiago foi consagrado um *omokutena*. Sobre o batismo, ele sempre diz:

Não tenho muito a falar sobre o que me levou a batizar. Eu simplesmente tive vontade e senti que era isso que eu queria, segui minha intuição. Foi simplesmente incrível ter me batizado, foi um renascimento, o que sou hoje e o que me vou transformar, tudo graças a esse passo. (Thiago - Diário de campo, novembro de 2021)

Quando eu soube do seu interesse no batismo, fui novamente tomada por preocupação e medo. Embora eu o considere engajado, observador e paciente, não deixei de pensar se não era uma ação precipitada. Todos os meus questionamentos perdiam forças quando ele colocava não só a *intuição* como justificativa, como sua convicção inabalável do passo que estava por dar. Mesmo sem entender toda *complexidade* da religião, Thiago se sentia muito seguro nesse caminho, ainda mais por ter o apoio de sua mãe e do encantado Manezinho.

No dia do ritual, lembro do quanto Fran estava nervosa e eu conseguia senti-lo através das suas falas molhadas de lágrimas: “*Minha irmã, ele não vai sofrer?*”, “*Me diz que ele vai ser feliz!*”, “*Por que eu não posso ir lá? Eu sou mãe dele*”.

Ela nunca havia ficado tanto tempo sem comunicação com o filho e pela primeira vez o seu título de mãe não havia sido validado durante as tentativas de vê-lo. Desde então, passei a observar como, para ela, foi e é difícil reconhecer que ao pisar no terreiro ou na presença das entidades, o seu poder de mãe é enfraquecido. Eles - mas principalmente ela - precisavam que

²³ Abordagem que será discutida no próximo capítulo.

entender que a partir de então não eram mais só mãe-filho, pois a relação de irmãos já havia sido firmada²⁴.

Não tenho como negar que o Thiago me fez mudar minha perspectiva. Criamos então um laço diferente, que foi se fortalecendo ao me tornar sua madrinha, destinando a mim a função de aconselhá-lo na mesma proporção em que partilhava suas confidências. O batismo abriu as portas e janelas desse mundo a ele, como costume ouvi-lo falar. Sempre que eu chegava em sua casa ou ele na minha, já me preparava para escutá-lo falar empolgado sobre como as coisas estavam mudando, atribuindo a causa ao mundo espiritual, à agência das entidades. Quando me perguntava se eu não enxergava o mesmo, instantes de silêncio eram compartilhados e por vezes interrompidos com o meu sorriso que entregava o meu pensamento meio duvidoso. Tudo girava positivamente em torno da religião e, apesar de eu sempre ser um pouco reticente a essa forma romântica de enxergá-la, entendi que ele só queria vivenciá-la, independente da forma como isso seria experienciado, afinal ele estava ali pronto para o que viesse, ciente de que sua realidade havia mudado desde o seu batismo na *Nação Omokutena*.

Thiago então me ensina a observar as coisas por outras perspectivas. Acredito que tenha sido resultado do próprio processo de aprendizado que esteve imerso até o dia do seu batismo, e ainda que pense e diga o quanto já aprendeu comigo, eu não teria como dimensionar o quanto já fui agraciada e atravessada com e partir dos seus olhares. Não posso negar que o Thiago foi responsável para que eu voltasse a me encantar.

Posteriormente ao seu batismo e dias depois de confirmarem a gravidez de Elisa (em 04 de janeiro de 2019), a casa da minha irmã ganhou uma nova habitante e outros passaram a ser revelados. Elisa estava com sua mediunidade a florada devido à gravidez e, além disso, acompanhava Thiago em todas as *passagens* realizadas na casa do seu Stênio. Assim, passou a enxergar *quiumbas*²⁵ que apareciam para lhe pedir ajuda. A sua clarividência era um assunto por ela evitado desde sua infância, pois, tinha medo de ser considerada uma mentirosa. Somente depois de meses e já não mais aguentando o que a presença dos espíritos lhe causava, contou ao pai de santo Cláudio e a algumas entidades. Recordo que em uma das passagens na casa de seu Stênio, *atuado* com seu Zequinha, lhe recomendaram deixar claro aos espíritos que ela não poderia ajudá-los, pois: 1) Estava grávida e a presença deles poderia causar algum mal durante a gestação; 2) Por mais que os visse, ela não tinha *forças* para os auxiliar e Thiago também não possuía ainda; 3) Eles estavam dentro de um espaço doméstico e ali nada poderia ser feito no

²⁴ Configuração que gerará diversas situações conflituosas que serão discutidas nos próximos capítulos.

²⁵ Isto é, espíritos considerados sem luz, atrasados e que não conseguem aceitar o seu *desencarne*. Esses espíritos devem obrigatoriamente ser afastados.

momento. Contudo, não bastava que deixasse claro aos *eguns* que nada poderia fazer mediante os pedidos de ajuda. Ela deveria deixar claro primeiro para si que não conseguiria ampará-los, já que quase diariamente contava como esses espíritos encontravam-se em estado de sofrimento, sendo essa situação a que mais lhe fazia mal.

Após essa conversa com o encantado Zequinha, Elisa foi “*sabendo lidar melhor*” com o que lhe acontecia, o que não significava que os *eguns* não se faziam mais presentes, só que a partir da primeira incorporação de Thiago, a presença de outros espíritos ganhava mais forças para que eles não pudessem afetar negativamente a mediunidade dela.

Posterior ao nascimento de sua filha, Ana Luz, Elisa recorrentemente era acometida por dores que nenhum *homem de branco*²⁶ conseguia explicar. Embora os encantados enfatizassem que as dores eram motivadas pela falta de *desenvolvimento* da sua mediunidade, Elisa julgava que ir ao hospital seria a solução, uma vez que não queria crer que o *seu povo* – referindo-se às futuras entidades que incorporaria - poderia causar algum mal à sua saúde. Embora nunca tivesse incorporado antes, ela já esperava por esse dia ciente do que a aguardava, afinal, ela acompanhou o processo de Thiago, precisando até se afastar dele durante um período, pois a *força* da mediunidade dele lhe fazia mal. Acredito que esses dias foram os mais difíceis para que eu também pudesse entender as diferentes agências de entidades na vida do médium antes da incorporação.

Do ponto de vista acadêmico, associava esses episódios à literatura que concebem casos de doenças como uma das razões mais apontadas como a causa às adesões afro-brasileiras (ASTOLFO, 2014; MAGNANI, 2002; MONTERO, 1985). Segundo Montero (1985) o aparecimento delas pode ser visto sob duas perspectivas: 1. Doença Material: de competência do médico; 2. Doença Espiritual: de competência religiosa. Para a autora, a adesão à umbanda pode estar relacionada à “influência familiar, o aparecimento de doenças ou distúrbios generalizados do comportamento e ou do bem-estar são as razões mais frequentemente levantadas” (p. 100). A respeito da cura e da doença na umbanda, Magnani (2002) afirma que “em alguns casos as perturbações tanto físicas, como mentais – fraqueza, desmaios, dores de cabeça, visões, convulsões – são consideradas não doenças propriamente ditas, mas sintomas de mediunidade” (MAGNANI, 2002, p. 6).

Elisa estava com dor e entendia que poderia incorporar, mas não recebia entidades ainda. Sentia-se aflita, pois estava com uma filha pequena e não sabia qual era a solução para o que vivia. Em uma madrugada depois de eu já ter adormecido Luz, ela me pediu para ir ao hospital.

²⁶ Forma pela qual os encantados chamam os profissionais de saúde, especificamente os médicos.

Deixamos Luz com a minha mãe e saímos nervosas por estarmos indo escondidas de Fran e Thiago, que achariam inútil essa saída. Ainda em casa, recorro de ter perguntado mais de uma vez sobre os seus documentos, ouvindo com muita convicção que estavam em sua bolsa desde o dia que chegou. A caminho do hospital, pedi que me entregasse os documentos e ao abrir sua carteira, sem encontrá-los, Elisa me olhava sorrindo como quem entendia que havia sido um sinal para mostrar a ela que não era necessário ir ao médico.

O desaparecimento da sua documentação foi interpretado por ela como um aviso ou uma forma de repreensão por ter saído. Elisa acreditava ter sido *coisa* do encantado Zequinha, pois, por repetidas vezes, ele havia chamado sua atenção para parar de “*procurar doença onde não tem*”. Após ter interpretado dessa forma, nessa madrugada ela deu fim a todo e qualquer motivo que a fizesse procurar o hospital.

As dores continuaram e Elisa procurou pai Cláudio, que lhe sugeriu dois caminhos: o primeiro poderia dar fim às dores por *algum tempo* e seria realizado através do *fechamento de correntes*²⁷; e o segundo poderia ser o batizado, que lhe traria uma possibilidade maior de desenvolvimento mediúnico. Certa de que não poderia seguir outro caminho, ela decidiu pelo batizado. Quando perguntei sobre essa decisão, que para mim, estava atrelada ao desejo de dar fim ao mal-estar quase diário, outras questões me foram reveladas.

Na época estava em desequilíbrio de energia com as minhas entidades, não estava conseguindo controlar as correntes e alguns sintomas delas, então me foi dito que ou eu fechava minhas correntes ou me batizaria para conseguir aprender a controlar e viver com essas energias. Mas antes disso, já era um desejo meu me batizar, pois apesar da conta, eu já frequentava a casa há mais de um ano e tinha certeza de que lá era o lugar que eu começaria a me desenvolver. (Elisa - Diário de Campo, novembro de 2021)

A fala de Elisa contribui para compreender que considera o fortalecimento da ligação com os espíritos como algo essencial para um bom desenvolvimento mediúnico e espiritual. Estar desequilibrada pode causar uma *desconexão*, *desajuste* ou *desalinhamento* com as entidades, afetando nas múltiplas formas de comunicação necessárias para firmar esse laço, tende a deixar a pessoa fraca e vulnerável às dores. Conhecer as energias e as formas de aproximação com os espíritos são duas coisas que exigem paciência no processo de aprendizagem que acima de tudo, como seu Zequinha já havia nos chamado atenção em suas

²⁷ Ação que resultaria no não desenvolvimento mediúnico e na ausência de influência do plano espiritual, referindo-se ao fato dela não mais sentir as energias das entidades que a rodeavam.

passagens, não depende apenas da vontade e do querer dos humanos. Afinal, o tempo dos espíritos - é diferente do nosso – os *pecadores*²⁸.

Quando teve a opção de *fechar correntes* para se livrar das dores, Elisa soube que as entidades que a rodeavam – e que ela ainda não conhecia – poderiam se distanciar. Por isso, decidiu pelo batismo, por acreditar que assim estabeleceria uma melhor *conexão* com elas. Elisa que foi a última a ser batizada, no dia 1º de fevereiro de 2020, aos dezessete anos e antes de sermos atravessados pela COVID-19. Ela afirma que devido ao ritual, as incorporações tornaram-se mais “*tranquilas e disciplinadas*”, considerando que houve um aumento da potencialidade da comunicação com os espíritos.

Sua compreensão do batismo se assemelha a aspectos do que acontece no “fazer o santo”, processo que possibilita a construção da pessoa e de seus orixás, como abordou Goldman (1985) ao falar sobre esse ritual no candomblé angola (ainda que meus familiares e amigos não tratem essa situação como nascimento pessoa-orixá). Elisa já possuía relações com as entidades, afinal já sentia a energia daquelas que *passam* por Thiago, mas somente por consequência do batismo considera tê-las fortalecido, se desenvolvendo como médium e como pessoa.

Algum tempo depois, eu soube de mais uma razão que levou Elisa ao batismo: o medo de ficar “*desequilibrada espiritualmente*” tal qual sua mãe ficou por anos. Demorei a perceber que o mesmo medo também aparecia, ainda que de modo menos frequente, nas falas da minha irmã, Fran, todas as vezes que trazia a atual condição de vida de uma das tias protestantes, relacionando a sua não prosperidade (financeira e emocional) ao fato de ter se convertido. Pensamento esse que as entidades tentam desconstruir desde a primeira vez que passaram a fazer parte do nosso cotidiano, nos lembrando que a nossa prosperidade pode até ter interferência deles, mas que sempre será menor do que o resultado de nossas ações.

A decisão de Pedro pelo batismo é carregada por diversas influências que não aparecem nas narrativas já mencionadas. Certo dia perguntei como ele definiria o que o havia levado ao batismo e muito convicto dos caminhos já percorridos, respondeu-me:

Todas as vivências que tive na religião, a presença das entidades na minha vida, a sua interferência ao meu favor, eu podendo vê-las, ouvi-las e conhecê-las me fez ter a coragem que antes eu não tinha. Sem elas nada teria acontecido, pois elas me trabalharam por um bom tempo para que eu pudesse passar pelo ritual e para me preparar para o que viria depois. (Pedro - Diário de Campo, março de 2022)

²⁸ Modo pela qual as entidades também chamam os humanos.

A partir dessa fala, consigo apontar porque considero o caminho de Pedro diferente dos demais, apesar de encontrar algumas semelhanças. Não há como negar que o conhecimento adquirido durante as visitas ocasionadas pela universidade foram também fundamentais para seu batismo. As suas vivências na religião, como ele mesmo ressalta, duraram seis anos até essa tomada de decisão, enquanto íamos juntos aos terreiros, enquanto ele conhecia outros e era assistido por entidades em *passagens*. Acho interessante quando Pedro traz a palavra *coragem* como aquilo que o fez definir um novo caminhar, afinal ele era consciente do que o batismo representaria em sua vida, e sabia que tratava-se de assumir as responsabilidades e as consequências de suas ações. Em decorrência disso, Pedro justifica os anos que passou enquanto *visitante, simpatizante, consulente* etc. em alguns terreiros.

Assim que as entidades passaram a *fazer/dar passagem* em Thiago, Pedro se tornou presença constante. As entidades tinham simpatia por ele e sabiam qual caminho seguiria dentro da religião. Diversas vezes escutamos essa previsão, ainda que falada de modo desprezioso. Sorríamos e falávamos que elas “davam corda” para as suas conversas e suas histórias. Havia vários elementos que o levavam ao contato com o *mundo encantado* e a tornar-se um *omokutena*, mas inicialmente registro duas situações por ele apontadas:

Um dia estava tirando casca de coco seco com uma faca de serra, como sempre foi orientado como forma de tirá-la. Porém, a faca deslizou e ocorreu um acidente quando a faca entrou na minha mão esquerda, ocasionando um ferimento relativamente grave, saindo muito sangue. Eu, como sempre, mantenho (ou tento manter) a calma, mas minha mão pulsava muito e saía muito sangue. Gritei pela minha mãe e irmã e elas vieram, mas não puderam ajudar em quase nada, pois estavam muito assustadas. Sendo assim, sentei na mesa com um pano que tinha pedido para a minha irmã para estancar o sangue e sentei na mesa suplicando ajuda de alguém (isso mentalmente). Foi quando de forma inesperada, Seu Tranca Ruas se manifestou, acalmou a minha mãe e minha irmã, "botando ordem na casa", pois estavam desesperadas, orientando que chamasse "o carro" (uber) do meu celular, pois ela não estava conseguindo do dela. Quando retorno, a dor tinha diminuído muito, eu não estava mais desfalecendo e estava calmo e tranquilo esperando o uber chegar. Até ser realizada a pequena cirurgia na minha mão, era como se eu não sentisse quase nada. Na verdade, depois entendi que a presença dele foi apenas para não me deixar desmaiar até chegar ao hospital do bairro. Ele me deu uma "carga de 220v" para me manter em pé.

Outra situação, se trata de emprego. Há muito tempo já queria sair do meu emprego passado e nunca conseguia, mas queria trabalhar na pauta indígena. Sempre recebia respostas negativas ou batia na trave. Até que um dia uma pessoa do meu antigo trabalho me apresentou a um seletivo na FUNAI, porém era de apenas 6 meses e meu emprego estava garantido até o final do ano. Fiquei relutante e disse que não iria fazer, porém numa noite de sábado para domingo eu tenho um sonho passeando pela praça perto da minha casa em uma manhã muito ensolarada. Andando, eu passo por um homem que estava sentado em um dos bancos. Quando passei por ele, ele grita "Ei, rapaz, vem aqui" eu me viro, me aproximo um pouco e ele olha pra mim apontando o dedo "Não esquece de fazer o seletivo da FUNAI". Na mesma semana eu me inscrevi e hoje trabalho na FUNAI. (Pedro - Diário de Campo, março de 2022)

Essa incorporação do seu Tranca Ruas, aconteceu em maio de 2021, sete meses antes do batizado de Pedro. Poucos dias antes do ocorrido, falávamos sobre mediunidade no grupo que temos em um aplicativo de mensagens composto por mim, ele e Déborah, denominado “Tríade Perfeita”, nome dado por seu Zequinha ao nos dizer o que pensava a respeito da nossa amizade. Pedro nos contava sobre uma de suas idas à *Nação Omokutena*, que aconteceu quase depois de dois anos já frequentando as *passagens* na casa dos meus familiares. Nesse mesmo dia, ouviu de algumas entidades que se “*afobar*” e “*pular fases*” não era necessário, mas que ter uma orientação era imprescindível, independente do lugar escolhido. “*Ninguém se faz sozinho*” foi a frase que ouviu e ficou ressoando em sua cabeça, concluindo que por mais que frequentasse a *passagem* por bastante tempo e já estivesse incorporando, esse processo de desenvolvimento não seria o mesmo se estivesse *firmado* em um terreiro. Afinal, já era um frequentador assíduo das *passagens* sem nunca ter assumido um compromisso com as doutrinas *omokutenas*. Em seguida, nos falou sobre se considerar muito racional como forma de justificar os seus passos e escolhas.

Hoje é notório como Pedro mudou a visão sobre si mesmo após seu batizado, quando ressalta a importância de ter visto, ouvido e conhecido as entidades que fariam parte de si. Nesse processo, tudo que ele esperava era exatamente o que iria de encontro a essa promessa. Pedro necessitava cada vez mais da intercessão dos espíritos para que a magia acontecesse e assim pudesse ter certeza da sua escolha, afinal, como ele mesmo conta, estava saindo de uma religião que havia passado “*uma vida toda*” muito embora não mais lhe contemplasse e completasse.

Em 30 de setembro de 2021, Pedro nos disse “*Rapaz... vai ser esse ano o batismo*”. Em seguida, mas em uma conversa só comigo, afirmou “*Ei. Tu vai ser minha madrinha.*” e por mais que eu modestamente já esperasse por isso, não há como negar o quão grande foi minha emoção, afinal eu sabia que essa escolha carregava um grande significado. Estávamos perto de firmar mais um laço. “*Eu confio em ti cegamente*” foi o que me disse, fazendo com que eu tivesse certeza de que não se tratava do que já existe entre nós dentro de uma configuração de amizade, mas sim do que ainda pode ser feito e constrói coletivamente em uma relação de apadrinhamento.

Trago mais um evento que considero fundamental para que o mais novo *omokutena* nascesse: a participação em uma cerimônia xamânica em outro espaço religioso. Pedro já havia participado duas vezes antes de convidar a mim, Thiago e Elisa. Talvez por ser uma memória mais recente, consigo nitidamente ao fechar os meus olhos lembrar da empolgação e ansiedade dos três e contrariamente a essas sensações, o meu medo, pois lá estava eu indo para um território que eu não conhecia novamente. Embora Pedro já tivesse contado como o ritual

acontecera nas vezes que estive presente, tenho muito claro dentro de mim que em territórios desconhecidos – e não somente - as percepções e atravessamentos continuamente diferem de pessoa para pessoa.

O ritual aconteceu dia 13 de novembro de 2021 entre oito horas da noite às cinco horas da manhã. Antes do seu término, todos os presentes foram convidados a falar publicamente como havia sido essa experiência. No momento em que o participante segura o “*Pau-Falante*” – literalmente um pedaço de pau (con)sagrado “enfeitado” com penas -, somente sua voz ecoa no local. Pedro, que foi um dos últimos a falar, teve um dos depoimentos que mais comoveram a todos naquela madrugada. Bastante emocionado, por vezes não conseguindo terminar sua fala, que se misturava com o soluçar de quem chora incontrolavelmente, agradeceu pela oportunidade de estar ali, enfatizando que apesar de ser sua terceira vez, a experiência não poderia ser comparada com as demais, pois ele havia - pela primeira vez – sentido as entidades de modo diferente. Perto de finalizar seus agradecimentos, Pedro me surpreendeu ao falar que desde sua participação nos rituais ele conseguira estreitar a relação com as “suas” entidades e a partir do seu último contato com a Ayahuasca ele tivera a certeza de qual caminho seguir. Com o dia amanhecendo, se alguma dúvida o rondava, ela havia sido findada.

No dia seguinte, nós quatro falamos um pouco sobre o que achamos. Dentre as falas registradas virtualmente, Elisa disse sobre sentir e ver o seu mundo diferente e o que lhe parecia oculto, após a consagração da Ayahuasca, havia se tornado nítido. Thiago agradeceu a Pedro pelo convite afirmando que “*os caminhos junto a Ayahuasca são muito reveladores*”. Diante de tudo que foi falado, associamos esse contato (com o) sagrado a uma experiência essencialmente pedagógica, cujos saberes são capazes de fornecer direcionamentos nos modos de pensar e viver daqueles que conseguem se entregar a um trabalho destinado ao cuidar espiritual. Afinal, como diz em um dos *rezos* cantados no ritual “*quem não quiser balanço, vai ficando no seu canto*”. Querer balanço é querer se expandir a partir das sensibilidades que nos atravessam. A fim de honrar esse contato, carrego uma certeza: gostamos do balanço!

Eu não poderia chegar no dia 04 de dezembro de 2021, data do batizado de Pedro, sem antes retomar todos esses acontecimentos. Chegar nesse dia só foi possível porque ele pôde vivenciar todo o restante com uma entrega que ele dá em tudo que faz e é reconhecido por isso. Ao falar sobre o batismo, ele trouxe uma discussão importante para esta pesquisa: o valor e o peso de passar por esse ritual e a sua forma de validação. Para ele, o batizado na *Nação Omokutena* propicia o (re)nascimento e reconhecimento pelo.

No momento do batismo, ou parte dele, outras pessoas assistem e sabem que a partir daquele momento, sendo batizado por alguém superior de uma casa e assistido por outras pessoas, você passa a ser reconhecido e identificado como pertencente a alguma religião. Considero que as pessoas que frequentam terreiros ou passagens, sem batismo, são simpatizantes, pois depois de entrar, há uma série de obrigações e tarefas dentro da religião que não é de obrigação dos não batizados participarem, além dos segredos da religião que não são passados para as pessoas que são fora dela. (Pedro - Diário de Campo, março de 2022)

O pensamento dele confirma o que se encontra no campo afro religioso ao tomar esse ritual de iniciação como um ritual que permite uma aproximação e aceitação do novo membro pela “família de axé”. Assim como os demais, ele também sabia que um “não omokutena” poderia vivenciar situações de não liberação em determinados rituais. Sendo assim, a sua vivência em diferentes espaços religiosos permitiu que fosse capaz de constantemente articular saberes até o seu rito de passagem.

Exposto como os batismos foram acontecendo procurei compreender o modo como os interlocutores e a própria doutrina *omokutena* interpretam a futura transformação que esse ritual ocasionará. Bem como fui percebendo durante a pesquisa de campo que a ida frequente a um determinado terreiro, a permanência nas *giras, toques, passagens*, a crença naqueles que ali fazem parte, bem como nos rituais e todos os momentos de aprendizagem que existem devido ao fluxo de informações que transitam no espaço, foram elementos decisivos para que os meus interlocutores escolhessem fazer parte de forma legítima da *Nação*.

Para os quatro, e todos aqueles presentes no meu campo que depois passaram pelo batizado e demais *graduações*, sentir-se bem já não era mais o suficiente diante do que foi declarado sobre o processo de desenvolvimento mediúnico. A cada dia o que almejam é o compartilhamento de informações, segredos e noções que só são adquiridos por meio desses rituais, pois são conscientes de estarem dentro de uma hierarquia de obrigações. Constantemente os médiuns externavam sobre o desejo de aumentarem seus *graus*, ou seja, passarem por mais *graduações*. As entidades também os cobravam, alertando sobre a necessidade de passarem por elas para se fortalecerem e aprenderem mais²⁹.

Ao compreender o batismo como uma categoria que entrelaça os interlocutores ao *mundo encantado*, percebi que a religião (umbanda) para eles é sentida através de movimentos em diferentes ritmos e sentidos. Cada um sente de uma forma única e caminha conforme o seu ritmo através de suas próprias experiências e significâncias.

²⁹ Essa discussão será abordada nos próximos capítulos.

2.3 RETOMANDO OS PRIMEIROS PASSOS

Gostaria de retomar o que os meus interlocutores consideram como o começo de uma nova configuração em suas vidas. Inicialmente, os leitores e as leitoras poderiam pensar que o meu objetivo neste capítulo se tratava de contar uma história a partir de uma linearidade, mas o que realmente importa e não só para mim, é contar como as histórias vão sendo amarradas durante todos esses anos.

Em janeiro de 2019, quando ainda morávamos no mesmo condomínio, duas novidades contadas no início do capítulo foram anunciadas na vida dos meus familiares: a incorporação de Thiago e a gravidez de Anna Elisa. Na época, eles moravam no terceiro andar em um apartamento de cinquenta metros quadrados (50m²) constituído por dois quartos, um banheiro, sala, cozinha e uma pequena varanda. Fran (e às vezes o seu namorado) e Maria Clara dividiam um quarto, Thiago e Jorge Fernando dividiam o outro e o cachorro Evvee transitava entre os cômodos. Com a chegada de Elisa, o Nando se dispôs a dormir na sala e no quarto da Fran para que seu irmão dormisse com ela confortavelmente por conta da gravidez.

Com a família crescendo, Fran desconfortavelmente vendo que o apartamento não lhes era mais compatível, decidiu ir em busca de uma morada que acomodasse todos que já se faziam presentes e muitos outros que já sabiam que chegariam. Entretanto, procurar por apartamento estava fora de cogitação, pois um recado já havia sido dado: Thiago estava apenas no começo de uma longa jornada espiritual e morar *trepado* não era o aconselhado, afinal, as entidades não concebiam o fato de existir pessoas “*trepadas em cima*” deles, “*pisando*” na cabeça de seus *cavalos*, pois isso significa cortar a força do médium e da entidade.

Apesar disso, duas vezes recebemos a visita de uma delas. A primeira vez foi no apartamento da Fran em momento seu de doença durante uma madrugada. Ela sentia febre, dor no corpo e o encantado³⁰ justificou sua presença alegando sua vontade de saber como estava. Pouco depois dele ter *subido*, a melhora da Fran aconteceu. A segunda vez foi em meu apartamento. Lembro-me de estar estudando quando ele chegou dizendo só querer me ver e ficar um pouco em minha companhia, mesmo tendo gente *trepada* em cima dele. Sinto-me sempre lisonjeada ao lembrar de sua fala, mas infelizmente sou lembrada por não ter lhe feito assistência. Ao recordar dessa visita inesperada, ele até hoje me cobra a atenção que eu não pude dar naquela noite, mesmo sendo os estudos a razão da minha breve companhia.

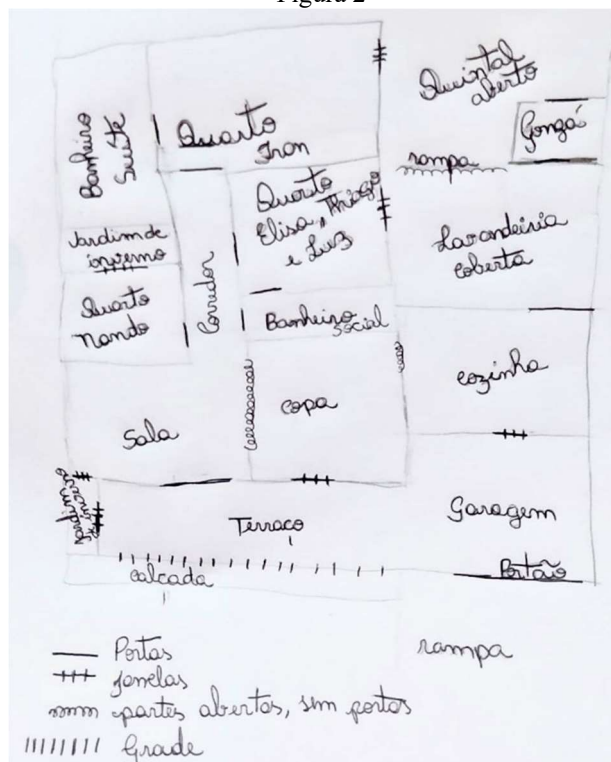
³⁰ Hoje sabemos que quem estava conosco era seu Luzeiro, mas na época e por conta das regras da *Nação Omokutena*, o encantado ainda não poderia nos dizer como se chamava.

Após essa incorporação, atenta ao que tinha escutado e sabendo da necessidade e urgente de mudança, minha irmã ficou alguns dias olhando casas a fim de encontrar uma que considerasse ideal para todos. A casa teria que possuir no mínimo três quartos, um quintal, um terraço grande e um local onde se pudesse colocar as *coisas de santo*. Logo em seguida, após Fran pedir ajuda às entidades para achar a casa “certa”, ela a encontrou, ou como costumam dizer, elas fizeram com que fosse achada. “*Nós que mostramos a casa pra ela*”, contam as entidades ao falarem desse episódio.

Figura 1



Figura 2



Diferentemente das outras mudanças da minha irmã, essa era a primeira vez que o seu gosto não iria prevalecer, pois a confirmação dos espíritos era o mais importante e a decisão final era deles. Lembro-me de ter recebido uma chamada de vídeo para que eu conhecesse a nova casa, mas especialmente queriam me apresentar o cômodo do *gongá*: um quarto no quintal que possuía menos de dois metros e o único que já estava arquitetonicamente planejado pelos meus familiares: “*Bem ali vai ficar o altar*”, “*Aqui a gente põe as imagens que não couber lá em cima*”, “*É pequeno, mas vai servir*” foi o que ouvi durante a chamada. Sendo assim, não só esse cômodo, mas a constituição e configuração da casa toda foi sendo feita e pensada por humanos e não-humanos.

Após o proprietário entregar a chave da casa para a minha irmã, ajustes foram feitos, assim como uma limpeza. Mas, algo ainda precisava ser feito: a limpeza conforme os “padrões” *omokutena*. Em 22 de fevereiro de 2019, a casa que estava sendo vista pelo seu Stênio, Thiago e Fran, recebeu a visita do seu Zequinha e, posteriormente, na hora da limpeza, meu sobrinho incorporou um exu que deu início a todo o ritual. No dia seguinte, a casa foi defumada pelos meus familiares com o intuito de tirarem tudo de ruim que lá ainda poderia habitar, finalizando a única coisa que estava adiando a sua ocupação. Essa defumação é constantemente acionada por afro religiosos em São Luís, em processos de limpeza e “purificação”, seja do corpo ou de outras formas de habitação. A casa pode ser habitada por muitos e o corpo também, afinal, são dois lugares de encontros.

Tendo Thiago o corpo já habitado por diferentes entidades, o primeiro semestre de 2019 marca a vida de todos nós, pois, temos o nosso cotidiano constantemente transformado pelas entidades que fariam parte do nosso convívio diário. A primeira vez que ele incorporou em uma *passagem* na casa de seu Stênio mudando sua feição e postura, transformando-se, pouco sabíamos como agir. Fran estava nervosa e eu timidamente assustada, por mais que esse dia já nos tivesse sido anunciado desde a nossa chegada à *Nação Omokutena*. O corpo do meu sobrinho estava sendo habitado por um espírito que ainda não podia falar, conforme a doutrina da casa, mas que estava atento a cada movimento que fazíamos.

Na *passagem* seguinte, apareceu outro com um sorriso no canto da boca e o olhar fixo em nossos olhos. Esse já falava a seu modo, mas a gente não o entendia, afinal ainda não tínhamos a habilidade para compreender sorrisos e olhares. Semanas passavam e cada vez que ele chegava em Thiago (ainda na casa de seu Stênio), novos comportamentos eram percebidos. Para o nosso estranhamento, beber e fumar eram ações que definitivamente nos davam a certeza da sua incorporação, pois se tem uma coisa que Fran sucessivamente faz questão de falar é “*Meu filho não bebe e nem fuma*”. Ao longo de três meses fomos fortalecendo esse laço até o

seu Zequinha dizer já ter chegado a hora da entidade dar *passagem* em sua própria casa e pediu que inicialmente eu e minha mãe estivéssemos presentes durante esse processo de *desenvolvimento* tanto da entidade como de Thiago.

Quando se fala em fortalecimento do espírito e médium, fala-se também em fortalecer laços e isso acontece mediante a convivência. Recentemente ouvi de um amigo o quanto achava interessante a forma como eu conseguia identificar as entidades sem elas falarem nada e como eram bonitas as nossas relações. Lembro de ter respondido sobre a importância de estar ao lado delas desde a sua chegada e assim como afirma Rabelo (2014, p. 22), isso requer de nós mais do que uma simples observação, afinal não é suficiente identificarmos quais “os seres que são admitidos, mobilizados e/ou constituídos”, exigindo que, para além disso, saibamos “explorar os modos e os procedimentos pelos quais eles se entrelaçam e afetam ao longo do tempo”. Também alertei que havia outras formas de compreender as falas que não são constituídas por palavras. As entidades nem sempre precisam falar para serem compreendidas. Pedi que ele passasse a reparar em cada som emitido durante suas chegadas, em suas posturas, modos de se sentar e andar, nos objetos que pegam e carregam consigo e nos trejeitos. Por fim, enfatizei o quanto se pode ser aprendido e apreendido quando estamos entregues a esse encontro.

Após tecermos esses laços em momentos semanais que eram só para a família, Thiago e a única entidade que o incorporava naqueles primeiros meses, começou a *dar, fazer e abrir passagem* para todos aqueles que precisassem de alguma ajuda física e/ou espiritual, conselho, direcionamento ou quisessem apenas estarem presentes. Meses mais tarde, outros espíritos apareceram durante o processo de *desenvolvimento* mútuo pelo qual meu sobrinho e a entidade passavam. O médium foi ganhando *força* no sentido de estar acumulando energia ao entrar em contato com forças diferentes das suas e que ajustam constantemente suas permanências.

A casa dos meus parentes havia se tornado uma “simultaneidade de histórias” resultante do encontro e cruzamento de diferentes trajetórias, tal como Massey (2005, p. 183) definiu o espaço. Foi na casa deles que encantados, pessoas, animais e coisas foram adquirindo conhecimentos e se constituindo enquanto personalidades protagonistas desta pesquisa. Não posso definir a data de um começo como venho atribuindo a cada evento contado, mas posso afirmar que tudo começou quando forças se cruzaram, somaram e potencializaram-se.

3. UMA CASA PARA PESSOAS E ENTIDADES

Busco demonstrar, nesse capítulo, como meus interlocutores são atravessados e mobilizados por meio do que acontece antes, durante e depois dos rituais, buscando refletir sobre as motivações e consequências de ordem espiritual, social e política dos encontros vivenciados nesses momentos. Para compreender as *passagens* é necessário considerar não só o espaço configurado, mas também o tempo. Ele é aspecto constituinte do que resulta delas. Trago para este trabalho narrativas sobre as vidas de parentes e amigos que foram atravessadas e construídas por inter-relações entre humanos e não humanos – aqui pessoas e entidades -, como numa teia, uma rede tendo a casa dos meus familiares como um espaço de circulação de significados, saberes e sentidos. Protagonizam este capítulo os médiuns participantes assíduos das *passagens* realizadas na casa de Fran e que serão identificados pelo seu primeiro nome ou pelos nomes de tratamento criados pelas entidades. Mantive os nomes próprios de todos, pois assim me foi autorizado.

É um desafio do capítulo produzir uma escrita etnográfica que abarque textualmente marcas temporais de saberes que foram construídos a partir de momentos diferenciados de participação, entrelaçando memórias e análise etnográfica em uma representação textual coesa. É possível que a minha memória falhe ao trazer as narrativas dos anos passados, momentos que eu não contava que seriam incorporados em uma futura dissertação. Para enxergar esses momentos dentro de um quebra-cabeças, recuperando o que me pareciam unidades soltas e aparentemente sem sentido, passei a ter o hábito de confirmar com meus parentes informações do que vivemos, bem como enviei trechos da escrita para ouvir sugestões sobre suas próprias perspectivas e recordações. Isso porque, como eu disse, muito do que aqui se construiu antecede a minha preparação para enxergar todo o contexto enquanto campo de pesquisa.

3.1 “PASSAGEM DE SEU PEDRO”: FIRMEZA DE “CABOCLO”

A gravidez de Elisa, as primeiras incorporações em Thiago e a importância do desenvolvimento de sua mediunidade criaram uma série de mudanças na vida de todos. Com a chegada de Anna Elisa no arranjo familiar, o futuro nascimento de Ana Luz, o anúncio de que não humanos fariam parte do cotidiano, e da necessidade de que o novo lar tivesse terraço ou

quintal e um “quarto para as entidades” em que pudessem ter um altar e realizar rituais³¹, fez com que Fran imediatamente fosse atrás de uma casa que abarcasse essa nova configuração.

Achada a nova morada, Thiago começou a *abrir passagem* semanalmente para *receber* seu Pedro de Légua e firmá-lo. Para ele a firmeza de caboclo representa a construção de um laço. É a habilidade que o médium possui para receber essa entidade, bem como, a forma como consegue controlar essa força que emanada durante a incorporação. Esse processo também pode ser pensado através do que os Leacock (1972) descreveram ao observarem as religiões afro-brasileiras de Belém, principalmente o Batuque, como uma relação de afinidade no momento de recepção do encantado no corpo do médium, resultando em uma aprendizagem e desenvolvimento, pois também é por meio do corpo que saberes são transmitidos, propagados e fortalecidos ao longo do tempo.

A firmeza para além de estreitar uma relação que se inicia, permite às entidades ganharem mais força e o médium mais controle e conhecimento tanto sobre elas como a outros saberes. É preciso deixar firme, estabilizar, assegurar o encantado de que aquele corpo estava preparado para recebê-lo. A esse respeito, Antonacci (2003) discute sobre como o corpo dos afro religiosos carregam traços e forças capazes de produzir caracteres de seres vivos e energias que resultam poderes e habilidades que não se prendem aquilo que pode ser verbalizado.

As *passagens* iniciaram em março de 2019 no terraço da casa da minha irmã assim que o Thiago foi alertado sobre a necessidade de executá-la como fator contribuinte para o seu processo de desenvolvimento, sendo esse até então o único objetivo. Nos primeiros meses não havia um calendário fixo e apenas seis pessoas participavam: eu, Fran, Anna Elisa, minha mãe, Maria Clara e Fernando. As cinco primeiras sempre presentes da hora de início ao fim e Maria era chamada em momentos específicos, como rituais de defumação, benzimento ou quando a para algum assunto específico.

Nas *passagens*, o encantado era visto como aquele que trazia consigo uma herança ancestral e que estava ali para propagar seus ensinamentos enquanto se firmava. Martina Ahlert (2021) ao falar sobre esses seres no terecô em Codó, os descreve como aqueles que apesar de terem “sido pessoas em outro momento de suas existências, sua mudança de estatuto os transformou em seres de outro tipo, capazes de resolver problemas, deter conhecimento e potência além das qualidades humanas” (p. 108) – e, dessa forma, também no contexto da minha

³¹ Também conhecido como *congá* ou *gongá*: lugar consagrado em que há energias que são constantemente renovadas, através de preces e outros objetos imantados que são dispostos como velas, copos com água, pontos riscados, imagens etc. é considerado um ponto energético de firmeza espiritual para irradiar a energia por todo o chão que só pode ser ocupado com os pés descalços para que absorvam todo o axé.

pesquisa, a imagem de seu Pedro foi sendo construída. Estávamos diante de uma série de circulação de saberes, valores, códigos culturais e ritualísticos e de visões de mundo distantes das nossas, mas que passariam a assumir um papel importante na construção das pessoas e orientariam boa parte de suas ações, sendo referências no cotidiano.

A convivência com as entidades foi sendo construída no cotidiano da casa. Além do compartilhamento de informações sobre rituais, banhos, rezas, ervas e sobretudo sobre a vida e de saber vivê-la, seu Pedro também nos usava como instrumento de recados ‘educativos’ ao próprio Thiago: “*Peça para o meu filho fazer isso*”; “*Diga a ele pra fazer dessa forma a partir de hoje*”; “*Falem pra ele prestar mais atenção nas coisas*” - eram frases típicas nos primeiros meses de incorporação e muito direcionadas a mim, em particular, pelo meu papel de madrinha. Mesmo com quatro anos de incorporação frases desse tipo não são incomuns até hoje. As *passagens* também funcionam como um aprendizado ininterrupto de formação que possibilitam o desenvolvimento espiritual dos médiuns e encantados.

Durante meses as *passagens* foram unicamente de seu Pedro, recebido por Thiago, quando, me parece, ambos aprenderam e se desenvolveram concomitantemente.

Acredito ter sido nesses momentos que aprendi, nas *passagens* dentro da casa da minha irmã, a “língua” que ali estava sendo falada até mesmo pra entender os sentidos dado às coisas que circulavam no local: a importância da escuta, a hora de saber e como falar, da dedicação ao desenvolvimento mediúnico, da abdicção de situações e pessoas que comprometiam o nosso bem estar físico, emocional e psicológico, questões de respeito, proteção, o reconhecimento pelo cuidado, dentre outros saberes que eram compostos, revelados e praticados no cotidiano. A temporalidade junto a vivência funciona como uma condição necessária para a aprendizagem.

Costumávamos ir à *passagem* umas três vezes ao mês e ficávamos por volta de quatro a cinco horas que eram protagonizadas por conversas entre Fran e seu Pedro. Parecia que o restante estava ali para, além da criação e fortalecimento de laços, serem espectadores do diálogo dos dois. As perguntas giravam em torno do cotidiano (vida financeira, afetiva, família, trabalho dentre outras). Embora detentor de muito conhecimento, seu Pedro também reconhecia suas limitações ao afirmar não dominar determinados assuntos tanto por não saber, como também por “*ser cedo demais*”, já que segundo a doutrina *omokutena* as entidades são liberadas para consultar somente após um determinado tempo³², sempre nos lembrando que também

³² A questão do tempo me parece não ter uma fixidez pré-determinada. Nesse sentido, o que indica o “tempo certo” é o grau de desenvolvimento do médium a partir do que é observado pelo pai de santo e as entidades superiores dentro da hierarquia da casa. Essa configuração, dentre outras, é mais uma característica que difere as religiões afro-brasileiras de outras religiões hierarquizadas. Cada terreiro possui sua autonomia e suas próprias regras,

estava em condição de desenvolvimento quando em nossa presença. As tradições, doutrinas, fundamentos, formas de execução ritual, valores entre outros saberes foram sendo fortalecidos a partir de sua doutrinação.

Das diversas vezes indo ao terreiro e nas *passagens*, ouvi sobre a necessidade de os encantados serem doutrinados, e a partir da vivência pude observar, que para eles, a doutrinação estava relacionada ao *desenvolvimento* e aos seus limites de sua ação dentro de um contexto temporal. Na Nação Omokutena essa doutrinação significa: como e o que falar, como comportar-se, como *chegar* no médium, saber os modos de se vestir e de tratamento pelos quais as entidades devem se guiar. “*Aqui todo mundo é doutrinado a subir e chegar bem*” disse-me uma vez Zé Pilintra, incorporado em Thiago, orgulhando-se da forma que Pedro e “suas” entidades estavam se desenvolvendo. Ficou claro durante a convivência que tanto médiuns quanto encantados ao serem doutrinados estão envolvidos na prática que gera possibilidades de aprender.

Algumas próprias entidades julgam necessário serem doutrinadas para que possam manter boas relações com aqueles que lhes demonstram afeto e confiança, outras não costumam falar de forma positiva alegando não precisarem se encaixar em modelos, pois como afirmam, a precisão é do *pecador*. Rabelo (2014) discutindo sobre a representação da doutrinação de caboclos em terreiros de candomblé afirma que ela “não é conversão do selvagem no civilizado: se assim fosse, implicaria perda de poder. Tampouco corresponde aquilo que normalmente se entende como ensino de modos civilizados” (p. 121). No meu campo, também pude notar que ela não significa um momento de ensinamento e adaptação com esse novo lugar de habitação e embora não represente a perda de poder, a sua limitação é visível, haja vista que estão dentro de relações hierárquicas. “*Não sou autorizado em falar*” é uma das frases que mais escutamos nesse começo e que ratificam essa limitação legitimada

Mesmo com todas os percalços explícitos resultantes do processo de doutrinação, eu percebia que Fran estava completamente envolvida pela presença e atuação de seu Pedro, a ponto de querer saber somente dele sobre determinados acontecimentos. Houve casos em que ela, tendo necessidade de conversar com o encantado, perguntava incessantemente ao filho quando ele iria incorporar, mas nem sempre tinha a resposta que almejava: “*Quando seu Pedro quiser descer, ele desce*” – dizia Thiago, deixando claro que a incorporação não era um ato de desejo pessoal. Para ele, as *passagens* só aconteciam por quê e quando ele sentia a energia da entidade, a aproximação de sua *corrente* ou sabia do desejo e precisão do encantado em

doutrinas. Segundo Sousa (2001), a condução do terreiro é em sua maioria influenciado pela personalidade e cosmovisão do pai de santo

aparecer. Fran demorou a entender que a incorporação não dependia da necessidade e/ou vontade dela, tampouco da do filho.

Aos poucos seu Pedro passou a fazer parte da vida de todos daquela casa, organizando a maneira como interpretavam e lidavam com os fatos do seu cotidiano, constituindo comportamentos e atitudes. Para Fran, se aparecia uma pessoa nova em seu caminho, ela queria saber o propósito. Se alguém da família adoecia, indagava sobre o estado de saúde do parente. Se alguma proposta de emprego lhe era oferecida, perguntava se devia ou não aceitar. Se as finanças estavam ruins, ela lhe pedia conselhos para fazer algo que melhorasse. Por mais que nem sempre fizesse o que fora aconselhado, era indispensável que uma conversa acontecesse, demonstrando como “o cotidiano de uma pessoa é cercado de fórmulas e enunciações que a vinculam às entidades que lhe são próximas, em geral rogando sua proteção contra males e perigos ou mobilizando-as para que concedam suas bênçãos às pessoas que lhe são caras” (BANNAGIA, 2015, p. 251).

Esse contexto logo se tornou interessante, arriscado e ao mesmo tempo genuíno. Eu achava estranho o fato de Fran carregar a certeza de que ele estaria ali para quando precisasse ainda que não seguisse sua recomendação. Por mais que o procurasse por enxergá-lo como “*aquela que sabe mais do que a gente*”, para ela o importante não era sua aprovação ou reprovação, mas sim a certeza de que ele estivesse ciente do movimento que seria feito e disposto a ajudar caso algo desse errado. A parte arriscada eu considerava por saber que ela havia sido alertada diversas vezes que não receberia mais ajuda caso continuasse fazendo as mesmas escolhas. A capacidade de agir de modo destemido da Fran é igualmente proporcional à dimensão dos riscos que se corre ao abusar da sorte. Ela arrisca mesmo sendo avisada que agindo de determinada forma, os resultados não serão os que espera.

Cheguei a demonstrar algum sorriso de canto de boca enquanto minha irmã e o encantado conversavam abertamente em nosso meio, por saber que independente da resposta dele, ela já sabia o que faria, principalmente quando os assuntos eram de cunho amoroso. Seu Pedro também já sabia e me olhava sorrindo enquanto falava: “*A senhora sabe como é, né? Ela perguntou, pode até fazer tudo ao contrário do que eu disse, mas é meu dever falar já que fui consultado*”. O encantado também alertava, às vezes em um tom de provocação, a respeito dos resultados ímpares que poderiam aparecer, principalmente sobre os inesperados, já que ao agir indo de encontro ao alertado, nada lhe garantia um resultado bem-sucedido. Afinal é na vida cotidiana, e não somente durante os rituais, que as punições e cobranças, bem como as graças que as entidades concedem aparecem.

Dentro do contexto de atuação do Seu Pedro, ele também foi essencial para que Elisa não fosse afetada negativamente pelas *correntes* das entidades durante sua gestação considerada como de risco. Por vezes se sentindo fraca, tonta e com dores de cabeça, ela permanecia ao lado do encantado porque considerava que ele a protegeria e por pensar que a partir dessa vivência aprenderia mais sobre a religião, embora tivesse dias em que o afastamento (como fora narrado no primeiro capítulo) fosse a melhor saída para a melhora do mal-estar.

De março a novembro, séries sucessivas de incorporações em Thiago desenhavam um novo cenário com a chegada de outras entidades que precisariam passar pelo mesmo processo que seu Pedro passou. Cenário que continuou sendo alterado no final do mesmo ano com as incorporações em Elisa e que, como contam as entidades, só não aconteceram antes em respeito à gravidez e aos primeiros meses de nascida da filha, porque ainda dependia muito da amamentação. Após o nascimento de Ana Luz, Elisa começa a sentir sinais de incorporação e após três meses do seu parto, *recebeu* a primeira entidade, sobrevivendo a participar das *passagens* tendo Thiago e “suas” entidades como *zeladores*³³.

No final de 2019, com o aval de Cláudio, seu pai de santo, Thiago (e as entidades) já estava pronto para atender e abrir as portas da casa para quem precisasse de ajuda e para quem estivesse disposto a ajudar. Em janeiro de 2020, as *passagens* deixam de ser constituídas somente pelos familiares. Entretanto, não continuaram se expandido naquele momento por motivos maiores.

3.2 “ASSIM QUE THIAGO VOLTAR A RECEBER VAMOS AVISAR”: RELAÇÕES DE RESPEITO E CUIDADO

Os primeiros dois meses do ano de 2020 foram marcados por chegadas de humanos, não-humanos e sucessivas idas do Thiago ao hospital para tratar de um problema de saúde que ainda desconhecido, mas antecipado pelas entidades como “*era coisa do homem de branco*” – em uma referência ao fato de que eles não poderiam agir a ponto de curá-lo e o certo seria procurarem médicos, solicitando que Fran agilizasse um plano de saúde do filho, pois, “*logo mais*” seria preciso.

Com a presença de pessoas novas, modificações ocorreram na casa da minha irmã e, ao longo das semanas, posições foram se redefinindo. Nesse novo contexto, os moradores da casa

³³ São chamados dessa forma por possuírem como principal função a de zelar por aqueles que ali estão sob suas responsabilidades. Apesar de não apresentar dentro da organização hierárquica o cargo de pai de santo, é destinado ao Thiago (e a Elisa também) o sucesso ou fracasso do desenvolvimento de todos que compõem a casa.

iniciaram o que denominaram de *passagens abertas*: porque agora as portas da casa se abriam para aqueles que ali tivessem algum interesse. Encantados da família de Légua, exus, bombogira, erês, preto velho, caboclos, amigos e amigos de amigos passaram a fazer parte da constituição da casa e da vida dos meus familiares, alterando toda sua dinâmica.

As primeiras pessoas inevitavelmente chegaram através de convites feitos por nós, principalmente por mim e pela Fran. Um olhar atento ao termo convite também deve ser dado. Ele não era feito a partir do nosso desejo de que tal pessoa participasse, mas sim porque essas pessoas nos demonstraram, em algum momento, uma vontade de conhecer as *passagens*, independente de qual fosse o motivo.

Todas as pessoas que participam pela primeira vez são chamadas de *visitantes*, porque ou querem conhecer o local e saber mais das *passagens* por curiosidade, ou porque possuem determinada finalidade. Outra característica do *visitante* é ser considerado como aquele que não possui o compromisso de ficar, de permanecer, de se vincular a algo. É passageiro e por assim ser, a duração dessa visita é indefinida. Quando ocorre da visita aparecer mais vezes sem o intuito de vinculação, ela é ironicamente chamada - pelas pessoas e entidades - de *simpatizante* e sempre como *filho/filha*.

Lima (2020) discorre sobre a classificação que umbandistas fazem sobre as pessoas que frequentam à religião, de igual modo a classificação também é pertinente para o campo em que me encontro caracterizando diversas pessoas que passaram ou que se encontram na *passagem*:

Os que vão à casa para receber ajuda espiritual, mas não pretendem ser da religião; aqueles que procuram a religião no momento da dor e só por isso permanecem nela; os que procuram a religião visando sua promoção pessoal; e, por fim, os que chegam descrentes e vestem a camisa da umbanda, chegando a tornar-se exímios médiuns (LIMA, 2020, p. 80).

Essas características refletem sobretudo a mobilidade de tempo e arranjo da realização de cada *passagem*. Muitas pessoas que chegam vão trazendo outras que permanecem e que também trazem outras. Observei alguns caminhos nesses primeiros meses: pessoas chegaram e permaneceram; pessoas chegaram, permaneceram e levaram outras; pessoas chegaram, permaneceram e depois foram embora. As entidades pediam que nos acostumássemos com esse movimento que para eles já era natural. “*É um ciclo*”, diziam enquanto chamavam nossa atenção para que não julgássemos aqueles que não quisessem ficar independentemente de seus motivos. Em algumas falas que foram por vezes repetidas, percebi a tristeza nas palavras, demonstrando que não só humanos criavam expectativas, apesar de afirmarem costume com partidas. Não havia julgamento pela saída, mas sim pela forma como saiam. Demoramos a

entender que a forma como cada um trata e constrói sua relação com as entidades se dá de modo tão particular que se torna impertinente pensar em uma generalização.

Os dois primeiros *visitantes* eram meus amigos do tempo da graduação, conheciam minha família e sabiam da mediunidade de Thiago. Sabendo que ele já estava *dando passagem*, marcaram de conhecer. Meu amigo Pedro o fez para falar sobre assuntos diversos e Déborah para levar o seu pai, seu Manoel, que na maioria das vezes tinha a vida profissional como principal ou único objetivo a ser tratado. Seu Pedro (o encantado) já não era mais a única entidade a ficar conosco, outras também *chegavam* para conversar com quem estivesse presente e precisasse de curas, limpezas, remédios, aconselhamentos ou com aquilo que eu e Déborah mais gostávamos e ganhamos fama de fazer: escutar. De todo modo, nunca fizemos apenas isso. Uma das características da *passagem* é que a permissividade para a participação no ritual é mais flexível e neste sentido, qualquer pessoa que possua alguma afinidade com a casa ou com as entidades também podem ajudar nos diversos afazeres para a realização do ritual. Interagíamos e ajudávamos auxiliando as entidades, os médiuns, a Fran na cozinha ou com qualquer situação que precisasse de nós duas.

Durante muito tempo a condição de ouvinte representou não fazer parte do desenvolvimento mediúnico. Certo dia foi deixado claro por seu Pedro que ouvir também é sentir e desenvolver-se, sendo conscientes ou não dessa atividade. Para nós, entretanto, esse lugar era importante porque nos garantia sentir as entidades independentemente da incorporação. Reconhecer estar nessa posição nos manteve próximas e ao mesmo tempo distantes (em momentos que conhecíamos e desconhecíamos entre o sentir e não sentir). Estabelecemos um vínculo lúcido, mas também encantado e sensível. Senti-las, para nós duas, pautava-se em sermos lembradas, protegidas e bem quistas. As entidades nos permitiam a convivência, o aprendizado e a construção do afeto sem impor a obrigatoriedade do vínculo com a *Nação*.

Pedro (meu amigo) era o mais envolvido e o que mais tinha que ser controlado por conta do tempo. Brincávamos dizendo que ele pensava ter a *passagem* só para si, como uma consulta particular, já que não media os minutos que ficava com as entidades quando queria conversar sobre sua vida. Ele podia não ser o primeiro a chegar por conta da sua rotina de trabalho que o impossibilitava de estar na hora do início do ritual, mas era o último a sair, com a certeza de que todos os assuntos que ele levara haviam sido tratados. Nem sempre solucionados, mas expostos. Os encantados recordam continuamente que ele foi o que mais soube usar de suas companhias. Pedro retribuía esse acolhimento sempre perguntando a Elisa e Thiago se precisavam de algum material como vela, defumador, ervas, cigarros ou até mesmo dinheiro.

As consultas não são pagas, mas aqueles que participam delas e que podem retribuir, o fazem da sua maneira.

Seu Manoel, apesar de saber que a sua mediunidade deveria ser levada mais a sério por conta de todo um histórico familiar que poderia ser, inclusive, o motivo de sua instabilidade financeira, preferia não se aprofundar no assunto e era respeitado por isso. Estava ali para tratar de assuntos profissionais e assim foi feito. Não sei se por ser um dos mais velhos, mas as entidades tinham por ele um apreço inquestionável. Na ordem de consultas era sempre o primeiro a ser convocado, independente do que os outros julgavam ser mais importante, sendo a duração das conversas controlada apenas pelas entidades.

Em 30 de janeiro de 2020 aconteceu a primeira “grande” *passagem*. Éramos 16 pessoas³⁴ e naquela noite contávamos com a última participação do seu Zequinha. Ele estava ali para anunciar que daquele dia em diante, todas as pessoas presentes e as que estavam por vir, estavam vivenciando apenas o começo “*de uma grande caminhada*”, deviam respeito ao Thiago e “suas entidades”, independentemente de sua “*pouca idade*” e “*tempo na religião*”. Nesta ocasião, como em tantas outras, seu Zequinha me disse que contava comigo no processo de desenvolvimento de Thiago e mesmo sem saber o que isso de fato significava e o que poderia fazer, respondi que sim, poderia.

Queria ter gravado tudo que fora dito e registrado, toda emoção das pessoas presentes naquele terraço, mas o pouco que recordo é suficiente para falar desse começo e principalmente daquilo que marcou naquele dia: relações de respeito e cuidado. Seu Zequinha estava antecipadamente defendendo o “*seu menino*”, antes de qualquer julgamento que viesse a surgir. Ele estava ali para assegurar a todos que Thiago e “suas” entidades tinham competência para fazer as mesmas coisas pelas quais um dia o procuraram. Ele enfatizou que também haveria limitações, visto que o acesso a determinados saberes possui um tempo específico e de acordo, mas não somente, com a *graduação* que o filho de santo ocupa na casa. Seu Stênio e seu Zequinha saíam totalmente de cena para que o Thiago e “suas” entidades protagonizassem as *passagens* seguindo a *doutrina omokutena*.

Não demorou muito para que as *passagens* fossem interrompidas por conta da pandemia de Covid-19 e da saúde debilitada do Thiago. Em 20 de março de 2020 o governador estadual, Flávio Dino, anunciou o primeiro caso confirmado de infecção pelo novo coronavírus no Maranhão, mesmo já tendo anunciado anteriormente estado de calamidade pública. Nesse

³⁴ Sei desse quantitativo não porque era um dado de campo, mas sim porque possuo registros fotográficos dessa noite nos arquivos em meu aparelho telefônico.

mesmo período, Thiago, que desde nascença possui uma válvula aórtica bicúspide³⁵, descobriu 40% do funcionamento comprometido. Ele sentia seu corpo fraco e mesmo sem fazer grandes esforços, tinha tontura, fadiga e falta de ar. Em virtude desses dois fatores – e pela necessidade de isolamento social - as *passagens* foram suspensas sem prazo de retorno, afinal o mundo estava um caos e preservar pela saúde era a única coisa a zelar.

As *passagens abertas* foram suspensas, mas as incorporações continuaram acontecendo ainda que em um ritmo muito menor. Se antes era ‘normal’ *receber* entre três e cinco entidades por noite, apenas uma era *recebida* em cada mês. Suas presenças objetivavam tranquilizar a família, principalmente Fran e Elisa, garantindo que Thiago estava sendo cuidado até que todo tratamento médico fosse concluído.

Logo que descobriram a deficiência no funcionamento do coração de Thiago, os médicos disseram que apenas uma cirurgia de troca de válvula faria com que ele voltasse a uma vida ‘normal’, no entanto, uma série de exames e tratamentos ainda precisavam ser realizados. Até outubro, mês da cirurgia, as entidades incorporavam com algumas limitações. Sob orientação do pai Cláudio, elas não podiam beber, fumar e nem permanecer por muitas horas. Em outro contexto, essas restrições teriam um peso grande, mas naquele momento, elas fariam de tudo para que o seu *cavalo* permanecesse bem, pois também não queriam perdê-lo: brincavam sobre ele ainda ser *cavalo novo*, referindo-se ao fato de estarem recente *em cima* dele e de ainda terem muitos *trabalhos* a serem concretizados.

Penso que esse momento da relação de Thiago com as entidades pode ser analisado a partir da ideia de troca. No famoso ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss (1974), o autor trata sobre a troca ser regulada por meio de três obrigações: dar, receber, retribuir. Na ocasião, o corpo do médium (Thiago) era o principal objeto da troca. As entidades por tê-lo, cuidavam para que continuasse seu instrumento. Pedro (meu amigo), ao tornar-se médium de incorporação me contou o que essa relação significava para ele, referindo-se ao momento em que a entidade *chega* para *trabalhar em cima* do médium:

Para o trabalho especificamente, estão presentes juntos as duas peças para trabalhar, pois para o trabalho que se vai realizar, um não faz sem o outro. Além disso, entendo como um momento em que se pode criar e fortalecer as relações entre médium e entidades. Entendo que ambos estão ligados pelo compromisso do trabalho e isso cria uma vida afetiva, uma relação também fora das passagens, mas é no momento do trabalho, que o médium vendo-o como responsabilidade e comprometimento, é que a

³⁵ A válvula aórtica quando considerada normal possui três folhetos que se abrem a cada batimento para permitir a passagem de sangue do coração para o corpo. No entanto, algumas pessoas nascem com uma válvula aórtica bicúspide, causando uma série de problemas, uma vez que a função dessa válvula é que a oxigenação do sangue até a aorta ocorra sem nenhum dano. Em decorrência da má oxigenação é que alguns sintomas começam a surgir, como no caso do Thiago em que o sangue em vez de ir para o corpo, retornava para o coração.

espiritualidade observa o comprometimento de um médium e essa ligação se fortalece ainda mais, com mais proteção e axé. Não se trata propriamente de uma moeda de troca, mas entendo que se lá existe uma possibilidade de trabalho efetivo, há necessidade de proteção daquele médium, as ligações espirituais ficam cada vez mais fortes, pois lá eles permanecem e a entidade pode se manifestar com mais força e mais poder. (Pedro – Diário de Campo, setembro de 2021)

Além das razões observadas e descritas, com a fala de Pedro é preciso considerar que para ele a relação também se pauta na reciprocidade discutida por Mauss (1974). Se o espírito utiliza do corpo do médium para *trabalhar*, ele precisa protegê-lo. Se o médium se doa, ele também espera receber algo em troca. “*Na relação entre as partes, não faz sentido não haver proteção da espiritualidade ao ser que é utilizado para trabalho das entidades*”, disse-me Pedro enfatizando a necessidade de receber proteção já que o seu corpo é usado por elas.

Mesmo com as *passagens* suspensas, pessoas ainda foram atendidas pelas entidades de modo particular, respeitando todas as medidas de segurança contra a disseminação da Covid-19 orientadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), sempre que externavam o desejo de conversar com elas ou mesmo quando solicitavam ver alguém que frequentavam o ritual. Seguindo as ordens das entidades, mesmo com receio de afetar a saúde do filho, Fran fazia o que elas lhe pediam.

Logo após a cirurgia de Thiago, realizada em 5 de outubro de 2020, as incorporações precisaram pausar, tendo seu retorno apenas em 2021, data que sinaliza um recomeço significativo para a construção da casa da minha irmã enquanto meu campo de pesquisa e para a vida de todos envolvidos.

3.3 “EIRA LEMBÁ E KISSIMBI”: NOVAS COMPOSIÇÕES E APRENDIZAGENS

No primeiro semestre de 2021 vivendo ainda em um mundo devastado pela pandemia com restrições e cuidados intensos, as *passagens* tiveram suas realizações. O ritual, que é uma categoria central neste trabalho, foi fundamentalmente importante para que a partir dela se construíssem relações, características individuais e coletivas. As relações ultrapassavam “os dias” da *passagem* e o cotidiano de cada um passava a ser progressivamente compartilhado. Café no fim da tarde, almoço durante a semana, lanches coletivos, grupos de conversas em aplicativos de mensagens, encontros e comemorações de aniversários, como tantos outros eventos, tornaram-se cenas compartilhadas e construídas cotidianamente, favorecendo a constituição do sentido de coletividade e do sentimento de comunidade e família (categorias a serem discutidas no próximo capítulo).

Esse compartilhamento e a dimensão que a *passagem* estava recebendo na vida de todos tornou-se para mim um lugar privilegiado para a realização da pesquisa desta dissertação, na medida em que revelavam determinados processos do funcionamento e transformação de vidas, bem como os laços que as atravessavam. Enxergando e sentindo essas transformações na minha família e na vida dos meus amigos, passei a compreender a complexidade do que se gerava ali, que no início era apenas uma “*firmeza de caboclo*”.

O objetivo é mostrar que o ritual não se enquadra em um único modelo com padrões, normas e características fixas, mas carrega possibilidades de novos acontecimentos, agenciamentos, experimentações e, conseqüentemente, novas vivências. Nenhuma *passagem* é igual a outra. Ela possibilita que pessoas e encantados se associem pelas diferenças. A *passagem* por mais que siga as doutrinas *omokutenas*, também é capaz de produzir seus próprios valores, significados e regras que vão sendo construídos paulatinamente.

O que antes era chamada de “*Passagem de seu Pedro*” no grupo do WhatsApp (para facilitar a comunicação entre aqueles que participavam assiduamente do ritual) tornou-se “*Eira Lembá e Kissimbi*”. O protagonismo de Thiago e o *seu povo* abriu espaço para que Elisa e o *seu povo* passassem também a ser figuras centrais, deixando claro que em sua presença ou ausência, ela também se tornava responsável pela condução do ritual seguindo a hierarquia da casa. Ambos ficaram conhecidos pela forma como provocavam a incorporação nas pessoas que participavam das *passagens* como *visitantes*, o número e qualidade das entidades próprias que são capazes de mobilizar durante a noite ou diante de alguma adversidade, além da forma como recebiam a todos que os procuravam.

Alguns dos visitantes tiveram sua primeira irradiação ou incorporação com a ajuda ou sendo provocado por eles, mas somente após autorização de que poderiam *chamar, puxar as* entidades. Essas incorporações não foram premeditadas, foram acontecendo à medida que o envolvimento nas *passagens* tornou intenso. Thiago e Elisa, bem como as entidades que os têm como *cavalos*, sabiam quem poderia vir a ser médium de incorporação e como elas (as entidades) deixavam isso explícito durante as conversas, muitos se interessaram em estimular a manifestação dos encantados. Assim aconteciam os comentários que influenciavam os motivos de ingresso e permanência de algumas pessoas na *passagem*. O sentido corresponde ao observado por Patrícia Birman (1983) ao discutir sobre como as pessoas pensavam na ideia de destino para afirmar o interesse na religião:

Uma ideia importante que as camadas populares usam para pensar a religião é a ideia de destino. As pessoas viram no santo porque esse é o destino delas: é algo predeterminado. Da mesma maneira, uma pessoa ter ou não ter guias na sua cabeça

não depende de nenhum esforço pessoal. Ou se tem ou não se tem. A mediunidade pode ser cultivada, mas não “inventada” – para isso os pais-de-santo ouvem o veredito dos espíritos que, por um conhecimento inacessível aos homens, podem dizer quais são os santos da sua cabeça e o destino de cada um (BIRMAN, 1983, p.86).

Com o passar dos meses tornava-se claro quem já havia deixado de ser *visitante*, tendo sua participação mais ativa antes, durante e depois das *passagens*. As presenças tornaram-se fixas e uma abertura para um desenvolvimento mediúnico também tinha sido declarada. Algumas pessoas sentiram a necessidade de passar por esse processo escolhendo Thiago, Elisa e suas respectivas entidades como guias. A crença das pessoas sobre o poder do casal e das entidades os fez reconhecidos, ao identificá-los como portadores dessa força.

Apesar das novas incorporações, em todas as oportunidades que podiam esclarecer alguns pontos, os encantados aproveitavam para lembrá-los sobre a casa não ser um terreiro e que aqueles que decidissem seguir a *doutrina* precisariam posteriormente falar com o pai de santo Cláudio. Essas situações também marcavam o quanto Thiago conduzia o ritual a partir do que lhe era ou não permitido, e dentre tantas coisas envolvidas, a transmissão de determinados saberes era um dos pontos mais focados. Ferretti (2009) afirma que nas religiões afro-brasileiras, “o conhecimento religioso é adquirido aos poucos, por longa convivência, sendo transmitido mais como uma doação a alguém em quem se tem confiança, quase como um presente, um dom ou uma troca” (p. 41). No meu campo, esse conhecimento também era transmitido, mas, havia limites na situação de passagem, uma vez que havia os rituais de iniciação, no caso as *graduações*, onde certo conhecimento seria ser acessado.

As pessoas aos poucos tomavam ciência de que não estavam frequentando um terreiro (muito embora fosse uma extensão dele) e no começo também deixavam claro que não possuíam interesse em acessar saberes que não lhes cabiam. Sabiam que por não ser um terreiro, algumas atividades não poderiam ser realizadas por Thiago e Elisa devido à questão hierárquica e quando chegavam até os dois com um cenário que por eles não poderia ser resolvido, ambos os direcionavam a falar com Cláudio, pai de santo.

Não estavam à procura de uma filiação formal, estavam em busca de ajuda em vários âmbitos da vida, mas também de cuidado, afeto e bem-estar. A identificação com o local, pessoas e entidades, o sentimento de “pertença”, a questão da aprendizagem, a busca por um desenvolvimento espiritual e o fato de se sentirem bem foram narrativas que indicavam motivos para permanecerem no local. Elisa e Déborah descrevem a *passagem* com palavras que escutei de muitos outros:

Uma reunião entre amigos, conhecidos, desconhecidos e entidades de luz. A importância que as passagens têm está muito ligada ao fato de ajudar quem necessita

de amparo, uma palavra de esperança ou até de um abraço, e também carrega a importância da aprendizagem e desenvolvimento de quem busca se desenvolver como ser humano e médium (Elisa – Diário de Campo, setembro de 2021).

Penso na passagem como um momento de comunhão e partilha, tanto de aprendizado e ensinamento, quanto de troca de energias. É uma forma de estar reunido em prol do equilíbrio espiritual de todos ali presentes, de algum modo. A meu ver, é um espaço extremamente importante em relação a diversos aspectos, mas, sobretudo, pela manutenção da oralidade como instrumento de fortalecimento da própria religiosidade e da doutrina em si, tendo em vista que diversos conhecimentos costumam ser repassados tanto através da palavra quanto da observação. (Déborah – Diário de Campo, setembro de 2021)

Ambas as narrativas trazem a aprendizagem enquanto uma ação que existe na reciprocidade entre pessoas e entidades construídas ao longo de sua permanência nas *passagens*. O ritual, juntamente com aqueles que o conduzem, se torna esse espaço onde saberes cotidianos são socializados de maneira experiencial e espontânea. A *passagem* permite que o saber seja circulante. Prandi (2005, p. 42) esclarece que os saberes tradicionais das religiões de matriz africana são memorizados pelos seus adeptos, o que inclui mitos, fórmulas rituais, louvações, genealogias, provérbios, receitas medicinais, encantamentos, classificações botânicas e zoológicas. Afirma, ainda, que na religião tudo se aprende por repetição, por meio da convivência cotidiana.

Aos poucos a casa ficava cheia e o terraço pequeno para a quantidade de pessoas, e uma nova organização das *passagens* precisava ser pensada. Como controlar o fluxo de pessoas que participariam? Como controlar o tempo das entidades em uma consulta? Como organizar as *linhas* das entidades que estariam presentes? Colocar em prática essas questões que objetivavam maior organização e formalização mais rígida das *passagens*, intensificou os conflitos internos, principalmente os familiares. Tais conflitos chamaram a minha atenção para o drama que havia se instaurado entre as pessoas, principalmente entre meus familiares, mas que se tornou imprescindível para conhecer as formas pelas quais humanos e não humanos consolidaram suas existências, através de mecanismos que envolvem hierarquia e subordinação.

Quando iniciei a pesquisa em junho de 2021, participando pela primeira vez com meu caderno de campo e me compreendendo também como pesquisadora, encontrei o que considero uma nova fase da experiência com as entidades na casa da minha irmã: a presença de outros médiuns de incorporação passando pelo processo de *desenvolvimento*. As *passagens* continuavam sem ter uma data fixa, porque Elisa e Thiago continuavam marcando o dia conforme o calendário do terreiro, o tempo dos encantados, a disponibilidade dos outros médiuns mediante a autorização e condições financeiras de Fran, além de contexto pandêmico e de risco que ainda vivíamos.

A minha irmã ocupava diversas posições naquele contexto: ela era mãe biológica do Thiago, mas também sua irmã de santo. Ela foi batizada primeiro e isso lhe daria uma posição superior dentro da hierarquia *omokutena*, mas quando ele possui uma *graduação* a mais, acaba por determinar sua superioridade hierárquica. Superioridade essa que ela descarta por ser mãe e por ser a provedora da casa: “*Enquanto estiver debaixo do meu teto e comendo da minha comida terão que me obedecer*”, afirmava Fran todas as vezes que esse assunto era posto em pauta.

Muitos conflitos surgiam devido à essa demarcação de poder que tinha o dinheiro como pilar, além da relação consanguínea. O fato da minha irmã ser a única responsável financeiramente pela casa e, principalmente, por comprar o que as entidades precisavam usar nas *passagens*, davam a ela a garantia do controle, que só era diminuído quando Thiago e Elisa incorporavam. Quando os encantados estavam *em terra*, o poder era descentralizado. “*Eu tô abrindo os vinhos que dona Loba³⁶ disse pra não abrir hoje só pra ela parar de ser linguaruda*” (Diário de campo, julho de 2021), afirmou a Cigana incorporada em Elisa, confrontando as ordens de Fran para que não bebessem aquele dia. Sendo assim, a incorporação também funciona como elemento legitimador de poder, contribuindo para a construção e transformação da hierarquia do grupo. Elisa quando incorpora e as entidades assumem o controle, Fran tem seu poder diminuído. O mesmo acontece quando outros incorporam nos demais médiuns.

Presenciei situações em que Fran começava a tratar todos de forma fria quando contrariada pelas entidades que seu filho *recebe* e que deixavam claro que consumiriam bebidas alcoólicas. Para ela era difícil dissociar nesses momentos o filho da entidade, não levando em consideração que o consumo era realizado por um encantado, como parte do ritual. Quem consome o álcool não é o sujeito em seu corpo físico, e sim a o espírito que lhe incorpora momentaneamente justificando o propósito do consumo (NOGUEIRA, 1996). Certa vez, seu Pedro me disse que Fran precisava entender duas coisas: a primeira era que eles não estavam *em terra* para matar “*filho alheio*” e a segunda e mais importante era que eles não eram filhos dela para ela tratar como bem quisesse. Pude então compreender, corroborando com Goldman, que “a possessão é um fenômeno complexo, situado no cruzamento de um duplo eixo, um de origem nitidamente sociológica, o outro ligado a níveis mais individuais” (GOLDMAN, 1996, p. 31). A incorporação se relaciona com a autoridade conferida pelas entidades expressando suas agências e, portanto, funciona como fonte de poder.

³⁶ *Dona Loba* é a forma como as entidades chamam Fran. Os apelidos são bem comuns quando as pessoas são próximas às entidades. Eu, por exemplo, sou chamada de *Donas Ane*. A nossa mãe, de *Loba Velha*.

Resultado dessa circunstância é o constante compartilhamento de poderes entre humanos e não humanos que envolvem objetivos, valores, desejos, expectativas e outras orientações e inclinações que levam as pessoas a agirem nem sempre na mesma direção.

3.4 A PASSAGEM

No intervalo de junho a dezembro de 2021 concentrei-me em acompanhar as *passagens* que aconteceram na casa da Fran. Apresentei o objetivo da pesquisa para familiares e amigos e pedi a todos autorização para realizá-la. Na primeira oportunidade, também pedi permissão às entidades, pois entendi que nada seria possível sem a permissão delas. Sentiram-se lisonjeadas e em todas as oportunidades enfatizavam o fato de ter a presença de uma pesquisadora no local, sem também deixar de mencionar que, de alguma forma, eu era a responsável por tudo que estava acontecendo - afinal, para eles, quem apresentou esse “mundo encantado” aos primeiros humanos que estavam lá havia sido eu (como indiquei na introdução).

Figura 3



Durante a pesquisa, observei o desenvolvimento mediúnico de Pedro, de Isadora, de André, de Yasmin, de Mariana, de Serra Neto, de Matheus, de Victor, de Verner, de Gleice e de Fran. Até a data final do campo, alguns se descobriram enquanto médiuns de incorporação e outros mesmo sendo avisados que ainda incorporariam, não haviam passado por esse momento. É muito mais fácil acompanhar a chegada dessas pessoas que permaneceram do que

das que chegaram e partiram. Em junho, Pedro, Isadora, André, Mariana e Yasmin já estavam na casa quando iniciei a pesquisa. Em julho, Serra Neto apareceu pela primeira vez, evidenciando o desejo em continuar frequentando o local. Em agosto, Matheus, Thiago, Victor chegaram. Em setembro, Verner, dona Val, Gleice passaram a compor o ritual. Essas pessoas se conheciam não só pela *passagem*, mas por relações consanguíneas e de amizade construídas em momento anterior aos rituais.

A *passagem* me faz pensar na experiência com a religião a partir dos seus aspectos visíveis e materiais. O fazer e viver religioso se realizam entre e nas pessoas, espíritos, objetos, conflitos, afetos tornando esse ritual tangível e criativo. Escolho escrever sobre as *passagens* pois enxergar a sensibilidade e tudo que resulta delas: elas são, portanto, um aspecto produtivo da relação entre pessoas e encantados. O cheiro do defumador produzido pelas ervas queimadas, os latidos dos cachorros que andam no local durante o ritual, o choro de criança, as gargalhadas, os brados, o barulho das palmas, os brinquedos espalhados no terraço, as conversas, os copos coloridos, as taças de cristal, os maracás, os bombons, os cigarros e os charutos, as bebidas e os chapéus compõem o meu campo e a forma sensorial de enxergá-lo.

Contudo, apresentarei a *passagem* a partir dos elementos mais característicos e rotineiros, procurando produzir uma exposição o mais ampla possível. Pensei nesse tipo de descrição para proporcionar ao leitor e à leitora uma visão geral daquilo que acontece em um terraço, em um ambiente doméstico, e que dá sentido à existência de uma casa pensada como espaço de criação e manutenção de relações entre humanos e não humanos.

3.4.1 Organização e realização: uma noite de *passagem*

A organização do ritual – de uma *passagem* - começa uma semana antes de sua realização, quando prevista antecipadamente. Thiago, Elisa e Fran tomam à frente nessa etapa. Várias coisas precisam ser pensadas, sendo as principais: quem tomará de conta de Ana Luz? Há velas, cigarros, bebidas para as entidades? Quantas pessoas irão participar? Há cadeiras para todas elas? O que será ofertado como lanche para os participantes? Quais entidades estarão presentes?

Os dois primeiros (Thiago e Elisa) possuem uma participação maior na organização por serem os médiuns que trabalham junto com entidades na condução do ritual e a última (Fran) por ser a dona da casa e a maior responsável financeiramente para a sua execução. “*O calendário depende de mamãe*” afirmou Thiago, com um tom de insatisfação quando um visitante perguntou como dava o seu funcionamento. No entanto, no decorrer da pesquisa, pude

observar que apesar de parecer “*mandar em tudo*”, Fran não agia completamente sozinha, uma vez que suas escolhas se entrelaçavam com a coletividade e com as demandas estabelecidas no âmbito do ritual.

As *passagens* não acontecem em uma data fixa, podendo ser semanais ou mensais, mas continuamente tem seu início às dezenove horas e trinta minutos. Elas costumam se dar de duas maneiras ou apresentar dois cenários: 1. Quando apenas *os de casa* estão presentes, ou seja, aqueles que assiduamente participam; 2. Quando *os de casa* podem levar *os de fora*, aqueles que estão indo pela primeira vez. Em geral, cerca de oito a quinze pessoas, sendo médiuns de incorporação ou não, compõem o ritual. O fluxo de pessoas e espíritos é grande, garantindo sua dinamicidade. Nenhuma *passagem* é igual a outra.

O terraço é o espaço destinado à permanência das pessoas, mas todos os outros cômodos da casa são, eventualmente, ocupados. Ainda com grande movimentação de pessoas e médiuns se preparando para o ritual, Thiago ou Elisa indicam quem será responsável por fazer a defumação e acender a vela junto a um copo com água que fica na parte de dentro da casa, próxima ao portão que dá acesso à rua. Utilizando como turíbulo uma lata com diversos furos presa a uma alça, o médium e um auxiliar que segura um potinho de plástico cujas folhas a serem queimadas são guardadas, adentram cada cômodo que é afetado pela fumaça perfumada de ervas queimadas, enquanto vozes sintonizadas cantam a doutrina indicando que em minutos a *passagem* começará e que todos deverão estar sentados no terraço.

*Defumei, defumei. Ô foi com as ordens de Oxalá.
Defumei, defumei. Ô foi com as ordens de Oxalá.
Pra todo mal que aqui se encontra, ô leva pras ondas do mar.*

Como indica a doutrina, o seu intuito é o de afastar tudo que possa influenciar negativamente o ritual, mas também o de equilibrar as energias presentes. Se a casa está energeticamente ruim, isso atrapalhará a condução da *passagem* e no desenvolvimento dos médiuns. É necessário purificar o ambiente e as pessoas. Depois da casa defumada, quem foi, naquele dia, foi indicado ou por Thiago ou Elisa para essa função, chama as pessoas – médiuns e visitas – para a defumação.

*Defuma com as ervas da jurema, defuma com arruda e guiné.
Bejoim, alecrim e alfazema. Vamos defumar filhos de fé.*

A última frase da doutrina indica que obrigatoriamente os médiuns têm que ser defumados, mesmo aqueles que chegam atrasados também precisam antes de se juntarem aos demais. Sempre que há *pessoas de fora* (as que estão pela primeira vez), alguém explica o

porquê e importância desse ato, deixando-as livres para decidirem participar ou não. “*Limpar*”, “*purificar*”, “*relaxar*”, “*equilibrar*”, “*espantar energias pesadas*” são expressões bem comuns para explicar a importância desse momento aos que nunca foram defumados.

Terminada a defumação, algumas recomendações são feitas. É necessário fazer silêncio, evitar o uso do celular, ficar descalço e não cruzar braços, mãos ou pernas, para que assim possamos ser afetados positivamente pela energia de proteção presente no local e a importância de se ter fé. Sentados um ao lado do outro e de frente para os demais presentes, com a luz elétrica desligada e velas acesas no ambiente, os médiuns iniciam a Oração do Pai Nosso e Ave Maria em uma só voz.

Figura 4



Ao término, arrumam suas *panas* (tecidos colocados em torno do pescoço) por trás do pescoço com as pontas para frente do corpo para lhe garantirem controle, força e proteção. Eles afirmam que elas também são uma espécie de espada, de escudo, portanto, é um objeto simbólico central³⁷. Todo médium de incorporação deve possuí-la durante o ritual. Quando algum deles esquece, Thiago e Elisa imediatamente providenciam uma. Ela é apenas um dos objetos utilizados no ritual que ajudam na relação entre o corpo, mente e espíritos. Tal como os charutos, bebidas, *pemba*, a pana é um símbolo externo que pode ajudar na coordenação do

³⁷ Turner (2005), ao escrever sobre as propriedades de alguns símbolos encontrados no ritual Ndembu, descreve que os Ndembu utilizam uma determinada árvore (*musolí*) para a caça dos caçadores se mostrar visível; a mesma árvore é utilizada para fazer mulheres estéreis engravidarem, tornando visíveis as crianças. Segundo esse autor, “um aspecto do processo de simbolização ritual entre os Ndembu é fazer visível, audível e tangível crenças, [...] que não podem ser percebidas diretamente” (p. 84).

corpo e cérebro (DOUGLAS, 2010), cuja utilização é feita a fim de conseguir uma melhor conexão com as entidades. Para que chamamos como “objetos”, há, também intensidades. A *pana* branca é a primeira a possuírem, com o passar do tempo e à medida que entidades novas vão sendo incorporadas, outras são exigidas. “*O povo pensa que é só um pano. Não é não*”, afirmou o Exu Morcego, chamando nossa atenção para a necessidade do objeto ao ligá-lo com o mundo espiritual.

Ao colocarem as *panas*, a concentração deve ser exclusiva para *chamar* os encantados através das doutrinas, dos pontos cantados. André, em uma das *passagens*, questionou como isso deveria ser feito já que nem sequer sabia quem poderia *receber*. Elisa respondeu para que todos firmassem seus pensamentos, exemplificando: “*Meu pai, não sei seu nome. Quero sua benção pra que a gente trabalhe bem. Faço esse chamado pra que o senhor possa vir trabalhar e vai chamando dessa forma, da forma que seu coração pedir pra chamar ele em terra*” (Diário de campo, julho de 2021). Concentrados e de olhos de fechados, cantam doutrinas pedindo permissão e proteção àqueles que lideram o panteão da umbanda para a realização da *passagem*.

(1ª)

*Abrimos a nossa gira pedindo a proteção
Ao nosso pai Oxalá para cumprir nossa missão.*

Canta-se primeiro para orixás por considerarem entidades superiores e os organizam acima dos *guias* (exus, caboclos, pretos velhos, erês etc.). As doutrinas servem como um sistema de comunicação que permite o contato entre humanos e não humanos embalando e ordenando o ritual, principalmente no momento da incorporação (SILVA JÚNIOR, 2013). Para Carvalho (1991, p. 5), “a identidade de cada ritual está dada justamente pela maneira muito particular pela qual são combinados, em sua realização, diversos tipos de cantos rituais” e a sua importância também é associada à *força* que são capazes de produzir, por isso médiuns e encantados quando presentes afirmam a importância de todos cantarem. A doutrina é repetida de duas a três vezes para que os desconhecidos aprendam e possam ajudar.

(2ª)

*Pedimos licença a Zambi³⁸, a Ogum, Iemanjá.
Para abrir nossos trabalhos com a bandeira de Oxalá.
Saravá Umbanda, Saravá gongá. Saravá a Tupã, que ele é rei, é orixá.*

³⁸ Seguindo a doutrina do candomblé do pai de santo Cláudio, canta-se para Zambi porque para os banto há um ser superior que é o criador de todas as coisas.

Entender o que se ouve sendo capaz de repetir através do canto possui um efeito. Considero o momento em que as doutrinas são cantadas como um dos mais bonitos do ritual porque gera formas de engajamento. Não reduzindo seu significado a isso, é interessante percebê-las como parte integrante do ritual, pois elas o conduzem, cultuam entidades e revelam informações a seu respeito, são capazes de anunciar a chegada e a despedida de encantados, além de descreverem ações que proporcionam momentos de tensão quando utilizadas para mandar recados e provocar; descontração etc. Muitas perguntas são por vezes respondidas com doutrinas. Entretanto, como vivenciou Márcia Nóbrega (2019) junto aos caboclos da Ilha Massangano, só se sabe sobre a vida dos caboclos aquilo que for do desejo deles nos contar.

Enquanto continuam a cantar, sinais de mudança corporal e a presença das entidades são percebidas e sentidas. O cachorro do meu sobrinho late em sua direção como quem anuncia a chegada de alguém. Se alguém prestar atenção no animal, ela será capaz de saber o momento da incorporação do Thiago antes mesmo da entidade *chegar*. Essa relação sempre me despertou muita curiosidade, bem como, para todos os presentes. Quando a *passagem* inicia, ele (o cachorro) fica ao lado ou debaixo da cadeira do meu sobrinho e quando este incorpora passa a acompanhá-lo por onde quer que ande.

Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



As entidades chegam também, em sua maioria, respeitando uma hierarquia. Geralmente Thiago é o primeiro a incorporar, posteriormente Elisa, Pedro, Yasmin, Isadora e Tiago. Ao fazer referência a Tupã, os caboclos anunciam sua chegada com um brado forte e saltando ao chão com um joelho dobrado na frente e a coluna jogada para frente ou para trás, enquanto os braços representam o movimento de uma flecha sendo engatilhada.

Figura 9



Figura 10



Depois de lançarem suas flechas que são invisíveis para os humanos presentes, batem forte com a palma da mão no chão e em seus peitos. Fazem esses movimentos duas vezes: assim que chegam em frente às cadeiras em que estão sentados e em direção à porta da rua. Os caboclos também movimentam a casa quando seguem em direção ao *gongá* passando pela sala, copa, cozinha e quintal tragando o seu cachimbo espalhando a fumaça pelos cômodos. Nas *passagens* cujas entidades de diferentes *linhas* se farão presentes, os caboclos pouco falam além de nos dar boa noite, abençoar e agradecer pela presença, já que raramente consultam em

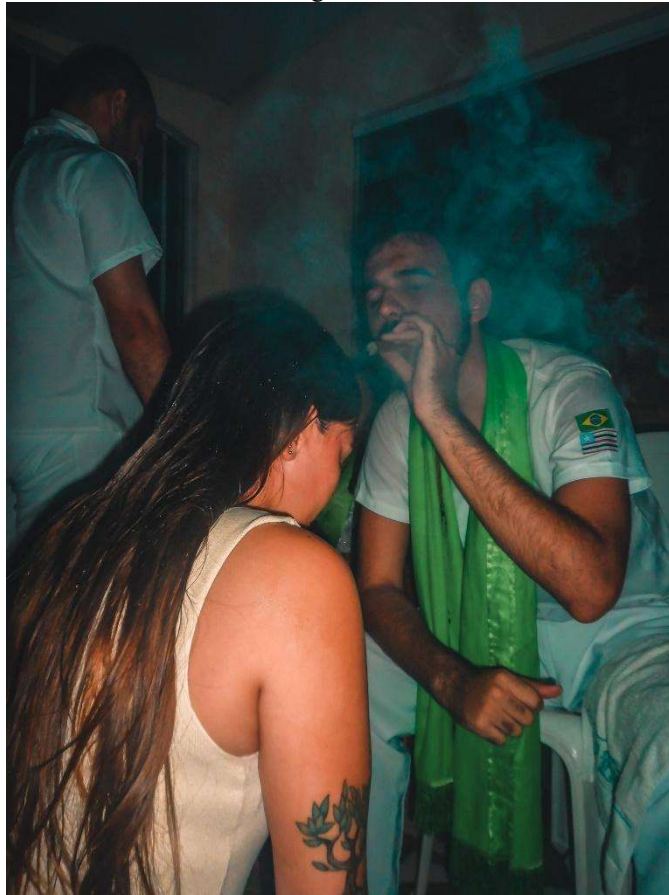
passagens que não sejam específicas para eles. Apesar de assumirem uma postura firme ao falar, o tom das palavras é calmo e acolhedor, ajudando a criar e manter o clima agradável.

Nem sempre todos os médiuns incorporam através das doutrinas, não conseguindo sozinho fazer a firmeza necessária para incorporar. Quando isso ocorre, ele é ajudado pelas entidades presentes que possuem força para firmá-lo, efetivando sua participação no ritual. Um sopro no ouvido acompanhado por uma palavra secreta (não possível de ser compreendida por nós), um abraço apertado, um toque de maracá próximo à cabeça, uma baforada de seus cachimbos, cigarros e charutos ou uma gargalhada próxima ao ouvido são capazes de *firmar* a entidade do outro, independentemente de qual for a *linha*.

Figura 11



Figura 12

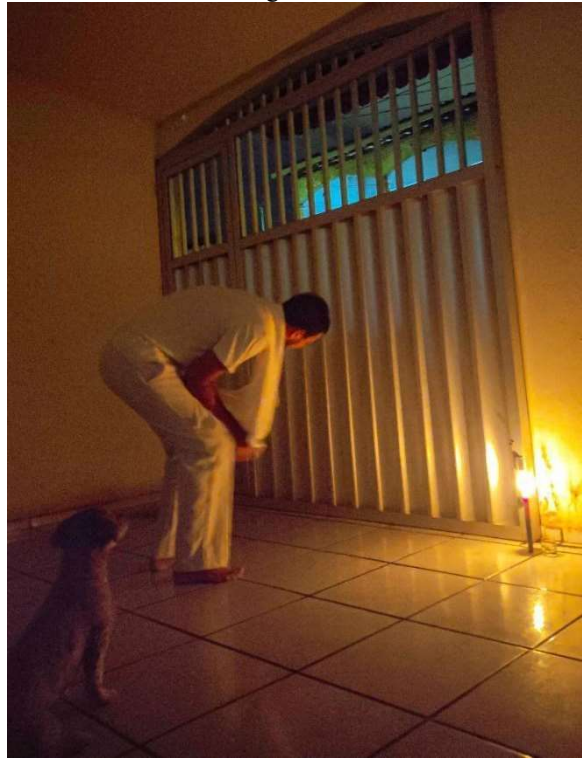


Depois da sequência para os orixás e caboclos, seguimos cantando as doutrinas referentes aos exus pedindo-lhes segurança. Cantar para o *povo da esquerda* nesse início significa pedir permissão e proteção.

*Ogum, exu pede licença pra seu povo ele arriar.
Mas ele é um exu guerreiro, vem trazendo forças para esse terreiro.*

A partir dessa doutrina, os médiuns mudam sua feição. A testa franze, o corpo começa a tremer discretamente e novamente o Evvee (cachorro de Thiago) começa a latir e lambe o rosto de meu sobrinho, nos avisando que a primeira incorporação está perto de acontecer. O exu chega gargalhando e cantando. Ele chega bem sério, pede um charuto e segue em direção à porta da rua, gargalhando enquanto curva seu corpo para frente. Após a primeira entidade dessa *linha* fazer esse movimento, todas as outras quando chegam também o fazem.

Figura 13



Geralmente ele nos dá boa noite e em seguida se despede. O cachorro começa a latir anunciando que o seu dono irá incorporar novamente. Tendo uma sequência de doutrinas para que exus e bombogiras se façam presentes, continuamos cantando:

(1ª)
*Seu Sete Encruzas deu uma volta lá fora.
 Quem for pra ficar dentro, quem não for fica de fora.*

(2ª)
*Ô na beirada do caminho, esse gongá tem segurança.
 Na porteira tem vigia, à meia noite o galo canta.*

(3ª)
*La na porteira, eu deixei meu sentinela.
 Eu deixei meu sentinela, tomando conta da cancela.*

Através desses pontos saudamos a porteira e quem é responsável por vigiá-la. Reconhece-se o poder do sentinela que vigia a casa detendo o poder de afastar o indesejável. Essas três doutrinas transformam o ambiente pela forma como são cantadas, com mais força vocal. Quando os médiuns de incorporação não estão com suas entidades *firmadas*, outra doutrina costuma ser cantada para que exus e bombogiras se façam presentes.

*Balança figueira. Balança figueira. Balança figueira. Eu quero ver exu cair.
 Cadê o seu exu que eu não vejo ele ai.*

*Balança figueira. Balança figueira. Balança figueira. Eu quero ver exu cair.
Cadê sua bombogira que eu não vejo ela ai.*

O terraço é tomado por gargalhadas daqueles que acabam de chegar. As doutrinas do povo da esquerda são as que mais possuem participação de todos, sendo eles os de casa ou não. Também é um dos momentos mais aguardados. Essas entidades costumam ficar boa parte do ritual *em terra* e são conhecidas por falar bastante, exceto o Exu Morcego que incorpora em Thiago e costuma passar o seu tempo realizando trabalhos para todos os presentes

Várias situações acontecem ao mesmo tempo quando humanos e não humanos estão reunidos. Apresento um registro do primeiro diário de campo que escrevi para retratar essa simultaneidade de cenários que existe em uma *passagem* e que evidencia a presença do ritual religioso no âmbito da casa.

Exu Morcego chegou e se levantou pondo a pana em forma de capa, saindo em direção ao gongá. Enquanto o exu anda pela casa junto com André, que está o auxiliando, as outras pessoas vão cumprimentar a bombogira Cigana e seu Tranca Ruas. Quem se levanta para cumprimentá-los, se posiciona em frente à entidade, se ajoelhando e batendo três palmas. Uma à esquerda, outra à direita e finaliza com uma no centro. Após as palmas, há quem se deite de bruços encostando a cabeça no chão ou há quem só dê um abraço. Todos fazem o mesmo movimento com seu Tranca Ruas, que pede a Francinilda um charuto. A Cigana conversa com algumas pessoas enquanto fuma um cigarro. As conversas acontecem em um tom bem baixo. Por alguns minutos, seu Tranca solta repetidamente a fumaça do charuto em direção à mão, fazendo movimento circulares para que a fumaça chegue na mão toda. Pedro há poucos dias havia se cortado. Creio que a entidade esteja fazendo um trabalho para sua recuperação. Em todo momento da passagem no espaço da sala, uma televisão está ligada para que Ana Luz se distraia junto com Maria Clara e o Fernando. Ana Luz aparece no terraço e vai em direção à Cigana, apontando em sua direção e chamando-lhe de 'mamã'. O Fernando (que ainda não tinha aparecido no terraço) tenta tirar Ana Luz de perto e não conseguindo, a Cigana a carrega no colo e pergunta se ela já quer ir para o quarto. Elas saem e a bombogira coloca a criança para dormir. (Diário de campo, junho de 2021).

Em junho, quatro pessoas incorporavam e faziam consultas para os visitantes: Thiago, Elisa, Pedro, Yasmin e as entidades que *passam* por suas cabeças. Esse trecho mostra como mais uma vez a casa afeta e é afetada pela dinâmica nas *passagens*. Como de costume quando o Exu Morcego chega, ele sai andando por todos os cômodos trazendo seu charuto, deixando que a fumaça se espalhe por todo o ambiente. Ele me disse uma vez que a fumaça também defumava e afastava tudo de ruim, imaginando assim, que um processo de limpeza na residência como um todo acontecia ao seu movimentar.

Assim que as entidades chegam, sejam elas quais forem, Fran começa a se movimentar, perguntando se querem seus cigarros, charutos, bebidas ou se precisam de algum dos seus objetos que ficam no gongá ou em algum quarto da casa. Bengalas, presilhas de cabelo,

vestimentas, taças e copos produzem para além da identificação e composição de cada identidade, suas potências.

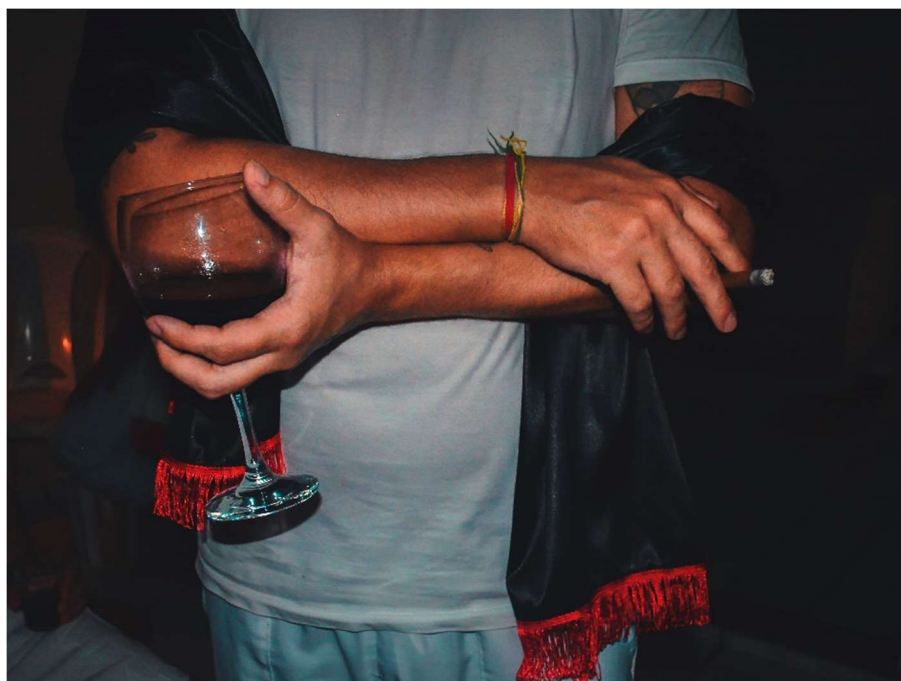


Figura 14

Figura 15



Figura 16



Exu Morcego usa uma capa preta, com detalhes vermelhos acetinados, que cobre sua cabeça aos pés e uma bengala; seu Tranca Ruas, sua cartola, bengala e uma capa; dona Cigana, *bombogira* Menina e dona Mulambo, uma presilha em formato de flor para enfeitar seu cabelo. A preocupação de Fran para que cada entidade se sinta à vontade e seja bem assistida é reconhecida por todos. Enquanto um se movimenta trabalhando, outras ficam em suas cadeiras conversando com as demais pessoas presentes. Disseram-me que apesar de estarem em terra aparentemente só fumando ou bebendo, trabalhos são realizados ainda que sejam invisíveis aos humanos - advertindo sobre a seriedade do ritual e o respeito que devemos aos guias.

Com as oportunidades abertas para se consultarem, as pessoas se posicionam em frente a uma das entidades e as conversas acontecem de modo intimista, em um tom de voz bastante baixo para que outros não tenham acesso às informações. Quando o barulho incomoda, outros ambientes são mobilizados. A copa, cozinha e quintal são espaços habitados e frequentemente acionados em situações de incômodo. Pessoas que estão indo pela primeira vez são priorizadas na ordem de consulta, ainda que sejam as que ficam receosas de se aproximarem. “*Eu sei que todos têm problema, mas hoje eu vou dar preferência para quem nunca se consultou*”, afirmou a Cigana perguntando se todos estavam de acordo, em uma passagem em agosto de 2022.

Sucessivamente algumas pessoas se levantam para se consultar; por vezes procuram mais de uma entidade para expor seus problemas e pedir a intervenção espiritual. As que trabalham *em cima* de Elisa, Thiago e Pedro são as mais solicitadas, em decorrência dos resultados obtidos após suas conversas. As consultas só terminam quando a última pessoa é atendida, o que nem sempre costuma demorar, pois como afirmei, o motivo de alguns estarem ali também se dá pela presença e companhia das entidades.

Essas entidades por manterem uma relação de maior proximidade com os humanos, no meu campo elas possuem uma maior capacidade de interceder no cotidiano, pela forma como trabalham e pela comunicação direta através dessas consultas realizadas nas *passagens* e que propiciam o fortalecimento de laços de proximidade, afeto e confiança.

Enquanto uma ou outra visita é assistida, o terraço também é preenchido pelas doutrinas. Parece-me que obrigatoriamente algumas são cantadas para além de construir um clima mais alegre, sendo usadas também para *chamar* entidades específicas. Não necessariamente nesta ordem, mas fazem parte os seguintes pontos:

(1ª)

O sino da igreja faz belém, blem, blom.

O sino da igreja faz belém, blem, blom.

Deu meia noite o galo já cantou, Seu Tranca Ruas que é o dono da gira.

Oi corre gira que Ogum mandou.

(2ª)

*Dói, dói, dói, dói, dói. Um amor faz sofrer, dois amor faz chorar.**Quem é você pra deitar na minha cama, papagaio come milho, periquito leva fama.*

(3ª)

*Eu vinha caminhando a pé para ver se eu encontrava a minha Cigana de fé.**Ela parou e leu minha mão e disse toda pura verdade.**Eu só queria saber onde andava a minha cigana de fé.*

(4ª)

*Quando eu era pequenina fui barrada na entrada da porta do cabaré.**Menina volta pra casa, aqui não entra criança, aqui só entra mulher.**Glória aleluia, glória aleluia.**Eu deixei de ser menina, agora eu sou mulher da rua.*

(5ª)

*Chorei, chorei. O homem que eu amava, eu matei.**Matei com sete facadas em cima do coração, eu sou pombogira menina e não aceito traição.*

Conselhos, puxões de orelha, rezas e trabalhos configuram as ações das entidades em nosso meio enquanto cantam e, dependendo do dia e de quem esteja *em terra*, dançam. As danças dos exus e bombogiras não apresentam uma coreografia específica. São movimentos livres que ocupam e dinamizam todo espaço, deixando os humanos também encantados pelo balanço das saias e *panas* confeccionadas em tecidos que brilham ao terem a luz das velas refletidas.



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

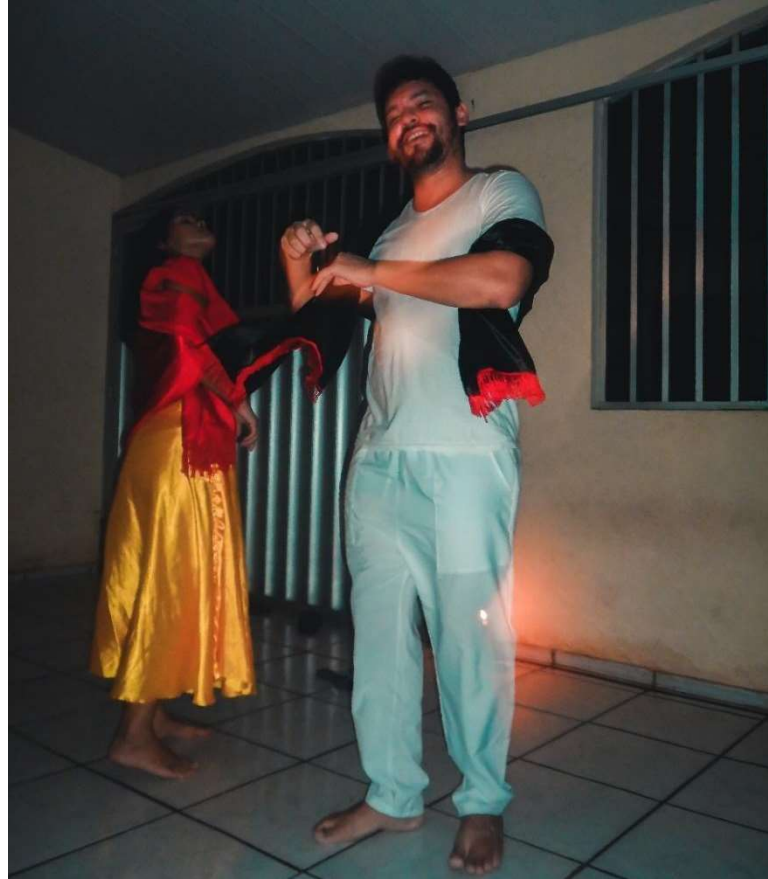


Figura 22



Figura 23

Em meu campo, exus e bombogiras não são representadas ou associadas à marginalidade, malandragem, prostituição e nem com outras formas pejorativas que anule a complexidade, potência e importância desses espíritos. São chamados de guardiões, líderes e recebidos com muito respeito e reverência, sendo os únicos a serem cumprimentados com a cabeça encostando no chão.

Por meio das doutrinas um processo de participação também é acionado à medida em que discursos são partilhados e reconhecidos. As entidades esperam que as pessoas puxem algumas doutrinas, respeitando a *linha* que se encontra no lugar. Fran é uma das que mais canta, ocasionalmente recorrendo ao celular para procurar letras na internet para satisfazer os desejos e agradar as entidades. Isso aconteceu na primeira *passagem* que estive em campo, após dona Mulambo (bombogira incorporada por Pedro) me olhar e sorrir dizendo que além de estar sem inspiração, não havia ninguém lhe ajudando a cantar.

O envolvimento nas *passagens* destaca uma participação que também é capaz de produzir e estreitar os laços. Em outra noite, depois de ter se ausentado para adormecer Ana Luz, observando que a *passagem* estava silenciosa, Fran chegou no terraço e disse a Maria Mulambo: “*Voltei minha mãe. Voltei para animar a festa porque esse povo é tudo aziado*” (Diário de campo, junho de 2022). A fala de Fran expõe um dos significados que o ritual tem pra si e também a forma carinhosa que trata as entidades. Esse tipo de tratamento é o que é valorizado entre humanos e não humanos³⁹.

Em suas despedidas, eles nos pedem para cantarmos chamando o povo de Légua. Não que o povo da esquerda não faça o terraço tornar-se um ambiente alegre, mas isso parece ser mais da competência dos Léguas:

*Eu venho pelas veias d'água, eu venho abeirando o mar.
Sou eu de Boji Boji, sou eu de Boji Boa.*

Quando os encantados chegam e sabemos quem são, cantamos a mesma doutrina mas agora chamando pelo nome de cada um até que todos sejam apresentados.

*Eu venho pelas veias d'água, eu venho abeirando o mar.
Sou eu Pedro de Légua, sou eu Légua Boa.*

Eles se apresentam dando três pisadas com muita força no chão e alguns levando a mão na cabeça indicando quererem seus chapéus, objeto característico dessa família nos terreiros no Maranhão. As luzes são ligadas a pedido das entidades que logo procuram seus objetos, sendo

³⁹ Discutirei essas relações no próximo capítulo.

três principais: chapéu, charuto ou cigarros, e os copos. A família de Légua, por não costumar fazer consultas de forma individual, é a que mais ensina e conversa abertamente com o coletivo. Costumam ser também as entidades que mais nos chamam atenção na frente de todos, sem nenhum receio de que sintamos algum tipo de vergonha.

Figura 24



Estando todos na *eira*, distraio-me mais facilmente observando a forma como as pessoas conversam com as entidades e o modo brincalhão como se tratam. Além disso, é fácil ficar absorta ouvindo os pontos carregados de histórias que narram sobre sua família, personalidades, habilidades, origem etc.

(1ª)

*Foi lá nas matas de Codó que a família de Légua raiou.
Foi lá no oriente, no oriente uma estrela brilhou.*

(2ª)

*Atravessei o mar, atravessei o rio.
Sou eu Pedro de Légua, soldado do Brasil.*

(3ª)

*Eu vim de lá, eu vim de lá até aqui.
Eu vim de lá, eu vim vencendo trapaceiro.
Eu sou Martinho, sou potente feiticeiro.*

(4ª)

*Pedro Angasso é homem nobre, é a flor de girassol.
Quem se esconde na sua sombra não apanha chuva e nem sol.*

(5ª)

*Minha vasilhinha de barro.
Minha varinha de condão.
Sou feitiçeira de nascença do Codó do Maranhão.*

(6ª)

*Lá no meu roçado passa boi, passa boiada.
A minha tristeza transformou-se em alegria.
Vou chamar meu vaqueiro. Vou chamar guia.
Vou chamar boiadeiro, vou chamar Légua Boji.*

(7ª)

*A família de Légua ta toda na eira.
A família de Légua ta toda na eira.
Bebendo cachaça, quebrando barreira.*

Através dos pontos cantados também aprendemos sobre as entidades, antes mesmo que elas nos digam quem são. É com o tempo e por meio da convivência que conseguimos conhecer mais sobre elas. Em uma *passagem*, quando se aproxima de meia noite, dependendo do que fora acordado entre médiuns e espíritos, os Léguas se despendem, deixando que os corpos sejam invadidos pela alegria e alvoroço dos erês. Não é uma regra, mas assim como as demais entidades, eles chegam seguindo um ordenamento de descida que segue a hierarquia dos médiuns, do mais velho ao mais novo, levando em consideração a data do seu batismo. O terraço logo é contagiado pelas palmas batidas aceleradamente.

Ao chegarem, correm pela casa e vão atrás de suas coisas: brinquedos, bombons, adereços e copos esperando que alguém lhe sirva *água doce*⁴⁰. Mariazinha, uma erê, demorou a entender que Ana Luz não era seu brinquedo. Toda vez que *chegava*, corria em direção à Fran pedindo que a autorizasse carregar e brincar com a criança, sua *neneca*⁴¹. Vendo o desejo da erê em ter uma boneca, Fran lhe deu um presente para que não ficasse mais chateada por não poder carregar com a filha de sua *cavalo*.

⁴⁰ Forma pela qual chamam refrigerante.

⁴¹ O mesmo que boneca.

Figura 25



Ao sentarem no chão cada um com seu pote de bombom, começam a nos presentear. Presenteando alguém com um doce, os erês pedem que ao comer se faça um pedido. Em todas as *passagens*, sem exceção, quando essas entidades chegam, além da circulação de doces, também circulam agradecimentos, pedidos e cuidados.

Conversando com outras pessoas, Ketlen⁴² e Mariazinha falaram sobre o que ganharam por terem achado as coisas pra Francinilda e Pedro. Ketlen fala que ganhou uma caixa de bombom de chocolate quando Pedro lhe pediu “no tempo” para ajudá-lo a encontrar um carregador que era de um aparelho de celular do seu serviço e Fran deu um bolo à Mariazinha quando ela lhe ajudou a encontrar um carregador. (Diário de campo, outubro de 2021).

A presença dos erês para ajudar a achar coisas "perdidas" - geralmente em troca de algum doce ou presente - é contada constantemente pelas pessoas. Não necessariamente são os erês que pedem ou cobram. Às vezes, as pessoas ao pedirem ajuda durante as orações chamando por eles - sem que eles estejam incorporados em Thiago ou Elisa - e tendo seus problemas posteriormente resolvidos, os retribuem. Dizem, no contexto do meu campo, que pior do que fazer promessa ou acordo com povo da esquerda, é fazer com erês. Os seus trabalhos são tão rápidos quanto suas cobranças. Comumente somos alertados que é preciso ter cuidado com o que se pede. Quando contrariados e sentindo-se enganados, costumam expor segredos ou

⁴² O nome do erê nunca foi revelado, mas ele se deu esse nome quando me conheceu pela primeira vez e perguntou como eu me chamava. Ao responder Julyana Ketlen, ele disse que usaria o meu, já que não poderia dizer a ninguém qual era o seu nome. Já são três anos que ele se apresenta e é chamado desta forma.

tratarem as pessoas com mais seriedade. “*Só se ganha o que se merece*”, disse Ketlen à Fran depois dela ter lhe feito um pedido e contrariado os seus conselhos.

Quando preocupadas com a saúde de alguém, os erês entregam bombons como instrumentos de cura ou outros objetos seus. A convivência com espíritos e com quem ganhava seus presentes me permitiram começar a aprender e a explorar outros regimes de percepção e presença dos espíritos que carecem de maior atenção. Outros regimes de visualidade, de escuta e de percepções passaram ser significativas. Um pouco semelhante ao que Wirtz (2014, p. 128), no texto que compõe o livro “*The social life of spirits*”, apresentou sobre as velas, era o que eu também experimentava. Os movimentos e diferentes acontecimentos relacionados a objetos dados pelos espíritos a nós também indicavam índices de suas presenças. Certa vez ganhei dois balões cheios, do erê Ketlen, com forma de proteção. Ele afirmou que eu passaria por um perigo, mas na hora que estourassem ele seria desviado de mim.

As crianças, assim como os Léguas que não possuem uma forma tão explícita de trabalho como o povo da esquerda, o fazem da sua forma: brincando. É através da brincadeira que elas auxiliam aquele que busca por um trabalho, cura de alguma doença, força para enfrentar uma adversidade. É brincando que elas alertam sobre um acontecimento futuro. Segundo Emilena dos Santos (2011), os erês são “misericordiosos e benfeitores, trazem sorte, tem o poder de adivinhar e curar. Seus ebós⁴³ são milagrosos, acabam com qualquer epidemia” (DOS SANTOS, 2011, p. 50). Mariazinha é a mais conhecida por essa ação. Constantemente é lembrado do dia que ela alertou Cláudia, madrastra de Déborah, sobre uma possível gravidez e o sexo da criança, confirmada meses depois.

Na mesma intensidade que se alegram quando chegam, se entristecem quando é hora partir. Pedem a benção a todos e se despedem. Ao contrário da hora de chegada, a *subida* delas acontecem do mais novo ao mais velho, para a alergia de Ketlen que sempre enrola até a hora de ir embora. Os erês também são responsáveis pelo encerramento da *passagem* tendo como função a de limpar e descarregar os corpos de seus *cavalos*.

A apresentação de uma *passagem* permite entender a existência de um ritual – com suas entidades, seu ordenamento e princípios, seus pontos cantados – em um espaço doméstico que termina por ser contagiado por essas presenças e seus efeitos. Acredito que esse tipo de descrição possibilita a identificação de uma série de aspectos dos fundamentos religiosos que se imiscuem com os espaços e a rotina que marca a casa de uma família com crianças, animais, refeições e conflitos. Em sua existência, a casa e a *passagem* que se instaura nela são formadas

⁴³ Oferendas realizadas para determinados objetivos. Também conhecido como trabalhos.

pelas contribuições de humanos e não humanos – entidades, plantas, objetos, animais – pois, ao seu modo, todos participam exercendo um papel fundamental no momento que lhe corresponde.

Embora se possa admitir a preponderância das agências das entidades da definição do andamento do ritual, a *passagem* não deixa de ser parte de um complexo de situações que permite sua realização.

4. FAMÍLIA E PARENTESCO: AFETAMENTOS, VÍNCULOS E CONFLITOS

A organização da casa e a presença da família de santo vai além dos laços consanguíneos entre seus membros, resultando numa relação social que pode coincidir ou não com uma relação biológica. Dentre tantos aprendizados vivenciados durante as *passagens*, um deles foi a constante ressignificação das linhas de parentesco e da desnaturalização da família, resultante da configuração do meu campo. Diante disso, este capítulo objetiva discutir sobre um encontro de diferentes concepções de parentesco, que não acontece sem conflitos. Conflitos esses que perpassam o entendimento desafiador de algumas ideias estabelecidas relacionadas à noção do “eu”, do corpo, da casa, da propriedade e do controle de conduzir a própria vida.

O estudo da família ganha forte ênfase na Antropologia, principalmente quando as discussões sobre o parentesco emergem, tornando-se objeto fundamental da disciplina. Lévi-Strauss (1982) deslocou as análises sobre família para além do aspecto biológico ou das linhas de consanguinidade e herança, dirigindo-a para o sistema de parentesco como um todo, contemplando relações de aliança como fundamentais à compreensão da vida social. Inserida na teoria estruturalista, a visão levistraussiana volta à atenção para a família como sistema mais amplo de parentesco e não apenas como uma unidade mínima.

A mudança de perspectiva sobre a família, da óptica da consanguinidade para a da aliança, possibilitou que ela fosse vista como uma instituição que se funda a partir dos vários laços, “porque na existência da família como aliança, está a possibilidade do ser humano se fazer social, comunicando-se e, assim, romper com o que define como o isolamento a que nos condena a consanguinidade” (SARTI, 1999, p. 3). Nessa assertiva, os sistemas de parentesco entendidos como estruturas formais são resultantes da combinação de três tipos de relações: a relação de descendência; a relação de consanguinidade e a relação de afinidade.

Por essa perspectiva, surgem indagações em torno do significado de tornar-se parente, trazendo a possibilidade daquele até então distante, transformar-se em próximo. Assim, as abordagens feitas sobre as relações de parentesco acontecerem apenas por laços consanguíneos é superada na Antropologia, como bem afirma Andréa Lobo (2000, p. 135). A constatação da autora parte de sua pesquisa na Ilha de Boa Vista em Cabo Verde, onde as relações de proximidade e trocas no cotidiano são imprescindíveis “para que as relações entre parentes de sangue sejam construídas”.

Essas abordagens são mais significativas para dialogar com o conjunto de relações observadas durante meu trabalho de campo, em que pude perceber a superposição do parentesco espiritual e biológico e, além disso, onde as categorias centradas na consanguinidade e na

afinidade por matrimônio são ressignificadas, pela experiência e oportunidade de viver e construir o dia a dia por meio da cumplicidade, companheirismo e afeto. É preciso dar importância às relações parentais que não são estritamente biológicas para compreender o meu campo. O parentesco espiritual, por exemplo, extrapola totalmente a ideia da filiação e consanguinidade. Encontrei em campo diversas formas distintas de vínculos familiares que extrapolam as relações humanas: pessoas e animais; pessoas e coisas; pessoas e espíritos.

Embora o sangue ainda seja um grande referencial para tratar do que é "família" nesse contexto, as ligações afetivas e o investimento permanente nas relações são essenciais para o estabelecimento das pessoas. Nesse sentido, por mais que ele não seja central, ele (o sangue) não é algo desconsiderado. Entretanto, gostaria de propor caminhos para pensar o parentesco através de discussões que o tratam para além da consanguinidade e a partir do que é ser e estar na presença de espíritos e outros seres constituindo formas de habitar, de se relacionar e de se encontrar a partir de processos de afeto, cuidados e conflitos presentes em um entremeado de relações nas quais as temporalidades e os ritmos da casa se configuram.

4.1 “ERA SÓ UMA VISITINHA, AGORA TÔ TODO VESTIDO DE BRANCO”: SOBRE A CHEGADA E O APRENDIZADO

Todos que frequentam a casa dos meus parentes chegaram por convite de alguém que já frequentava. Por não ser um terreiro e a casa estar localizada dentro de um condomínio fechado, se a pessoa não morar na mesma rua e passar por ela em dias de *passagem*, não há como saber que naquele espaço se realiza rituais da umbanda. Desta forma, além dos motivos específicos que movem as pessoas a irem pela primeira vez⁴⁴, o convite feito é a abertura, o momento de ingresso naquele espaço e no ritual.

Assim aconteceu comigo quando informei Pedro e Déborah que as *passagens* aconteceriam na casa da minha irmã, guiadas pelo meu sobrinho e conseqüentemente por seu Pedro. Quando se sentiram seguros na *eira* e confiantes naqueles que ali estavam para ajudar, ambos convidaram pessoas que já haviam lhes procurado pedindo alguma ajuda ou indicação de um espaço religioso afro-brasileiro. Pedro foi procurado por uma amiga sua, Isadora, em um momento que buscava ajuda espiritual; e o mesmo aconteceu quando André, ao conversar com Déborah, relatou algumas angústias e o desejo de experienciar o momento da *passagem*. Isadora, após frequentar e inicialmente se identificar com o espaço, convidou dois amigos, Matheus e Tiago Viana, para acompanhá-la e conhecer a *eira*. Diferentemente de todos, o único

⁴⁴ Retomar a discussão do capítulo anterior.

que possuía alguma filiação com algum terreiro era Tiago e que apesar de sempre ter deixado muito explícito o seu vínculo com outra casa, continuou frequentando o ritual tornando-se dentro da *passagem* uma das figuras mais esperadas e respeitadas por dois motivos: sua vivência e conhecimento sobre a religião, e pelo afeto construído com as entidades que *recebe*.

O primeiro convite de Fran também desencadeou outros. Mariana namorava o cunhado da minha irmã e em um evento familiar, desabafou sobre a necessidade de encontrar alguém que lhe ajudasse a resolver um problema de saúde que, segundo conta, havia piorado em um terreiro que estava frequentando. Na ocasião, Thiago não estava *abrindo passagem* por conta do seu problema de saúde, mas quando retornasse, Fran avisaria. Não custou muito para que esse dia chegasse. Mariana, tendo obtido a melhora da sua saúde durante uma *passagem*, convidou Yasmin, sua filha, e dona Rita, sua mãe, para que conhecessem o espaço, pois para ela era imprescindível que sua família também fosse acolhida. Certo dia enquanto conversávamos, ela me contou sobre ter achado na casa dos meus parentes o lugar que a “acolhesse, entendesse e ajudasse”.

Após frequentar algumas *passagens*, encontrando direcionamento e segurança nas figuras de Thiago, Elisa e nas entidades, Yasmin convidou um amigo, Serra Neto, para participar do ritual. O convite havia sido feito em decorrência do anseio de Serra em buscar ajuda para lidar com as crises familiares e de ansiedade, além da curiosidade despertada pelas narrativas da amiga sobre a religião e a mediunidade. A permanência de Serra indicava sua busca terapêutica e a necessidade que sentia de construir significados para entender suas experiências. Vivendo episódios marcantes nas *passagens*, e tendo em vista algumas angústias compartilhadas por seu amigo Victor, Serra o convidou para ir ao ritual em busca de ajuda. Após frequentar uma *passagem* e se identificar com o que ali era proposto e realizado, Victor também convidou sua esposa, Gleice, seu irmão, Verner, e sua mãe, dona Val - que também estavam em busca de melhorias espirituais e financeiras.

A transformação do visitar para o vestir-se de branco é processual e mostra, em meu campo, um movimento comum entre as pessoas que participam. Podemos pensar com o que afirma Rabelo (2010) para outro contexto:

As religiões modificam a maneira pela qual os indivíduos se posicionam frente à aflição, na medida em que lhes inculcem um novo estoque de concepções e crenças. Clientes são potenciais adeptos que aprendem – adquirem conteúdos – no curso de sua participação em eventos diversos ao interior do grupo religioso (RABELO, 2010, p. 6).

A categoria “cliente” nunca foi utilizada pelos meus interlocutores durante a minha pesquisa de campo, mas diante da afirmação da autora, substituo-a pela categoria “visitante”. Ao visitar a casa pela primeira vez, se é aconselhado a vestir roupas claras. Mas, à medida que as visitas passam a ser recorrentes e as pessoas começam a se identificar, permanecer e se *desenvolver*, as roupas brancas passam a ganhar importância. Não falo só da cor de uma roupa, mas sim de um fator que marca um compromisso e uma relação de respeito. Também não falo de um movimento que ocorreu do “dia pra noite”, mas sim de algo que é tecido atenta e processualmente.

Boa parte das narrativas que ouvi durante o campo afirmavam sobre como as primeiras visitas eram surpreendentes. Muita coisa para observar, para ser pensado e para entender. Nem sempre era fácil compreender tudo que havia sido visto e escutado. Terminologias nunca ouvidas antes, cheiros desconhecidos, pessoas novas e a possibilidade de novos arranjos em suas vidas os encantaram, como afirmam meus interlocutores. Eles enfatizaram, algumas vezes, que permaneceram pela possibilidade de lidar com a religiosidade fora de um local religioso e também pela relação de cuidado.

É claro que a *passagem* tem diversas características marcantes, mas o cuidado que as entidades possuem com aqueles que lhe fazem companhia sempre foi algo muito falado. A escuta atenta aos problemas, o afago com quem demonstrava tristeza, o abraço que anunciava proteção e o desejo coletivo para que todos os presentes ficassem bem também foram motivos para que o branco fosse a cor prevaiente nos rituais. O cuidar, como afirma Rabelo (2009), também pode funcionar como um modulador das relações. Sentir-se protegido e cuidado pelas entidades sempre esteve como fator determinante para que as permanências existissem.

“*Estar conectado*”, “*Bem-estar imensurável*”, “*Aqui é o meu lugar*”, “*Aproximação com as entidades*” foram frases ditas pelos meus interlocutores nos momentos que falávamos sobre o fato de continuarem ali. Foi questão de tempo, ou redundantemente de passagem, para que a vida de todos estivesse entrelaçada uma com a outra, pois como muitos afirmam, após a frequência e convivência nas *passagens* tornaram-se outras pessoas.

A busca por constantes melhorias em diversos âmbitos de suas vidas também é um fator relevante que os fez permanecer. Considero pertinentes as reflexões de Marilena Chauí (2003) ao afirmar que a presença nessas religiões representa também um esforço para vencer um mundo sentido como hostil e “fornece orientação para a conduta de vida, sentimento de comunidade e saber sobre o mundo” (p. 76). O permanecer, no contexto do meu campo, também pode ser justificado na forma em que demandas objetivas (emprego, saúde, proteção, aprovação em seletivos etc.) e/ou espirituais (desenvolvimento mediúnico, proteção contra doenças

espirituais, paz interior, felicidade entre outros) eram expostas e compartilhadas. Trago a transcrição de um áudio recebido por Elisa de uma das pessoas que frequentam a *eira*, para pensar nesses elementos.

Minha mãe, muita correria mas algo sobrenatural acontecendo. Eu depois quero conversar com a senhora, eu sei que estou pedindo demais. Sei que sou uma filha que pede muito, mas é por enquanto. A senhora acredita que eu não tinha nada, depois do trabalho que a senhora fez as coisas começaram a se abrir. Ainda tem muita coisa pra resolver, mas tudo tá caminhando. O que eu quero minha mãe do fundo do meu coração é só que minha mãe Cigana, é que a gente mude daqui, é que ela bote uns contratos pra mim e eu sei que ela tá botando um contrato porque hoje eu já fechei um e se não fosse esse contrato eu não sei como seria. Mas quero que ela me ajude a fechar mais uns. (Transcrição de áudio, 25 de setembro de 2021)

O ritual ainda possibilita o acesso a um saber que permite aos indivíduos a produção e reprodução de uma existência coletiva, a partir do momento que compartilham valores, significados, crenças coletivas e práticas que são incentivadas a serem realizadas pelo grupo. Os saberes são socializados por meio das relações de comunicação direta: nas conversas e no convívio diário. Embora não estejam todos os dias juntos, há um grupo virtual que também aproxima e fortalece essas relações entre as pessoas.

Permanecer não indica uma ação rápida e livre. Ela acontece de modo processual, na experiência diária, sob orientação daqueles que são vistos como *zeladores* – Thiago e Elisa – e dos encantados. A existência e convivência com os encantados são elementos centrais não somente pelo aspecto espiritual, mas também educacional, estabelecendo mediações entre diferentes saberes. Uma das *passagens* que marcam é chamada de *passagem de desenvolvimento*. Diferente daquelas que são “abertas”, essa é destinada somente aos “*de casa*” e apresentam duas características: 1. são aqueles que estão passando pelo processo de incorporação e demonstram interesse em um maior desenvolvimento; 2. são os que querem desenvolver a mediunidade. No primeiro grupo estão as pessoas que durante o ritual ficaram irradiadas e/ou em seguida já incorporaram pela primeira vez. No segundo, aqueles que alguma vez durante o ritual já ouviram que poderiam vir a incorporar e estão querendo desenvolver essa possibilidade.

Houve apenas duas passagens nesse modelo durante o campo. A primeira aconteceu na primeira semana da pesquisa (no dia 08 de junho de 2021) e objetivava uma espécie de (in)formação religiosa, sendo esta ritual, doutrinária e espiritual dos médiuns, envolvendo tanto os mais experientes, quanto os iniciantes. Era o momento de “*perpetuar os ensinamentos*”, mas também de ensinar e aprender sobre valores religiosos, éticos e regras de conduta. Nela estavam presentes Thiago e Elisa, os responsáveis por guiar o ritual; Pedro que já estava incorporando

há um tempo; Isadora que havia ficado irradiada em uma *passagem aberta*; André que gostaria de desenvolver essa mediunidade apesar de nunca ter incorporado e Déborah, que fora convidada por ser sua namorada e já frequentar a casa.

Naquela noite houve algumas novidades, a começar pela preparação antes das orações. Agora era necessário que os médiuns acendessem suas velas no *gongá*. Fomos todos para o quintal no mesmo momento. Pedro, por ser o mais velho em tempo de participação, foi o primeiro a entrar e colocar sua vela acesa no altar. Em seguida, Thiago acompanhou André para dizer-lhe o que deveria ser falado quando se acendia o pavio. Isadora foi na sequência e nos disse sorrindo: “*Também preciso de uma cola*”. Thiago também entrou para auxiliá-la, por ser sua primeira vez. Após os três terem acendido as velas, meu sobrinho me falou que aquele momento marcava a abertura das *correntes* no altar. Ainda no *gongá*, Elisa e depois Thiago acenderam as suas velas. Quando voltamos ao terraço, meu sobrinho perguntou a André e Isadora se realmente queriam que as entidades fossem *puxadas, uma vez que não incorporavam ainda*. A mesma pergunta foi feita três vezes, tendo “sim” como resposta. Segundo Thiago, o primeiro sim pode ter sido respondido com dúvida, o segundo poderia ter sido respondido achando ter certeza e o terceiro já seria a resposta final, declarando certeza do que realmente queriam.

Antes de começarem a rezar e a cantar, Thiago disse aos que ainda não haviam incorporado que “*se vier o de vocês, axé. Se não vier, também não tem problema*” (Diário de campo, em 08.06.2021). Após algumas doutrinas serem cantadas, as incorporações começaram a acontecer. Elisa estava *cambonando* naquela noite, pois precisava ficar com sua filha, já que Fran havia saído e não havia outra pessoa para olhá-la. Nesse primeiro momento, apenas Isadora incorporou. Era uma *bombogira*, que, embora não tenha dito seu nome obedecendo as doutrinas *omokutenas*, reconhecemos por ter aparecido quando cantavam para os exus.

Seu Zé Pilintra – em Thiago – se fez presente e aproveitou a oportunidade para falar sobre diversos assuntos, dando ênfase à incorporação consciente e como isso poderia, a qualquer momento, atrapalhar o recebimento das entidades, mesmo a considerando como algo de sorte. Ele dizia que o médium consciente devia ter muito cuidado para quem expõe o seu tipo de mediunidade, pois havia muitos pecadores que duvidavam. Pediu para alertarem Pedro que “*os dons não são falados pra qualquer um. Deve dizer pra quem tem fé*” (Diário de campo, em 08.06.2021).

Ao olhar Pedro incorporado, seu Zé falou sobre diferentes tipos de incorporação e sobre como as entidades ao chegarem na vida de seus *cavalos*, aprendem junto com eles. Ao afirmar que lá todo mundo era doutrinado a *subir e chegar* bem, se orgulha da forma como Pedro estava

se desenvolvendo⁴⁵. Sobre esse contexto, ele perguntou a Déborah se ela já viu incorporações em outros locais e me perguntou (retoricamente) se isso realmente não variava de terreiro para terreiro. Ao respondê-lo com um “sim”, ele continuou a falar sobre não haver o certo ou o errado, que isso é doutrina de cada casa e que não cabe a ele falar sobre o modo de incorporação em outros locais. Disse ainda que ali a chegada e subida aconteciam da forma mais tranquila possível, a não ser que o médium não estivesse *fazendo as coisas certas*, referindo-se ao cumprimento das *obrigações*, à relação com as entidades e à condução de suas vidas.

Antes da segunda *passagem* acontecer, Elisa informou, em um grupo no aplicativo de mensagens, que o momento inicialmente seria dedicado a passar informações, compartilhar doutrinas e tirar dúvidas de quem as tivesse. Diferente das passagens abertas em que os horários são estabelecidos em sua maioria por Francinilda, Elisa perguntou que horário seria melhor para todos. Depois que as pessoas agradeceram pela criação do grupo e por essa “metodologia”, ela afirmou que “*quanto mais claros e unidos forem*” melhor seria o aprendizado de todos. Informou ainda que seria feita uma firmeza de prosperidade⁴⁶ financeira e de amor dedicada à bombogira Cigana, alertando aos que fossem participar que levassem um desejo com foco no amor e na prosperidade financeira, escrito a lápis em um papel branco. Mesmo com o material todo comprado, Elisa perguntou o que achavam de a firmeza ser preparada coletivamente. Com exceção de Pedro, era a primeira vez que os demais participariam de um ritual de firmeza.

No dia da *passagem*, cheguei mais cedo para que eu pudesse ver a preparação da firmeza. Assim que entrei, notei que o terraço estava arrumado de uma forma diferente. Não havia tantas cadeiras no espaço e a mesa não estava no lugar de sempre, próxima à porta de entrada da sala - ela estava posicionada onde as entidades costumam ficar sentadas em dias de *passagem aberta*. Assim como sua posição, os elementos que costumam ficar sobre ela também eram diferentes. Nesta noite, o que se fazia presente, eram os que seriam utilizados no preparo da firmeza: farinha branca, maçãs, cigarrilhas, mel, dendê, semente de girassol, cravinhos, cebola, incensos e alguidares⁴⁷, velas, bebidas etc.

⁴⁵ Em outro contexto etnográfico, o assunto da doutrinação e cuidado também aparece na pesquisa de Ahlert e Lima (2019): “Relações de cuidado ainda marcam a relação entre um pai/mãe e seus filhos-de-santo, pois é esperado que um mestre cuide de seus filhos, organizando suas correntes, preparando-os para ficarem firmes quando receberem uma entidade, instruindo-os no cumprimento de suas obrigações. Aqueles que não o fazem são vistos com reprovação pelos demais chefes de tenda, que percebem transes violentos e a falta de controle dos médiuns em relação ao seu corpo” (p. 460)

⁴⁶ As firmezas de prosperidade são oferendas feitas com o intuito de evocar determinadas energias para o benefício do indivíduo. É um conjunto de elementos que, unidos, possuem um propósito determinado para cumprir um fim especial. Naquela noite, fazer a firmeza era oferenda à Cigana, significava fortalecer a ação da bombogira para a realização de cada pedido.

⁴⁷ Cumbucas normalmente feita de barro, usada para a preparação de oferendas. Os guias, quando incorporados, também o utilizam para o descarte de velas, cinzas etc.

Todos chegaram cedo: André, Isadora, Pedro, Mariana, Déborah, mais uma vez sem ter indicado algum desejo em fazer parte da *Omokutena*, também se fez presente. Thiago colocou um lençol branco no chão com uma vela acesa no centro do círculo para que todos se sentassem ao redor, mas logo precisou ser retirado por conta dos cachorros que estavam brincando e bagunçando tudo, além de Ana Luz que não parava de se movimentar, correndo o risco da vela cair. Tiraram o lençol e todos se sentaram no chão. Eu e Déborah nos sentamos fora da roda, mas o suficiente para conseguir escutá-los.

Figura 26



Thiago compartilhou sobre suas expectativas em torno das *passagens de desenvolvimento*, enfatizando que era um espaço dedicado para que todos pudessem falar sobre seus medos, angústias, questionamentos, aprendizados e experiências. Para ele, o *desenvolvimento* era um trabalho coletivo e ele estaria ali para orientá-los no que soubesse, e para aprender também. “*A gente não aprende sozinho. É muito difícil que alguém aprenda tudo só, ainda mais na nossa religião. Que é o que: aprender com os mais velhos, sentar com os mais velhos e não estamos falando só de idade*”, completou Elisa, aproveitando a oportunidade para falar que as coisas ditas por eles não devem ser entendidas como regra geral da Umbanda,

pois “*cada casa é uma casa*”. Aquela era, entretanto, uma ocasião em que passavam informações da doutrina que seguiam.

Sobre as incorporações, “*cantar é um dos fatores essenciais para chamar o seu povo*”, afirmou Thiago. Mariana falou sobre a vontade de dançar durante as passagens e, assim como o canto, ele disse que é uma forma de *chamar* as entidades. Elisa alertou aos que incorporam, a necessidade de o médium aproveitar a oportunidade de aprender com as entidades porque “*ninguém pode falar mais sobre elas, do que elas mesmas*”. Ela fala também sobre o modo de trabalho da entidade, explicando que se estão ali devem trabalhar seguindo a doutrina *Omokutena*. Elisa valeu-se da pauta para informá-los que no decorrer do tempo, cada entidade revelaria os seus *pontos* e que para isso era necessário atenção, pois, como nos contou, “*sumia muito rápido da cabeça*”.

Pedro falou que comumente sonhava com os encantados e que estes aproveitavam esse momento para lhe darem recados. Afirmando já possuir relações com alguns deles, nos contou que, às vezes, conseguia vê-los, apesar de não ser nitidamente, e escutá-los. Os sonhos, “intuições” e os recados que chegavam por diferentes formas e em contextos aleatórios (para nós) foram intensificados. Wirtz (2014), disse que o discurso pode se apresentar como uma chave de materialização do espírito, uma vez que além deles próprios produzirem discursos quando incorporados, temos também aquilo que dizem sobre eles. Pedro podia sentir, narrar e conviver com a agência dos espíritos em sua vida. No texto, a autora, que fala sobre materialidades de espíritos em religiões afro-cubanas, lembra que espíritos podem infundir em objetos, lugares, corpos, falas e sonhos sem que suas presenças se corporifiquem obrigatoriamente ou tomem forma material. Como já observado, sabe-se que os espíritos não são dependentes da incorporação para trabalhar. O corpo humano, para eles, é apenas uma das mais variáveis possibilidades de existência.

André, Isadora, Yasmin e Mariana pediram dicas de concentração e Pedro diz que embora tenha curiosidade para também ver sobre a movimentação da casa (cachorros latindo, pessoas chegando, conversas paralelas), ele fica de olhos fechados cantando mentalmente. É necessário pensar nos seus guias e mentalizar sua presença. Ele aproveitou para contar que quando estava em casa, passava o dia todo ouvindo *pontos* e doutrinas para ajudá-lo a se conectar com os *guias*, assim como procurava leituras sobre mediunidade, umbanda, conexão com as entidades, adquiria livros de especialistas⁴⁸, assistia a vídeos de pais de santo que utilizam suas redes sociais para ensinamentos etc.

⁴⁸ A umbanda é uma das religiões afro-brasileiras que mais lida com a produção textual (ORTIZ, 1991; CAMARGO, 1961).

Essa característica da cotidianidade do Pedro demonstra como são vários os aspectos e os modos de aprendizagem de cada um, bem como, de construção de relações. Se alguns textos já questionam a oralidade como único veículo de transmissão do conhecimento (LIMA, 2003; CASTILHO, 2013), a contemporaneidade, pelo menos a experimentada por Pedro, prova que a maneira como se dão essas relações de troca vem se transformando cada vez mais⁴⁹.

Antes das entidades se fazerem presentes, as conversas foram baseadas na atuação religiosa dos médiuns, destacando-se, por exemplo, as aprendizagens acerca da forma como as doutrinas devem ser cantadas, do movimentar-se no ritual e nas possíveis maneiras de aproximar-se dos encantados e incorporá-los, o que deve ser feito cada vez mais com desenvoltura e facilidade, sem sacrifício nem dor, já que as meninas relataram sentir dor na nuca, cabeça e costas, queda de pressão, vista turva e sensação de desmaio na maioria das vezes que estiveram irradiadas⁵⁰.

Findando o ritual, as entidades agradeceram pela presença de todos enfatizando sobre como a temporalidade ou a passagem do tempo funcionava como uma condição necessária para a aprendizagem e fortalecimento das relações, bem como, fazer-se presente indicava responsabilidades para com a religião e, sobretudo, para com sua mediunidade. É em decorrência desses momentos que muitas pessoas que frequentam a casa resolveram permanecer, bem como, pela falta delas que outras decidiram desvincular-se. Embora tenham sido realizadas duas *passagens de desenvolvimento* em questão de quase um mês, elas não aconteceram mais, em razão, majoritariamente, dos conflitos entre Fran, Elisa e Thiago, que serão abordados ainda neste capítulo.

⁴⁹ Algumas autoras (DANTAS, 1988; CAPONE, 2009) já apontavam uma certa valorização da construção de conhecimento a partir de leituras acadêmicas, ou mesmo voltados para uma literatura que pode ser considerada “esóterica”, na busca de alguns indivíduos em descobrir “fundamentos”, sem, necessariamente, ter que acessar seus mais velhos. Alguns (PRANDI, 2001; SILVA, 1995) indicam que esse tipo de prática acontece devido desses tipos de pessoas terem acesso à qualificação acadêmica e à educação superior como incentivo que facilita essa prática.

⁵⁰ Por mais que estivessem sendo repassadas ações importantes para uma “boa incorporação” e bom desenvolvimento mediúnico, deve-se levar em consideração que o não cumprimento de suas obrigações para com o encantado e pessoas com as quais possui um relacionamento também afeta esse “controle” mediúnico independente do quanto já se tenha aprendido. As entidades desenvolvem junto aos médiuns um trabalho de formação espiritual fornecendo orientações sobre assuntos diversos, mas nem sempre sua forma de ensino é no sentido da orientação, conselho ou do diálogo. Por mais que pouco eu tenha presenciado no meu campo, sempre que necessário os encantados utilizavam de um recurso que, para eles, fazia parte do ensino-aprendizagem: a “peia”, “taca” ou o castigo. Esse recurso assume várias formas: a mais recorrente é a “bronca” em público que também é a maneira mais branda; a física - presenciada raríssimas vezes, mas que afeta diretamente na hora da incorporação provocando desconforto, descontrole e dores; e o castigo considerado mais forte, a “peia no tempo”, quando por um longo período nenhum sucesso ou sorte é obtido pelo médium nos aspectos sentimental, financeiro, no trabalho ou no estudos.

As passagens abertas e fechadas, as visitas nas casas de cada um durante a semana e as conversas pelas redes sociais são situações em que há dedicação às formações mediúnicas. Embora nenhuma dessas tenha a intenção primordial e única de ensinar, elas entregam que a participação produz aprendizagem. Todos esses momentos do cotidiano implicam um fazer compartilhado, bem como em troca de saberes, ou, como conclui Isadora: “*A gente se reúne pra aprender com quem sabe mais e está na religião há mais tempo. Quanto mais a gente está perto, mais fácil pode se tornar o processo*” (Diário de Campo, em 16.12.2021). A fala de Isadora permite observar como, para ela, a prática umbandista é eminentemente coletiva, remetendo à questão do tempo, da convivência e da participação. A análise de Márcio Goldman (2005) a respeito das “formas do saber e modos de ser” no candomblé é extremamente relevante e reveladora para pensar os processos focalizados em minha pesquisa:

O que se deve aprender não é conceptualizado como um corpo perfeitamente coerente e unificado de regras e conhecimentos, como algum tipo de doutrina sobrecodificada e imposta de cima. Aquele que deseja aprender alguma coisa no candomblé sabe muito bem, e desde o início, que é inútil esperar ensinamentos prontos e acabados de algum mestre, e que deve tratar de ir reunindo pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali, com a esperança de que, em algum momento, esse conjunto de saberes adquira uma densidade suficiente para que com ele se possa fazer alguma coisa. A isso se denomina “catar folhas”, e essa concepção se articula com o fato de o saber e o aprendizado serem colocados sob o signo dos orixás Ossâim e Oxóssi, o senhor das ervas e o caçador, pois aprender é, acima de tudo, uma busca e uma captura, que envolvem, claro, um risco (Goldman, 2005, p. 109).

De modo semelhante, é por meio da participação nas situações descritas que os médiuns vão se constituindo como membros da casa. Envolvendo-se inevitavelmente nas relações (de poder), nos acordos, nas negociações e nos conflitos inerentes à vida social, os médiuns aprendem os significados, as emoções e as identidades que são por eles produzidas. Igualmente o fazem compreendendo a atuação e a agência das entidades sobre suas vidas, as transformações daí decorrentes, como as alterações na ideia de família e de casa.

4.2 “*A FAMÍLIA TÁ CRESCENDO. AQUI É UMA COMUNIDADE*”: APROXIMAÇÕES E AFETOS

Por muito tempo as relações de parentesco que extrapolavam a relação homens-homens foram classificadas, segundo Augé (2003), de três maneiras: reais, mais ou menos fictícias e míticas. As classificadas como reais – aliás, terminologia que pode ser limitante para contextos como o do meu campo – seriam as consanguíneas, ou seja, as estritamente biológicas. Nas segundas, a consanguinidade pode ser existente, porém não exatamente identificada: sabe-se da

existência de um antepassado comum que é uma figura de referência na orientação da concepção das relações parentais, mas não é possível localizar exatamente os indivíduos dentro da genealogia direta; ou não: seriam as totalmente fictícias. Nesses paradigmas, a diagramação do parentesco assumia um papel central, porque permitia a observação de padrões – o que ainda é muito válido -, porém, sua centralidade nos estudos de parentesco configurava a utilização de um dispositivo etnocêntrico, já que se universalizava a ideia ocidental de parentesco - que é a consanguinidade - e da categoria de pessoa, que assumia tons de indivíduo moderno.

Quando iniciei a pesquisa não me passava pela cabeça discutir a categoria “parentesco”, mas encontrei nela uma surpresa boa e inevitável visto a forma como os dados de campo se configuraram. Em uma passagem, me dei conta de quantos núcleos consanguíneos faziam parte daquela reunião de pessoas: vi chegar Yasmin com sua filha Eliza, de um ano; Mariana e seu outro filho, Lucas, de nove anos; e dona Rita, avó e mãe respectivamente das duas médiuns. Foi com a chegada delas que essa abordagem começou a ganhar força para as minhas discussões. Enquanto Yasmin e Mariana participavam ativamente da *passagem* incorporando e *cambonando*, dona Rita participava do ritual e também ficava responsável pelas crianças. De modo geral, sempre que há crianças na casa o cuidado passa a ser coletivo contando com a colaboração de pessoas e espíritos, mesmo porque elas transitam incessantemente entre os espaços. Uma hora estão na sala brincando e assistindo televisão, outra estão no terraço no colo das entidades e entre seus braços.

Figura 27



Figura 28



Devido a ações praticadas por Yasmin e Mariana essa categoria ganhou mais destaque ainda. Elas eram as únicas a pedir bênção a Thiago e Elisa, além de carinhosamente chamá-los

de *paizinho e mãezinha*. Embora os dois não apresentem esse grau hierárquico, essa atitude demonstrava que ali se iniciava uma relação de abertura para novas conexões e implicava, aos dois, responsabilidades sobre o caminho religioso a ser percorrido. Thiago tornou-se consciente disso após Pedro, Yasmin e André decidirem se batizar, selando um compromisso no desenvolvimento mediúnico. Consciente da responsabilidade depositada, ele afirmou que todos os que buscam desenvolvimento eram considerados como seus filhos e que seu objetivo era ensiná-los mediante o que já havia aprendido com o pai de santo e as entidades.

A benção é uma prática cotidiana e representa um ato de reconhecimento, confiança e respeito pelos que conduzem o ritual. Em algumas semanas, Yasmin e Mariana também começaram a pedir para todos aqueles que participavam frequentemente, não custando para que os demais fizessem o mesmo movimento toda vez que se reuniam. Antes dessa mudança de cenário, a benção era pedida somente às entidades quando estavam *em terra* e assumiam o papel de pais e mães.

Em uma outra noite, mais um núcleo familiar consanguíneo estava presente. Victor, sua esposa Gleice e seu filho de quatro anos, Harry; Verner, seu irmão, acompanhado da esposa Cristina e da filha de três anos Ágatha e a mãe deles, dona Val. A pretensão em fazer parte da casa foi sendo declarada aos poucos através das participações e visitas, fora sua presença nos momentos rituais. Victor foi se aproximando de Thiago, Gleice de Elisa, as crianças ficando próximas. Os encontros fora do ambiente doméstico fizeram com que as relações se estreitassem para que meses depois selassem compromisso com os *omokutenas*. Algumas vezes recebi mensagens para dizer que Victor havia chegado levando algo para comer, tomar café e *jogar conversa fora*, outras dizendo que alguma entidade havia *descido* na presença do casal *só para bater um papo*.

Dona Val nem sempre estava presente nas *passagens* por conta da sua rotina no trabalho, mas, tentava fortalecer essa relação por meio de conversas em aplicativos de mensagens e/ou ajudando nos lanches - pós-ritual - que eram levados por seus filhos. Victor, devido às escalas no seu emprego, nem sempre conseguia comparecer ou acompanhar a *passagem* desde o começo, tendo chegado diversas vezes perto do fim apenas para pedir a benção às entidades presentes, que demonstravam felicidade ao vê-lo elogiando tal atitude que, para elas, demonstrava um sinal de compromisso e respeito. Nestes casos, a continuidade da relação, por meio das mensagens e visitas, são fatores importantes para manter acesos os vínculos relacionais.

Para compreender a construção desses vínculos é produtivo evidenciar o que Janet Carsten (2000), em sua experiência etnográfica com comunidades de pescadores malaios,

chama de “relatedness”, ou seja, um contínuo processo de estar conectado às pessoas, um parentesco processual em que pessoas constantemente investem suas emoções, energias e partilhas. A autora problematiza questões extremamente relevantes para pensar os significados produzidos pelos interlocutores e a forma como constroem os vínculos familiares e de parentesco. Uma delas refere-se ao reconhecimento do importante lugar das experiências, valorizando as cotidianas, os elementos emocionais, o potencial criativo e dinâmico dos sujeitos.

Aproximo-me de Carsten para pensar duas narrativas. A primeira é a do médium André, que em uma *passagem*/confraternização⁵¹, falou sobre terem se tornado uma família: “*Penso que todos são uma família, agregam conhecimento, experiências e conquistas*” (Diário de Campo, em 28.12.2021). Quando falamos de família, os interlocutores expõem a necessidade da construção de uma convivência afetiva com indivíduos que compartilham afinidades e, uma das coisas mais importantes, com quem podem compartilhar dificuldades e alegrias da vida. A segunda é da dona Val, quando fez referência a Thiago em forma de gratidão, esclarecendo que gostaria de sua presença no dia do seu batizado: “*É ele que ta me ajudando. É ele que tem que ser e é o meu pai*” (Diário de Campo, em 28.12.2021). Nos dois casos, o parentesco é resultante das relações cultivadas e da interseção entre as ações de humanos e entidades. Nesse sentido, é produtivo recorrer a Mauss (2001) quando sugere que a expressão dos sentimentos é uma forma de linguagem ao afirmar que “são sinais, expressões compreendidas” (p. 332) apresentando-se como um meio de comunicar-se com o outro vindo a mostrar socialmente sentimentos que carregam simbolismos compartilhados.

A dimensão experiencial do parentesco chama atenção para o investimento nas emoções, energia criativa e imaginação (CARSTEN, 2004). Tais experiências representam as formas como os sujeitos vivenciam eventos, relações, práticas sociais, valores morais e sociais etc. Focar nas experiências de “relatedness” significa trazer os sentidos construídos pelos sujeitos sobre as relações familiares e de parentesco, colocando em relevo a dimensão flexível do vínculo, representada pela convivência, onde há múltiplas possibilidades de conexão, como a amizade, por exemplo.

A outra questão importante trazida por Carsten (2004) implica em reconhecer que natureza e cultura, biológico e social, dado e feito, convivem, suas fronteiras estão “borradas”. A autora compreende o parentesco como “relatedness” para marcar sua crítica em relação à oposição analítica entre biológico e social nos estudos de parentesco. No caso dos meus

⁵¹ É muito comum que as pessoas, em meu campo, utilizem do fato de todos estarem juntos na *passagem* para poderem comemorar algo ou durante o ritual ou após.

interlocutores, há a nítida separação entre biológico e social, contudo, os discursos e práticas mostram a estreita interconexão entre essas dimensões: há o reconhecimento da ligação consanguínea, mas também a inclusão da convivência na produção de vínculos, na feitura dos parentes.

Enquanto tomávamos café da manhã no período da minha estadia na casa dos meus familiares, Elisa falava sobre como a casa havia crescido - e não era a dimensão territorial o seu foco, mas sim aqueles que a habitavam. Quando falamos sobre esse crescimento, a sua fala envolvia os modos de tratamento, sobretudo a rede de proteção, cuidado, parceria, companheirismo: “*Desde o princípio das passagens, sempre gostamos de tratar cada pessoa que a frequenta como parte de nossa família. Eles são a nossa família que independentemente de qualquer situação, sempre estaremos ali uns para os outros, tanto médiuns quanto entidades*” (Diário de Campo, em 15.11.2021). Nesta narrativa é basilar a concepção do parentesco para além da família nuclear, ou seja, para Elisa, o que configura essa família está ligado a uma responsabilidade pessoal que permeia os laços entre os seres que o compõem.

Elisa, Thiago e as entidades cuidaram de muitos quando precisaram. Déborah recorreu a eles quando sentiu, pela primeira vez, os efeitos da presença de um *quiumba* em sua casa. Dores de cabeça incessáveis, angústia, insônia e agitação levaram a procurar os dois para ajudá-la. Na primeira vez, realizaram alguns trabalhos e ela voltou para sua casa externando um bem-estar, mas não foi suficiente. No dia seguinte os procurou novamente muito aflita. Dessa vez a presença de uma entidade tornava-se indispensável. Pai Joaquim (preto-velho que *passa* em Thiago) *desceu* para ajudar Elisa e cuidar de Déborah. Ele dissera que ela estava sentindo a presença de um espírito que havia morrido há pouco tempo e por ela ser médium (ainda que não estivesse cuidando da sua mediunidade), sentira os efeitos da pior forma. Era o seu vizinho que morrera em decorrência da Covid-19. Depois que Pai Joaquim intercedeu, as queixas não aconteceram mais.

Serra Neto também recorreu aos cuidados dos dois quando apresentou a “cabeça ruim”. Não eram dores de cabeça, mas eram “*descontroles do pensamento*”, assim me foi dito. A cabeça cheia, agitada e marcada por indecisões, fizeram com que fosse cuidado. Era necessário acalmar o ori para que ele pudesse seguir naquele momento sem tomar atitudes que mais na frente trariam consequências ruins em sua vida. Meses depois, Serra precisou passar por uma cirurgia e novamente a ajuda dos dois e entidades foi imprescindível. Velas acesas para realização e sucesso da cirurgia, visitas em sua casa, trabalhos para uma boa recuperação foram ações constantes para ver o filho bem.

Pedro, diante dos *ataques espirituais* que sua irmã e mãe estavam enfrentando em sua residência, também recorreu aos dois e às entidades, que de imediato as receberam em casa e realizaram trabalhos a fim de cessá-los. Essa foi a primeira vez que aconteceu uma *passagem* restrita, não podendo ter a presença de nenhum outro médium por conta dos riscos trazidos ao trabalharem com espíritos desconhecidos.

Consegui enxergar como resultado das *passagens* que, assim como percebe Miriam Rabelo no caso do candomblé na Bahia, o cuidado estabelece uma “conexão ética” entre os indivíduos (2014, p. 267). Para a autora, compreender a ética do cuidado entre humanos, e humanos e entidades nessa religião exige atenção às várias atividades práticas que a configuram. Isto requer uma compreensão ética da ética como “assentada na prática, na sensibilidade e no engajamento com os outros” (2014, p. 262). Para Elisa, abrir as portas de casa e ajudar, seja quem fosse, era seu compromisso para com as entidades e a religião. Como ocorreu com Miriam Rabelo, aconteceu comigo. Foi preciso estar atenta à sutileza das práticas cotidianas em torno do cultivo das relações.

Nesse sentido, sugiro que as pessoas além de permanecerem pelos momentos partilhados ao tomar café ou comer pizza juntos, pela participação nas festas de aniversário, pelas longas conversas em dias de ritual ou em dias ordinários, também ficam pelas mensagens para saber como o outro está, preocupando-se com a saúde física, espiritual, financeira e emocional, entre tantas outras situações que constituem o cotidiano. Quando se fala em família dentro das religiões afro-brasileiras, outros requisitos para além do biológico conseguem preencher a definição, tal como a afetividade que é construída por meio da convivência, capaz de produzir vínculos familiares.

Pequenos atos cotidianos são valorizados pelos interlocutores, produzindo diferentes possibilidades de conexão e construindo as experiências de “relatedness”. Eles são a “substância” que alimenta essas relações, além de constituir as subjetividades que compartilham o cotidiano. Em outras palavras, as relações também passam pelo viés da construção cotidiana, do afeto, que representam o desejo de participar da vida daqueles que são significativos. Pedro é um dos que mais corrobora com essa abordagem:

Entendo que a família que se fala é a espiritual. Há aquelas que fazemos parte materialmente, mas o que entendo é que se trata de uma família maior que, “pecadores” e entidades fazem parte, porém estão em estados de matéria e em planos diferentes. Além disso, acrescenta-se a relação afetiva que se cria entre as pessoas que frequentam, o que pode ser entendido como família, que também cria responsabilidade entre as pessoas que aqui estão, seja nas passagens ou pode se expandir em ajuda das mais diversas formas fora do contexto religioso. Aqui se criam afetividades, relações de parentesco diversas. A presença e frequência criam

aproximações que antes não haveria como ocorrer. (Pedro, Diário de Campo em 28.12.2021).

Essa narrativa nos oferece uma chave para compreender a rede de parentesco que também é formada entre os médiuns. Conceitualmente, a afetividade conecta pessoas. Na prática, o que garante a manutenção dessa família é a presença na vida do outro, dentro e fora da *passagem*, afinal, o parentesco precisa ser também feito porque é “um processo inerentemente graduado”, como afirma Carsten (2014, p. 115). Assim, os laços de parentesco espiritual, segundo Vivaldo da Costa Lima (1977):

Não são apenas uma série de compromissos, aceitos dentro de uma regra mais ou menos estrita como nas ordens monásticas e fraternidades laicas, iniciáticas ou não; são laços muito mais amplos no plano das obrigações recíprocas e muito mais densos no âmbito psicológico das emoções e do sentimento; são laços efetivamente familiares. De obediência e disciplina; de proteção e assistência; de gratificação e sanções; de tensões e atritos, que tudo isto existe numa família e tudo isso existe no candomblé (LIMA, 1977, p. 146-147).

Pedro teve grande importância e participações diversas desde a primeira vez que foi ao ritual, tornando sua presença frequente e relevante na casa dos meus parentes, atualizando suas relações semanalmente e ganhando espaço na vida de cada um - tornando-se, segundo minha irmã, *mais um filho*. Fran, sempre que pode, enfatiza que ganhou filhos - Yasmin, Déborah, Tiago, Mateus – evidenciando a possibilidade que a rede de parentesco tem de aumentar, para além do seu caráter biológico.

Ahlert e Lima (2019) ao estudarem as tramas entre pessoas que compartilham o seu cotidiano com encantados em Codó (MA), afirmaram o que se assemelha ao que encontrei durante a minha pesquisa.

É possível, portanto, fazer parentes, ou seja, incluir pessoas na família. O que faz um parente, nesse sentido, é compartilhar cuidados e companhia, pois se espera que as pessoas de uma mesma família – vivendo ou não próximas, sendo ou não consanguíneas – cuidem umas das outras, lembrem-se dos seus membros e façam companhia uns aos outros. (AHLERT e LIMA, 2019, p. 459).

A temática da convivência sendo representada pela “*presença*” e “*frequência*” é entendida como aquilo que se constrói coletivamente, cujas práticas cotidianas são importantes para a continuidade dos laços afetivos e constituição da família. Aproximações são criadas quando se tem contato e se faz presente na vida do outro. Para Carsten (2004, p. 35), “o parentesco é feito nas casas, através do compartilhamento íntimo de espaços” e eu me atrevo a acrescentar que esses espaços não são definidos pela arquitetura física. É o prato de comida que

alguém oferece, é o café em sua xícara preferida, é a rede estendida para que o outro descanse, é o convite para dormir após *passagem* que acabou tarde, é a bebida compartilhada entre tantos outros aspectos que servem como investimento nas relações. O princípio da mutualidade do ser - “mutuality of being” – (SAHLINS, 2013) se mostra muito mais efetivo na constituição dessas relações.

Para Sahlins (2013), a essência do parentesco é a mesma em todos os seus modos de constituição: a participação na vida do outro. Dessa forma, aquilo que é construído genealogicamente pode também ser construído socialmente e, muitas vezes, com mais potência. A conexão substancial criada por meio do compartilhamento de substâncias, fluidos, alimentos, objetos, tempo e espaço, constitui o efetivo mistério da relacionalidade (VIVEIROS DE CASTRO, 2007).

“*A família tá crescendo. Vocês são uma comunidade*”, como disse seu Tranca Ruas e que nomeia este tópico, me faz lembrar de quando, orgulhosamente, em uma *passagem*, ele explanou sobre as pessoas estarem conectadas apesar das divergências, e de como cada um estava construindo sua trajetória religiosa. Dizer que as pessoas configuravam uma comunidade, era dizer também que esta era feita de parentesco. Considero importante um momento que aconteceu meses antes desta fala: o batizado dos três primeiros *omokutenas* a surgir como efeito das *passagens*. O batismo ocorreu quando as portas da *Omokutena* já podiam ser abertas, visto que a maior parte das pessoas que estariam presentes tomou a primeira dose de reforço da vacina (ou terceira dose) contra a Covid-19.

Para que o médium seja batizado é necessário, além dos materiais solicitados pelo pai de santo, que cada um escolha um padrinho ou madrinha e que o pai, mãe de santo ou alguém que tenha atingido alguns graus na hierarquia estejam presentes para conduzir o ritual. Como os três optaram por se batizar no mesmo dia, não seria permitido ter as mesmas pessoas para o apadrinhamento. Essa relação amplia as redes de parentesco entre as pessoas, por isso, aconselha-se que seja alguém de confiança e, como o pai de santo Cláudio disse-me uma vez: com quem se possa contar quando o pai ou a mãe lhe faltarem.

Yasmin havia escolhido Elisa e Serra Neto, que por questões de saúde não pode se fazer presente e foi substituído pelo encantado Seu Lourenço que *passa* em um irmão de santo do terreiro (seu Diogo); Pedro escolhera a mim e o caboclo Aymoré; André não podendo escolher seu Pedro como padrinho, convidou um amigo – que chegou a ir umas três vezes na *passagem* – e a minha mãe. O tempo é capaz de construir lealdades. Os padrinhos e madrinhas não foram transformados em tais por acaso. O cuidado, a atenção, a escuta, a consideração, a admiração produzem vínculos afetivos. Vários autores como Diana Brown (1977), Renato Ortiz (1978) e

Peter Fry (1982) abordaram que uma das principais relações que a umbanda estabelece no nível simbólico é a relação de apadrinhamento, principalmente quando escolhem entidades para assumir esse papel. A representação que os médiuns fazem dos *guias* espirituais é a de um padrinho/madrinha que lhe protege e ajuda a superar todo e qualquer tipo de dificuldade.

Dita as escolhas com muita empolgação, Thiago informou a mãe de santo para que pudessem marcar uma data. Com tudo devidamente organizado, houve transformações. Quebrando as - suas - regras, três dias antes do ritual, o pai de santo Cláudio convidou Thiago para conduzir a cerimônia. Meu sobrinho logo me procurou para dar a notícia. Ele estava nervoso, ansioso e reflexivo, pois sabia da tamanha responsabilidade depositada sobre ele. Fiquei curiosa com essa mudança e algum tempo depois perguntei ao pai Cláudio o porquê desse convite, que prontamente me respondeu:

O meu papel é estimular o crescimento dos filhos e filhas da casa conforme sua graduação. A permissão do batismo é que as pessoas que iam se batizar eram da casa dele. Tem uma intimidade com ele e os guias dele. E nós, como de costume, não nos apossamos dos filhos de santo dos nossos filhos de santo. Damos a oportunidade de todos crescerem na fé e desenvolverem o seu potencial espiritual e liderança. Enfim, damos o nosso melhor para todos serem o que devem ser. Espero em Deus e os orixás que ele seja o vaso de abundância de virtudes. (Pai Cláudio Moreno, Diário de Campo 18.01.2022)

A fala acima apresenta alguns elementos importantes, dentre os quais, destaco a afirmação daquele que possui o maior grau hierárquico ao validar o título de pai em decorrência das relações construídas, dando importância à forma como Thiago, os guias e os médiuns que frequentam sua casa constroem sua proximidade. Essa legitimidade é construída e reconstruída cotidianamente. A afinidade aparece como uma das razões para a sua decisão, logo, não dependendo apenas de sua vontade particular, a rede de relações e as circunstâncias cotidianas são determinantes para o exercício e manutenção de sua posição de comando. Mais do que isso estão as influências das entidades, pois tendo essa posição diferentes origens e sentidos, destaca-se justamente a “força” e “firmeza” dos guias espirituais que *passam* por ele. As relações com seu Pedro, caboclo Aymoré, Exu Morcego e o erê Ketlen são decisivas nesse contexto.

Se Thiago passou a ser considerado pai, André, Pedro e Yasmin tornaram-se, legitimados pela *doutrina omokutena*, irmãos. Eles deitaram juntos no *roncó*⁵², momento oportuno para que outra conexão fosse criada. Agora se tornaram mais próximos e,

⁵² Um quarto sagrado no terreiro onde ficam recolhidos os médiuns que estão passando pelo processo do batismo esperando serem apresentados aos irmãos e demais familiares de santo.

consequentemente, afunilaram os laços formando um novo grupo: o dos batizados (além de tornarem-se irmãos e serem reconhecidos como tal). Os graus de inclusão dos novos iniciados os colocou frente a encargos e deveres, bem como, obrigações que passaram a ser realizadas pelos três. Aquele que é iniciado vai adquirindo o direito de participar e “ver” aspectos mais profundos do cotidiano acumulando conhecimento gerando maiores aproximações entre alguns.

Antes do batizado dos três, a família de santo envolvia Thiago, Fran e Elisa, mas com a chegada dos mais novos *omokutenas* e o nível hierárquico de alguns subindo, essa configuração começa a ser alterada. Em algumas ocasiões, ficou bastante evidente também que há diferenças na maneira como as entidades estabelecem a interação com cada um. No que se refere aos médiuns batizados, há uma maior intensidade nas exigências e cobranças. Já com os não batizados, elas parecem ser mais compreensivas e tolerantes. Sendo assim, a presença de novos batizados marca uma importante relação definida pela rigorosidade.

Figura 29



Figura 30

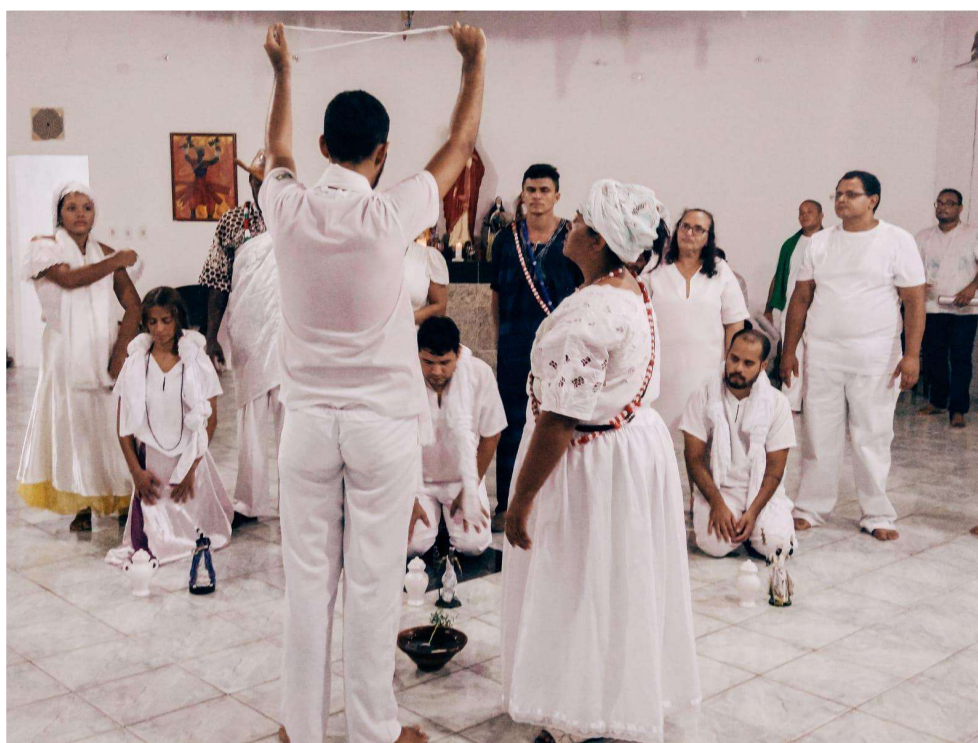


Figura 31



Figura 32



Figura 33



4.3 “MINHA CASA NÃO É TERREIRO!”: CONFLITOS E DISPUTAS

O tópico anterior apresenta um espaço harmônico e afetivo, construído na convivência e visto como uma forma de família. Apesar disso, as situações vividas pelas pessoas, no contexto do meu campo, eram compostas também de contradições e conflitos. Na vida cotidiana, conviver com diferentes pessoas nos deixa propícios a brigas, desentendimentos, decepções etc. Cáceres (2016) ao estudar sobre como a troca verbal promove a criação de uma comunidade, indica que “o mesmo fator que cria vínculos sociais é desencadeador de desestabilizações nas relações” (CACERES, 2016, p. 301). Gluckman (1987) ao estudar sobre os Ngumi na Zululândia, afirmou que os conflitos são comuns nas relações entre humanos e, apesar de meu campo ser outro contexto, eles também nunca deixaram de passar despercebidos, notando o quanto poderiam ser um potencial revelador da realidade daqueles com quem convivi, demonstrando as contradições sociais e os jogos de poder.

No começo e ainda com a casa “pequena” os conflitos se davam muito mais pelo que acontecia entre a família consanguínea do que pelos acontecimentos em decorrência das *passagens*. Acredito que eles tenham sido potencializados justamente quando a “*a casa cresce*”, fazendo crescer as relações, os afetos, o poder, a independência, os ciúmes, as disputas etc. “*Sei que tudo tá diferente. Sei que tudo mudou*” disse Fran, em um tom melancólico, ao falar sobre as transformações na/da casa e nas pessoas (Diário de Campo, em

21.12.2021). Para ela, a chegada de novas pessoas desencadeou o afastamento do filho e da nora. “*Eu sou a mãe dele, é bom que ele lembre disso*” repetiu inúmeras vezes ao se sentir incomodada com algumas aproximações. Com isso, a inserção de outros sujeitos na trama relacional parecia, de algum modo, ameaçar as relações consanguíneas que acabavam por reconfigurar os contextos familiares. Afastamentos, rupturas, afrouxamentos dos laços e aproximações começaram a modificar as configurações anteriores.

É necessário enfatizar que Fran estava diante da abertura do portão de sua casa enquanto todos os outros portões estavam sendo fechados por causa da pandemia. É incontestável o quanto ela representa o começo de tudo e de todo incentivo dado ao filho e a sua nora para desenvolverem as suas mediunidades e ajudarem no desenvolvimento de outros. Mais do que apoio emocional, já que por vezes se fez resistente diante de algumas situações, ela foi quem os ajudou financeiramente a fazer com que as *passagens* existissem, bem como, com que Thiago e Elisa conseguissem passar da primeira *graduação omokutena*. Sendo responsável nesse sentido, Fran também tentava controlar o máximo que pudesse o ritual.

A hora certa para começar e acabar, quantas pessoas poderiam participar, o que seria ofertado na hora do lanche, os lugares em que as visitas deveriam sentar-se, até mesmo a quantidade de álcool que as entidades deveriam ou não consumir. Tudo passava por suas ordens, observação feita por todos os presentes. Dentre as opiniões geradas a respeito do seu comportamento, estavam as que a consideravam controladora e as que acreditavam que suas atitudes significavam zelo, garantindo assim a organização do espaço. O poder da matriarca desde o princípio fora reconhecido por todos.

Em 2020, em virtude da pandemia, distanciar-se do convívio significava a luta pela sobrevivência. Não demorou muito para que o distanciamento social que já existia aumentasse, mas agora em um nível que fugia de qualquer controle. Foi um ano de isolamento, tristezas, perdas, doenças, saudades, carências e tantos outros sentimentos que nos atravessaram por meses, até o crescimento gradual da *passagem* acontecer - afinal, ainda estávamos na pandemia. Considero o que antecede ao crescimento da casa como fator propulsor para as relações que viriam a ser construídas em 2021.

Com a chegada de novas pessoas na casa dos meus parentes, os conflitos começaram a surgir principalmente quando a minha irmã não conseguia mais controlar tudo, embora continuasse tentando. A paradoxal relação de inversão na relação de subordinação entre os que compõem a *passagem* veio a gerar insatisfações de diversas ordens, pois ao invés de reconhecer as diferentes autoridades como complementares e benéficas à constituição da casa, por vezes eram percebidas como concorrentes e provocadoras da divisão de poderes.

Demorou até entender que as relações construídas estavam para além do ritual, não existindo exclusivamente nas noites de *passagem*. Também foi difícil compreender as responsabilidades exigidas em torno do seu filho e sua nora, ainda que isso já houvesse sido anunciado pelas entidades. Ouvimos, incontáveis vezes, as entidades dizerem que quanto mais poder uma pessoa tem, mais responsabilidade lhe é cobrada. Assumir uma maior posição hierárquica indicava um aumento de responsabilidades frente ao grupo, seja em relação aos processos rituais, seja na distribuição do poder de mando, seja ainda na construção do respeito.

Recordo que o primeiro grande embate surgiu quando Fran questionou Thiago e Elisa sobre a necessidade da *passagem de desenvolvimento*. Ela sempre deixou muito claro que não considerava necessário o acontecimento desse momento. Para ela, as *passagens abertas* ou *fechadas* eram suficientes.

O filho e a nora tentaram diversas vezes explicar a razão, inclusive a convidando para participar, já que, segundo as entidades e o pai de santo, ela também precisava se *desenvolver*. Nas duas vezes que o ritual aconteceu, ela se absteve, preferindo sair com o seu namorado. É na figura dos três que percebo o principal ponto de tensão, quando penso nos desdobramentos que a *passagem* acarreta.

Eu, por todas as denominações que carrego, acabei presenciando boa parte dos desentendimentos e percebi que neles moram a possibilidade de afastamentos, ressentimentos, mágoas que, por vezes, afetam também a realização das *passagens*. “*Como eu vou cuidar de pessoas se minha casa está totalmente desequilibrada, minha tia?*” disse-me Thiago, horas antes de iniciar uma *passagem*, depois de uma discussão com sua mãe. Percebendo o quão triste ele estava, perguntei se não havia possibilidade do ritual ser adiado. Prontamente ele disse que não poderia, pois o seu Zé Pilintra, em um momento anterior, já havia o avisado da necessidade de conversar com alguns médiuns e iria seguir o seu desejo. As demandas precisavam ser cumpridas.

Em uma outra ocasião de conflito, mas dessa vez dias antes do ritual, Elisa me disse o quão difícil era para os espíritos se *firmarem*, quando a cabeça do médium estava abalada. Era preciso estar com a cabeça equilibrada para que as entidades pudessem trabalhar com firmeza, sem nenhum atrapalho. Naquela semana, estando Elisa e Thiago desequilibrados, eles resolveram não *abrir passagem* com o “*coração na mão*”, afirmaram se lamentando. Essa atitude foi reconhecida depois pelas entidades como um sinal de responsabilidade para com os demais. Portanto, ao legitimarem essa decisão que, num primeiro momento poderia parecer incompreensível aos demais, ajudaram a guiar o seu modo de agir de maneira mais coerente. Diante das narrativas discutidas, o comprometimento em torno da *passagem* se manifesta de

duas formas, como decisão e como obrigação. Disto depreende-se que o ritual congrega tanto um trabalho emocional, como físico.

Todos os preceitos e a organização ritualística da *passagem* pressupõem a existência de uma dimensão que não é só a humana. Quando os dois decidem por não *abrir* o ritual, eles não o fazem sem a certeza de que as entidades estão cuidando da situação, afinal, carregam a certeza de que suas vidas além de serem influenciadas por fatores sociais, culturais e econômicos, são determinadas por outra esfera que escapa a essa realidade e que não pode ser explicada pela ação de nenhum destes âmbitos. O momento em que Thiago abre *passagem* apenas por conta do desejo do seu Zé Pilintra traduz esse pensamento e confirma outro: a dimensão religiosa e espiritual não se opõe e não se separa da vida cotidiana. Pelo contrário, eles sabem que as duas dão sentido e orientam suas ações e condutas. Portanto, sabem que não abrindo as portas de casa no dia de *passagem*, poderão vir a abri-las em dias aleatórios sempre que alguém precisar.

As remarcações e cancelamentos aconteceram diversas vezes durante o período da pesquisa de campo, o que afetou a todos, chegando ao ponto de haver uma pausa: foram quarenta e cinco dias sem ritual. Meus parentes agiram assim para evitar que outras pessoas se envolvessem ou que brigas maiores fossem geradas. Elisa e Thiago não queriam que as discussões afetassem a relação da família que estava sendo construída, portanto, era importante manter a discrição para que as brigas fossem resolvidas sem mais participações. Afinal, para eles, a briga é menos grave quando só os abarca. Contudo, o não envolvimento não impede às pessoas saberem sobre as discussões ou serem lugar de escuta. Em diversas situações, uma rede de informações era acionada no sentido de deixar a *comunidade* ciente do que se passava. Telefonemas, chamadas de vídeo, um convite para um café ou mensagens em tom de desabafo como “*tá podendo falar agora? Preciso conversar!*” eram acionados com o intuito de narrar o conflito e obter apoio, ainda que em forma de empatia.

Com a casa estremecida, todos os que fazem parte dela enxergavam as rachaduras e vendo-as, questionavam o porquê. Contudo, querer saber também era diferente de escolher um lado. Apesar da neutralidade, saber não impedia que alguém se mostrasse solidário a outra pessoa. Outros preferiam se afastar do circuito de informações. “*Quanto menos eu souber, melhor*” me disse um interlocutor sobre os conflitos da casa. Nesse caso, a neutralidade para além da não tomada de partido, se relacionava ao afastamento das discussões da casa. De todas as formas, era em meio aos conflitos que se destacava com mais intensidade um modo de conviver entre parentes, baseado no exercício de diversas modulações para as aproximações e os distanciamentos. Eu observei que diante de acontecimentos conflituosos, os interlocutores distinguiam “briga de família” e “briga na eira”, sendo a primeira referente à família nuclear, a

consanguínea que abre as portas de casa a quem precise; e a segunda referindo-se à família construída em decorrência das *passagens*.

Em ambos os casos as entidades servem constantemente como mediadoras, alertando que apesar das diferenças, deve-se ter o cuidado para que os conflitos não coloquem a família em situações de desagregação. É necessário cuidar das relações. É preciso saber negociar, (re)conhecer o momento de engolir o orgulho, silenciar e reconhecer o erro. Muito preocupadas todas as vezes que *desciam* e a casa estava com as relações abaladas, as entidades conversavam comigo para que eu ajudasse os envolvidos a *ficarem bem*. As brigas não deviam colocar em jogo a relação familiar e nem o futuro da *comunidade* e aquelas consideradas fúteis eram veemente reprovadas.

Sinto que, embora haja exceções, algumas vezes eu consegui realizar o que fora me pedido porque era severamente lembrada de ser o “*pilar*”. Apesar de até o momento dessa escrita ainda me perguntar o motivo desse título, eu acredito ter sido uma forma de me pedirem para apaziguar a situação sem tomar partido de nenhum dos lados. Tarefa nada fácil, diga-se de passagem. O pilar, para eles, significava ser o ponto de encontro e de escuta daqueles que continuamente discutiam. Seu Luzeiro disse, uma vez, que não aceitaria brigas dentro da sua casa, muito menos que elas interferissem no ritual. Quando presente em *passagens em* que os conflitos eram evidentes, ele aproveitava o momento para explicitar sua opinião a todos, no sentido de orientá-los à resolução dos conflitos. Diante dessas situações, é importante destacar o papel central da oralidade, da palavra como vetor para a solução das crises. Nesse lugar, humanos e espíritos compartilham não só o espaço como a vida e a produção de um conhecimento que orientam socialidades (STRATHERN, 2009). Intervir em momentos de conflito, para as entidades, ajuda a construir uma relação de respeito, atenção e engajamento pelo bem-estar da família.

Tão importante quanto o ato que identifica o clímax desses conflitos é o intervalo que se cria a partir dele, momento no qual se apreende que um dos fatores mais significativos desses acontecimentos diz respeito à delimitação e redefinição de vínculos e fronteiras. Como já afirmei, todos são afetados pelos conflitos. Nesse sentido, um mês sem *passagem* significa um mês sem ter a oportunidade de os encontros ocorrerem, se fortalecerem e do *desenvolvimento* progredir. Algumas pessoas não lidaram bem com essa ausência, colocando fim no vínculo que existia e outras fizeram com que os percalços consolidassem os laços. Thiago e Elisa sempre conversaram comigo sobre a casualidade com a qual os conflitos eram tratados dentro e fora da casa, afinal são cientes que aqueles que frequentam a *passagem* também conversavam sobre.

Para ambos, o que preocupava era a manutenção do ritual, pois ela garantiria, de certa forma, a permanência das pessoas.

Apesar dos desentendimentos e do cansaço emocional, os dois sempre tentaram fazer o possível para que ele acontecesse, promovendo bons atendimentos e espaços de escuta. Fran também é consciente da importância do ritual, bem como do seu desejo - algumas vezes - para que ele não ocorra. Em uma de nossas conversas tendo a *passagem* como assunto, ela afirmou que “*tem dia que eu não quero passagem, mas não está mais no meu controle. Nesse dia a minha casa deixa de ser minha e passa a ser das entidades deles e das pessoas que lá procuram ajuda*” (Fran, Diário de Campo em 09.12.2021).

Depois do batizado dos três novos *omokutenas*, insatisfeita com algumas atitudes do filho e da nora em relação à organização da *passagem*, Fran desabafou comigo afirmando nunca ter sido falha com os caboclos, tendo feito tudo como amor e carinho. Eu imediatamente reconheci todos os seus esforços para que tudo acontecesse da melhor forma possível desde o princípio. Ela finalizou o assunto dizendo que mesmo às vezes não querendo que a *passagem* aconteça, basta as entidades chegarem para que ela mude de ideia. O mesmo havia sido dito por seu Tranca Ruas um mês antes em uma *passagem fechada*: “*Ela faz de tudo pra não ter, mas quando tem, ela não quer que acabe*” (Seu Tranca Ruas, Diário de Campo em 03.11.2021). Fran é uma das pessoas que mais aproveita o ritual. Ela tira suas dúvidas, faz seus pedidos, pergunta sobre os seus próximos, bebe com as entidades quando lhe oferecem algo, pede proteção, quando sente alguma dor as entidades intercedem fazendo trabalhos de cura enquanto a *passagem* é realizada, mas quando algo sai do seu controle a desagradando, independentemente do motivo ser causado por humanos ou espíritos, ela muda a postura. Fica séria, calada, retraída ainda que não deixe faltar nada e respeite quem está presente, *encarnados e desencarnados*.

Presenciei alguns cenários de incômodo enquanto estive na experiência de campo. Em um deles, Fran estava aborrecida pelo encantado seu Pedro querer beber uma tiquira⁵³ que havia ganhado de Victor. Enquanto ela estava na cozinha, preparando o lanche, o encantado pediu para que Victor pegasse a bebida no armário. Ela então chegou no terraço zangada falando em um tom de voz bem alto: “*ninguém vai beber*”. Prontamente, como poucas vezes já tinha visto seu Pedro fazer, ele respondeu que ela não devia falar o que lhe não cabia. Muito séria, insatisfeita e dessa vez olhando em minha direção, reclamou que “*o combinado é uma coisa e na hora fazem outra*”. Imediatamente Fran também se queixou pelo fato de seu Zé Pilintra,

⁵³ É uma bebida artesanal típica do Maranhão, conhecida pelo seu forte teor alcoólico e por ser fermentada de mandioca.

antes do seu Légua chegar, ter bebido um copo de cerveja. Confesso que a reclamação pela tiquira, eu até entendi, por ela apresentar um maior teor alcoólico, mas quando o assunto foi a cerveja, eu estranhei, pois eles frequentemente bebem em determinados momentos do ritual. Perguntei à minha irmã o motivo. Ela informou que no dia seguinte Thiago iria “tomar” benzetacil⁵⁴ e, na ocasião, não poderia estar bebendo. Seu Pedro, que estava de olho na nossa conversa, disse que ela estava *jururu* por outros motivos e devido a isso ficava *arrumando intriga* com todo mundo. Inconformada, ela me disse que iria perguntar ao filho quem havia autorizado que bebesse. Calmamente, eu pedi que ela pudesse separar as coisas e enxergasse que não era o seu filho que estava bebendo e afirmando não haver problema em ingerir bebida alcoólica aquela noite, e sim seu Pedro, que fez questão de lembrá-la que quem acordou com ela em não beber em cima do Thiago foi *o outro* (referindo-se ao seu Luzeiro, encantado da família de Légua que também *passa* no filho) e não ele.

O problema com o consumo de álcool novamente foi pauta em uma outra noite, mas dessa vez com o caboclo Aymoré que, apesar de não fazer a ingestão, parou para ouvir as queixas da minha irmã. Quando iniciou sua fala enfatizando o seu desejo de não querer mais *bebedeira* em sua residência, o caboclo fez a mesma pergunta duas vezes: “*Quem é o dono dessa casa? Quem é o dono dessa casa?*”. Fran não lhe respondeu e novamente disse que não queria ver mais o filho dela bebendo. Vale ressaltar que Thiago, fora do ritual e não incorporado, não ingere nenhuma bebida alcoólica, portanto, e quando ela externa seu desejo, refere-se a não querer que as entidades *em cima* dele o façam. Seu Aymoré então propõe um acordo: “*Eles param de beber se a senhora parar de beber*”. Concordando com a proposta, Fran confirmou que pararia de beber durante a *passagem*, mas imediatamente foi interrompida pelo caboclo que explicou que o acordo estava valendo para a vida toda e não só no ritual. Sabendo sua resposta sem que ela lhe desse uma verbalmente, ele pediu para ela parar de *confundir as coisas* e para que todos pudessem ouvir, disse-nos que o consumo de álcool durante as *consultas* raramente é feito, com exceção de algumas entidades que fazem deste um de seus instrumentos de trabalho. *Há hora para tudo*, declarou o caboclo.

Outro conflito observado girou em torno dos horários, principalmente o de encerramento do ritual. A *passagem* tinha um horário certo para começar, mas raramente um exato para acabar. Eram diversas as variáveis que interferem nesse término, como por exemplo, a quantidade de pessoas a serem *atendidas*, os trabalhos a serem realizados, a saúde e as

⁵⁴ Por conta do seu problema de saúde, antes mesmo da cirurgia, os médicos que o acompanharam desde a descoberta da doença, disseram que ele teria que passar o “resto da vida” tendo que tomar mensalmente o antibiótico injetável.

obrigações do médium que incorpora, entre outras coisas. Foram poucas as vezes que as *passagens* se estenderam para além de meia noite e exatamente nessas ocasiões tensões foram geradas. “*Que horas vai acabar?*”, “*Não já tá na hora?*”, “*Já passou de meia noite, viu?*” - eram frases que indicavam que as pessoas, especialmente Fran, queriam que o ritual terminasse.

Durante o início da pesquisa de campo, a caminho da *passagem*, perguntei se ela saberia me responder “mais ou menos” a hora do término. “*Vou pedir pra acabar até meia noite. Estourando*” foi a resposta dada, demonstrando como ela possui um papel central na condução do ritual. Fran, em dias de *passagem*, só descansa depois de limpar a sua casa, bem como, depois de ver Thiago e Elisa alimentados e banhados. Sempre foi importante que eles tivessem essa rede de cuidado, afinal, ela consegue enxergar o quanto os dois *voltam* cansados após *desincorporarem*. Muitas vezes vimos Elisa, em condição absurda de cansaço, sentar-se para trocar de roupa e acabar dormindo; outras vezes, Thiago se recusando a comer para ir descansar rapidamente, se queixando de dores nas costas, por exemplo.

O problema não está em perguntar a hora do término, mas sim na forma como a pergunta é realizada. Quando feita em tom de dúvida, todas as entidades respondem calmamente, no entanto, quando feita em tom de cobrança e repetidas vezes, elas se chateiam. O horário de finalização do ritual também era aconselhado pelo pai de santo, embora nem sempre fosse cumprido com precisão, ou por conta da demora dos atendimentos ou pela vontade das entidades de permanecerem *em terra* para ficar conversando, bebendo etc. Contudo, elas costumam falar que não são irresponsáveis, deixando claro saber a hora de *subir*, justificando que, se ainda estão *em terra*, é porque são autorizadas a ficar, seguindo ordens espirituais nunca reveladas. Nessa hora do ritual, especialmente quando as entidades se encontravam presentes, Fran tem a sua autoridade sobre Thiago e Elisa diminuída, pois enquanto a *passagem* está acontecendo e a hierarquia *omokutena* é valorizada, ela é vista como irmã e não somente como mãe. É como se o parentesco biológico ou entre os humanos fosse colocado de lado para que o parentesco espiritual fosse visto como central. O mesmo acontecia entre Yasmin e Mariana, pois quando a primeira estava incorporada, eram as *suas* entidades que assumiam a relação de controle e poder.

As entidades e também algumas pessoas firmemente chamavam atenção da minha irmã sobre o seu modo de expor seus pensamentos. “*Dona Loba precisa saber falar. Se ela continuar assim, vai acabar ficando só*”. Essa frase, dita pelo preto velho Joaquim (entidade que *passa* em Thiago) me dizia muito sobre como ele e muita gente que frequenta a casa refletiam sobre o jeito de Fran. Diante de algumas conversas no período da pesquisa, os interlocutores acreditavam que se Fran não soubesse se expressar sem ofender a ninguém, sem ser “*bruta*”,

isso poderia incorrer em um afastamento dos demais e em uma possível solidão. Em alguns momentos, esse foi o resultado.

Outro conflito que apareceu de forma emblemática nos meus dados de pesquisa foi sobre a movimentação da casa. Em uma tarde, Fran, com muita vontade de conversar com dona Chica Baiana⁵⁵ e de apresentá-la a uma amiga que queria ajuda, convidou Sol para passar a tarde em sua casa, deixando claro suas intenções. Fran comprou bebidas para presentear a encantada e para deixá-la o mais confortável possível. Encerrada a consulta com a amiga, dona Chica permaneceu na casa, incomodando Thiago e Elisa pelo fato de estarem fazendo muito barulho, pelo consumo do álcool e por não terem sido avisados que aconteceria uma “espécie de *passagem*”, pois para eles era necessário preparar a casa para receber os espíritos. Fran ignorou as três reclamações e enquanto lavava as louças na cozinha, Thiago apareceu incorporado com seu Luzeiro, que rispidamente lhe perguntou quem era o dono da casa. Automaticamente Fran respondeu que era ela. A pergunta foi feita mais uma vez e novamente a mesma resposta. Na terceira vez, perguntou sem ao menos deixá-la responder. “*Eu sou o dono dessa casa!*”, afirmou seriamente ao falar ter sido a *primeira e última vez* que alguma entidade *desceu* sem a sua liberação. Como justificativa, Fran disse que não sabia como se comunicar para pedir qualquer autorização. “*Avisar ao meu filho!*” retrucou o encantado, encerrando o assunto pedindo-lhe mais respeito.

Quando Thiago e Elisa me contaram sobre o ocorrido, para além da chateação inicial já narrada, esclareceram que embora soubessem que Fran na relação entre humanos é a dona da casa, ela não poderia ter passado por cima da hierarquia entre as entidades. Ou seja, Dona Chica ou qualquer outra entidade que não fosse da casa só poderiam descer autorizadas por aquelas que lá eram recebidas. Afinal, “*ninguém sabe o que vem da rua*”, contou-me Thiago.

A questão do respeito às hierarquias biológicas e religiosas é algo recorrente nas narrativas. Fran enfaticamente pede que *os meninos*, referindo-se a Elisa e Thiago, a respeitem, considerando os laços de consanguinidade. Quando a *eira* cresceu, a movimentação das pessoas *fora da passagem* em sua casa também aumentou e isso trouxe novas camadas de relação entre pessoas e entidades. A casa passou a receber pessoas vinculadas por parentesco espiritual com frequência (mesmo em momentos de descontração, fora do ritual. Algumas vezes, Fran foi avisada que as pessoas estariam lá, outras não, contribuindo para o seu descontentamento. “*Errada ou não, é a minha casa!*”, desabafava sempre ao me procurar para reclamar de não estar sendo previamente avisada sobre o que acontecia dentro de sua residência. Ao afirmar que

⁵⁵ Encantada que passa *em cima* da mãe de Elisa e que raramente frequentou as *passagens*.

sua casa não era um terreiro, ela pedia que respeitassem as suas regras como dona da casa. Para ela, embora dividisse esse título com os encantados, na ausência – física - deles, é a ela que todos devem obediência.

Durante esses conflitos são desnudadas as intenções dos sujeitos, esclarecendo como o campo estava configurado. Da mesma forma que as entidades eram respeitadas por todos, Fran chamava atenção para que também pudessem entender a sua dificuldade em lidar com tantas mudanças, afinal ela sentia perder o controle da casa (ainda que nada garantisse que ela sempre o detivesse). Quando desabafava a respeito dessas circunstâncias, Fran nos mostrava como se dá o processo de absorver as transformações produzidas no cotidiano a partir da chegada e da relação com os encantados. Ela não os *recebe* por meio da incorporação, entretanto, o seu corpo e sua vida são concomitantemente atravessados por suas presenças.

Como já discutido pelas teorias do conflito abordadas pela escola de Manchester, particularmente por Max Gluckman (1974) com seus estudos sobre os “rituais de rebelião”, e por seu discípulo Victor Turner (2008), com sua análise dos dramas sociais, o conflito, apesar do seu poder transformador, tem como função evidenciar a necessidade dos compromissos e alianças entre aqueles que estão envolvidos, e não menos importante, reforçar os laços e a coesão do grupo. Essa perspectiva também é difundida pelas entidades quando enfatizam a importância de cada um para a manutenção da família. *Nada se faz sozinho, muito menos a briga*, já dizia seu Pedro nos lembrando da precisão da união, do papel de cada um na constituição da *passagem e* da família. Não ter união significa que não há investimento permanente para alimentar os vínculos. Para o encantado, o conflito é normal, contudo, minimizá-lo é e sempre será o principal objetivo. Esse cenário ganha importância porque mostra como o conflito entre pessoas e entidades emerge, em meu campo, a partir de suas intenções, suas características e diálogos que travam no cotidiano e no ritual. A convivência passa a fazer com que se considere emoções, tom da voz e interpretações na tomada de decisões e preferências.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as vezes que alguém me perguntar o que é a *passagem* ou como poderia defini-la, provavelmente darei respostas diferentes, pois acredito que se fizesse o contrário eu estaria tornando estático aquilo que é mutável, que se reinventa, que subverte e se reelabora o tempo todo. Acredito, inclusive, que essa seja uma de suas principais características: a dinamicidade. O ritual que tem em seu próprio nome a característica daquilo que se passa, não tem como ser enquadrado ou mesmo rotulado. Nesta dissertação busquei dar conta dessa dinamicidade, compreendendo a *passagem* como algo que altera e é alterada pelo cotidiano, que, por sua vez, transforma uma casa e uma família. A minha família.

Nesse sentido, ainda que eu chame a *passagem* de ritual, ela não é um tempo extraordinário completamente distinto do ordinário, um ambiente sagrado completamente separado da casa, dos brinquedos de criança, dos animais domésticos. Ela é esse lugar e tempo, quase como um entre, que reúne pessoas e entidades, tanto em termos de trajetória (um encontro em certo momento do tempo), como em termos de reunião. Por isso, inicialmente, tentei apresentar os caminhos que as quatro pessoas centrais na *passagem* percorreram até chegar na *Omokutena*, nação da qual se define o terreiro de Pai Claudio. Explorei a forma como escolheram, se encontraram ou foram guiadas – já que nada acontece em vão - até a religião que hoje fazem parte. Médiuns que se inseriram na umbanda por questões de afinidade, amor, sentimento de pertença e encantamento. Ou ainda, que foram inseridos pela ação das entidades que agiram sobre suas vidas em determinados momentos.

Explorei a forma como o terreiro se estendeu, no momento da pandemia, para a casa da minha irmã Fran, que se tornou o espaço que acolheu as *passagens* e as atividades realizadas por meu sobrinho Thiago e por sua esposa Elisa. Quando os contornos da pesquisa foram se tornando mais claros, comecei a problematizar se existia um certo padrão que caracterizasse o processo de integração de novos filhos, pessoas que surgiram a partir das sessões realizadas, por intermédio de convites que fazíamos a amigos e colegas. Utilizo a categoria “filhos” para me referir a todos aqueles que chegaram na casa dos meus parentes e permaneceram acompanhando as atividades desenvolvidas no local. Não somente eu os chamava (e chamo) assim. A partir do momento que estes os procuram externando o desejo de ficar na casa, Elisa, Thiago e as entidades passavam a chamá-los dessa forma.

Como discutido, foram vários os motivos que levaram as pessoas a quererem ficar nas *passagens* realizadas por pessoas e entidades na casa de Fran. Encontrei em meu campo aqueles que decidiram permanecer pelo que chamaram de atmosfera, pela recepção da casa e pela

multiplicidade de pessoas, entidades e situações que ali se articulavam. Nem todas se viam como desejando fazer uma trajetória da religião, ou seja, nem todas desejavam a iniciação, apesar de compartilhar os rituais. Isso também mostra como a casa estava aberta e acolhia os mais diversos interesses. Não obstante, observei que a permanência de alguns filhos como não iniciados os garantia participar da casa, mas sem necessariamente assumir compromissos ou tarefas de maior responsabilidade, tal como é cobrado dos mais experientes. Com isso não quero dizer que as pessoas tivessem consciência completa sobre o que os trazia ao espaço, nem mesmo que as entidades não participassem dessas decisões, mas chamar atenção para as diferentes perspectivas que marcavam a postura e o engajamento das pessoas presentes.

As relações entre as pessoas e as entidades, que envolviam também animais, objetos e espaços, foram por mim acompanhadas durante certo período de tempo. Nesse envolvimento e aprendizado processuais, existem momentos importantes, como a *passagem de desenvolvimento* ou ainda o batismo. Ao compreender o batismo como uma categoria que sela o compromisso dos interlocutores ao *mundo encantado*, percebi que a religião (umbanda) para eles é sentida através de movimentos em diferentes ritmos e sentidos, em que cada um sente de uma forma única e caminha conforme o seu ritmo através de suas próprias experiências e dos significados que aciona a partir de suas trajetórias. Mas, a *passagem* é também um espaço do coletivo.

É por isso que trago a *passagem* como um ritual que carrega possibilidades de novos acontecimentos, agenciamentos, experimentações e, conseqüentemente, novas vivências. Nenhuma *passagem* é igual a outra, mas essas variações não deixam de implicar em certas constâncias, no trato com as entidades, no cuidado e na disposição dos objetos no espaço. É um evento único, mas que refaz muito daquilo que já é conhecido pelas pessoas que a constituem. É nas *passagens* que se tornam explícitas as principais motivações que levavam às pessoas à eira: o envolvimento da família consanguínea como base e outros que chegaram através da busca para sanar aflições que abalam constantemente sua saúde física e/ou mental.

Ao participarem da *passagem*, os recém-chegados não ficam isolados em um lugar a parte ou possuem um momento específico para que possam aprender separadamente. Eles participam, sempre que permitido e de modos diferentes, em conjunto, pois consideram que possuir conhecimento e habilidades requer participação no campo de práticas da comunidade. Uma vez que podem observar e interagir com o completo arco de atividades envolvidas na prática em comum, os principiantes acreditam desenvolver uma visão a respeito do processo como um todo, podendo projetar no tempo o que devem chegar a produzir ao se tornarem

omokutenas. Não somente as práticas são fatores determinantes, as afinidades e um bom relacionamento também o são.

As pessoas e espíritos com quem cruzei consideram esse espaço também como um período de experimentação. A casa serve como um espaço de vivência para saberem, até então, se é esse o caminho a ser percorrido – a *passagem* é passagem também nesse sentido. Por isso idas e vindas são recorrentes. A *passagem* é considerada pelos meus interlocutores como um namoro importante antes do batismo, que é o casamento. Por esse sentido, o ritual passa a proporcionar uma visão de mundo que dá suporte para o enfrentamento das dificuldades vividas no cotidiano. Entretanto, é cobrado pelas entidades que ao fazer parte de uma família, o médium acompanhe o seu ritmo, linguagem, códigos, modos de ser, estar e pensar o mundo. Seria romântico eu afirmar que encontrei isso em meu campo, mas não. Não posso afirmar o que não aconteceu. Conflitos, tensões, disputas foram (e são) recorrentes. A individualidade ainda se faz presente entre os *pecadores*, como sempre disseram as entidades. A noção de família, pertencimento, o comprometimento é construído por meio da vivência. O que se constrói também pode ser desconstruído. Mais uma vez, o tempo é fundamental nesse processo.

Outro eixo importante deste trabalho foi o parentesco que, tal como concebido pelo campo, pode ter diferentes formulações, que conjugam a dimensão biológica e o sangue com dimensões de convivência e afinidade. As diferentes experiências de “relatedness” representam uma diversidade de compreensões, nas quais vínculos vão sendo feitos e refeitos no decorrer do cotidiano. Na dissertação insisto que a partir de uma dimensão de sangue e afinidade que compunha a casa de Fran (seus filhos, sua nora e sua neta) foram agregadas novas dimensões, a partir do parentesco motivado pela relação com as pessoas que chegavam e com as entidades. A chegada de novas pessoas foi transformando a dinâmica da casa de Fran e as relações, e por mais que fossem um processo necessário para a manutenção e crescimento da *passagem*, eram igualmente vistas como um elemento gerador de conflitos. O velho e o novo, o conhecimento e o não conhecimento, o estabelecido e a mudança, diferenças e semelhanças são características presentes e constituintes da casa e das relações das pessoas. O parentesco vai sendo constituído na forma de fazer e construir relações a partir de necessidades de troca e nas relações cotidianas que são atravessadas por afetos, palavras, morada, controles, presentes, proteção, cuidado, afinidades e também conflitos.

Enquanto procurava refletir sobre os conflitos presentes na convivência, lembrei de uma expressão popular muito usada em meu campo: “*tomar de conta*”, como uma orientação que evoca o cuidado para além da incorporação. As entidades estão presentes para *tomar de conta* de todos com quem possuem alguma relação, independentemente de serem ou não seus *cavalos*.

As relações e experiências com o campo e os interlocutores conduziram este trabalho para uma aproximação com os sentidos de cuidar/cuidado como forma de enfrentamento, como criação política e para modos de convivência e de ser com o outro. Talvez exista uma aproximação de algum dos sentidos de cuidado com o respeito transversal, especialmente no que tange à questão da dosagem e da composição de encontros entre os diversos seres, que não pretendem diluir, diminuir ou anular uma diferença na outra.

O sentido de orientação e o cuidado às vezes assume também aquilo que se assemelha ao respeito, além do aspecto de ser algo que se exige do outro. O problema encontrado entre os interlocutores é quando o uso do termo “respeito” pode atuar gerando conflitos, principalmente quando demandam posicionamentos e comportamentos. Outro aprendizado que essa experiência me permitiu foi entender que fortalecer as relações com a família – parentes, sendo estas pessoas e espíritos, faz parte de cuidar de cuidar das pessoas e de promover a continuidade. Os conflitos existem e para superá-los o movimento que meus interlocutores fazem é o de produzir, recriar e ressignificar continuamente as relações e os ensinamentos.

Eis o ponto de convergência: a família se propõe à reconstrução sempre que necessário. A instabilidade dos vínculos não é somente em decorrência da ligação consanguínea, mas, sobretudo, do enfrentamento das adversidades (apoio financeiro, afetivo, emocional, nos períodos difíceis) e por viverem um compromisso mútuo de investimentos nas relações (*passagens*, festas, conversas etc.). Estas dimensões delineiam o que ousou chamar de uma política artesanal do cuidado e da convivência, onde existe uma contínua produção das relações, das formas viver e lidar com diferentes seres e com a vida que é atravessada por eles.

Foi nesse cenário que tentei trazer uma etnografia com afetos, ou como denomina Damásio (2022, p. 7), uma “etnografia com aproximações”, pois eu estava diante e imersa nas relações de trocas, obrigações e afetos que perpassam as relações familiares e de parentesco. Como abordado, eu procurei mesclar o que eu compreendi acerca da “teoria vivida” (PEIRANO, 2014) para a execução do trabalho. Foi preciso estar mais perto para escutar e compreender, foi preciso que eu fosse morar temporariamente na casa da minha irmã para me aproximar dos dados e me deixar ser atravessada por todos que lá faziam morada. Eu estava potencializando minhas relações familiares enquanto eu fazia etnografia e vice-versa, configurando uma retroalimentação que só eram separadas conceitualmente para que melhor eu pudesse elaborar o esse texto. Levei minha família, meus amigos e os espíritos os quais trato também como pais e mães a sério, objetivando construir conhecimentos através da proximidade, que foi de fundamental importância para o desenrolar da pesquisa e debate aqui presente. Não negarei a confusão inicial de estar em campo com minha família e amigos, tornando-os

interlocutores, muito menos a extrema e maior dificuldade de transformar essa experiência em escrita, sendo necessário ser lembrada constantemente por quem orienta esta dissertação a saber como fazer, o que mostrar e como dizer, mas sempre a partir do que encontrei.

Entretanto, encerro esta escrita como a iniciei, sendo também atravessada por diversos sentimentos e com a certeza de que ainda há muito a ser discutido, questões a serem respondidas ou mesmo formuladas, afinal, esse caminho foi percorrido pela vibração de encontros e desencontros de espíritos, pessoas, coisas, espaços, tempos e vidas. A *passagem* aparece exatamente como aquilo que passa (ou atravessa) e ao fazê-lo carrega a possibilidade de deixar características velhas e agregar novas, ou seja, de transformar situações. A não definição em torno do que é a *passagem* talvez esteja relacionada com o fato de entendê-la como um movimento, tal qual o movimento feito por quem a constitui. Por fim, mas não menos importante, associo a *passagem* ao resultado desta etnografia, associando o fato de ambas serem feitas por múltiplas mãos, interferências e afetamentos.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2013.
- AHLERT, Martina.; LIMA, Conceição. M. T. “A família de Légua está toda na eira”: tramas entre pessoas e encantados. **Etnográfica**, vol. 23 (2) | 2019, disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/6858>
- AHLERT, M. **Encantoria**: uma etnografia de pessoas e encantados. São Luís/ Curitiba: EDUFMA/ Kotter, 2021, 246pp.
- ALMEIDA, R.; MONTERO, P. Trânsito Religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n.3, 2001.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2013.
- ASSUNÇÃO, Luís Carvalho de. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza. **O Reino do encruzo**: práticas da pajelança e outra (s) história (s) do município de Pinheiro- MA (1946-1988). (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- AUGÉ, Marc. **Os domínios do parentesco**: Filiação, aliança matrimonial, residência. Lisboa: Edições 70, 2003.
- AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Vozes: Petrópolis-RJ, 1983.
- BANAGGIA, Gabriel. **As forças do Jarê**: religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: Garamond. 344 pp., 2015.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, p. 11-28, 2007.
- BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues. O quem das coisas: etnografia e feitiçaria em Les Mots, La Mort, Les Sorts. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 37, p. 235-260, 2012.
- BARRETO, Maria Amália Pereira. **Os voduns do Maranhão**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1997.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações (vol. 2). São Paulo: EDUSP, 1971.

BENITES, Tonico. Os antropólogos indígenas: desafios e perspectivas. **Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia / Associação Brasileira de Antropologia**. Vol.2, n.1, janeiro 2015. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2015.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BIRMAN, Patrícia. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. In: **Religião e Sociedade**. v. 17, n -2. Rio de Janeiro, agosto/1996.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros um sobrevoo. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 13 n. 2 p. 403 – 414, 2005.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. **Cadernos do ISER** 18: 9-42, 1985.

CÁCERES, Luz Stella Rodrigues. **A arte de falar mal dos outros e outras maledicências: risos, pasquines e fofocas na comunidade Astrogilda Cafundá – Quilombo de Vargem Grande (RJ)**. Revista Antropolítica, Niterói, n. 41, p. 295-327, 2016.

CARSTEN, Janet. “Introduction: cultures of relatednes”. In: _____. (org.). **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Edinburgh: Cambridge University Press. pp. 1-36. 2000.

CARSTEN, Janet. **After kinship**. Nova York: Cambridge University Press, 2004.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. In: **R@U**, 6 (2), jul./dez. 2014: 103-118.

CASTANHA, Taísa. “Educação da audição no Candomblé: notas iniciais”. In: Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia Brasília: ABA**, 2018.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Primeira reimpressão. Editora UFRJ 2002.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016. 388p

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo? Uma (auto) análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo. **R@U: Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR**, v. 8, p. 41-52, 2016.

CRUZ, Bárbara. **Confluências e Transfluências no Terecô- Religião de matriz africana de Codó, Maranhão**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

- EDUARDO, Octávio da Costa. (1948), **The Negro in Northern Brazil**. Londres: J. J. Augustin Publisher.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo: USP/FFLCH, ano 14, n. 13, 155-161, 2005.
- FERREIRA, Euclides Menezes. **Bebeu da minha fonte e sujou a minha água**. São Luís/MA, 2000 (mimeo).
- FERRETTI, Mundicarmo. **Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti Ashanti**. São Luís: SIOGE, 1991.
- FERRETTI, Mundicarmo. Tambor de mina e umbanda: O culto aos caboclos no Maranhão. In: **Jornal do CEUCAB-RS: o triangulo sagrado**. Ano III. N. 41, 1997. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf>.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Maranhão Encantado**: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Editora, 2000.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Pajelança no Maranhão**: o processo de Amélia Rosa. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.
- FERRETTI, Mundicarmo. Brinquedo de Cura em terreiro de Mina. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 59, p. 57-78, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p57-7>
- FERRETTI, Sérgio. **O conhecimento erudito da tradição afro-brasileira**. Afro-Ásia 15: 5-12, 1992.
- FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadônu**: uma etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2ª ed. 1996.
- FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. In SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. (orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 205-228.
- FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- GIUMBELLI, Emerson. Presença na recusa: a África dos pioneiros umbandistas. **Revista Esboços** 17(23): 107-11, 2010.
- GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Brasília. Ed. UnB. 1974.1-41 p
- GOLDMAN, Márcio. **A possessão e a construção ritual da pessoa no candomblé**. Dissertação de Mestrado. PPGAS, Museu Nacional, 1984.

GOLDMAN, Márcio. A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé. **Religião e Sociedade**, 12 (1), pp. 22-54, 1985.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2003. V.46, nº2.

GOLDMAN, Márcio. Formas do saber e modos de ser: observações sobre a multiplicidade e ontologia no candomblé. **Religião e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 102-120, 2005.

GOMBERG, E. **Hospital dos Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de candomblé**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, M. C. P. A. Projeto: Ylê ayié yaya ilera (Saúde plena na casa desta existência): equidade e integralidade em saúde para a comunidade religiosa afro-brasileira. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 14, n. 34, p. 663-772, 2010.

GONÇALVES, M. Firth e os tikopia: a etnografia como experiência. **Novos Estudos** 57:185-191, 2000.

INGOLD, Tim. **Antropologia para que serve?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LIMA, Conceição. M. T. **Pagamento de tambor: conexões e visitas no terecô em Codó (Maranhão)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

LÉVI-STRAUSS. **Les Structures Élémentaires de la Parenté**. Paris e Haia: Mouton, 1967.

LIMA, V. **Cultos afro-brasileiras: Jurema, Umbanda e Candomblé**. – Rio de Janeiro: Aruanda, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

MAGGIE, Y. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGNANI, José. G. **Umbanda**. São Paulo, Ática, 1986.

MAGNANI, José. G. Doença e cura na umbanda. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 40. p. 5-23, 2002.

MAGNANI, José. G. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MONTEIRO, Pablo. G. P. **Encantaria, pajelança e prática de parto: a trajetória de Benedita Cadete / Pablo Gabriel Pinto Monteiro**. – São Luís, 2016. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Grassl, 1989.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

NEGRÃO, L. N. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 1996.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda, integração de uma religião em uma sociedade de classes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

PACHECO, Gustavo de Brito Freire. **Brinquedo de cura: um estudo sobre a pajelança maranhense, 2004**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, 20:377-391. 2014.

PEIRANO, Mariza. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília: Ed. UnB. 1992.

PEREIRA, Manuel Nunes. **A Casa das Minas: Contribuição ao Estudo da Sobrevivência do Culto dos Voduns, do Panteão Daomeano no Estado do Maranhão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª ed., 1970.

PEREIRA, Luena. **Alteridade e Raça Entre África e Brasil**. Revista De Antropologia 63 (2). 2020.

PIERRE, Albert. **Le fait religieux**. Une théorie de la religion ordinaire. Paris: Economica, 2003

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, v. dez./fe, 1996, n. 28, p. 64-83.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RABELO, Miriam. Religião e Cura: Algumas Reflexões Sobre a Experiência Religiosa das Classes Populares Urbanas. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 316-325, jul/set, 1993.

RABELO, Miriam; DUCCINI, L. Corpo e Construção da Pessoa: refletindo sobre a possessão no candomblé. In: **23a Reunião Brasileira de Antropologia**, 2002, Gramado. ABA - 23a Reunião Brasileira de Antropologia, 2002.

RABELO, Miriam. Rodando com o santo e queimando com o espírito: possessão e a dinâmica de lugar no Candomblé e Pentecostalismo. **Ciencias Sociales y Religión**. Porto Alegre, v. 7, n.7, p. 11-37, 2005.

RABELO, Miriam. A Possessão como Prática: esboço de uma reflexão fenomenológica. **Mana**, v.14 n.1 p. 87 – 117, 2008.

RABELO, Miriam. A construção do sentido nos tratamentos religiosos. In: **Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde**, v. 4, pp. 3-11, 2010.

RABELO, Miriam. **Enredos, Feituras e Modos de Cuidado**: dimensões da vida e da convivência no candomblé. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2014. v. 1. 294p.

RABELO, Miriam. “Aprender a ver no Candomblé”. **Horizontes Antropológicos**, vol. 21, nº 44: 229-251, 2015.

RABELO, M; ARAGÃO, R. Caboclos e Orixás no Terreiro: modos de conexão e possibilidades de simbiose. **Religião & Sociedade**, v. 38, n. 1, p. 84-109, 2018.

SAHLINS, Marshall. **What kinship is-and is not**. Chicago: University of Chicago Press. 2013

SARTI, Cynthia. A família como ordem simbólica. In: **23º Encontro Anual da ANPOCS**, 1999, Caxambu (MG). Programa e Resumos, 1999, v.1, p.116.

SILVA JÚNIOR, J. B. (2013). Tempos de Festas: na umbanda e no candomblé em Porto Velho. **Revista Labirinto**, 19, 32-47.

SILVA, Márcia A. T. **Memória e umbanda**: uma análise da trajetória de José Cupertino em São Luís. Programa de Pós-graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, 2016. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras, São Paulo, Edusp, 2000, 194 pp.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. In: **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 1, n. 20, p. 157-167, jan./jun., 2001.

SOUTY, J. **Pierre Fatumbi Verger**: du regard détaché à la connaissance initiatique. Paris: Maisonneuve & Larose. 520 pp, 2007.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**. Campinas, Editora Unicamp, 2009.

TURNER, Victor. (2008). **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF.

VELHO, Otávio. **Trabalhos de campo**: antinomias e estradas de ferro. Aula inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, mar., 2006.

VERGER, Pierre. (1990), **Uma Rainha Africana Mãe de Santo em São Luís**. São Paulo: EDUSP: 151-158.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos estudos** [online], 2007, vol.77, p. 91-126. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a06n77.pdf>